BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFE'

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVIII • AGOSTO DE 1953 • N.º 318

DEC 1953

Conforme nosso aviso reiteradamente publicado, foi cancelada a remessa dêste Boletim a tôdas as pessoas ou entidades que não nos comunicaram desejar a continuação do recebimento. Àquêles que, porventura o desejem, pedimos solicitar o restabelecimento da remessa.

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVIII	AGÔSTO DE 1953	Número 318

Sumário

COLABORAÇÃO:

Um problema difícil: os preços do café — J. Testa
Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans
Deficiência de microelementos em cafeeiro — Coaracy M. Franco e Heli Camargo Mendes
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Efeito dos inseticidas orgânicos sôbre as larvas do bicho mineiro do café no interior das galerias — H. F. G. Sauer
Importância capital exerce o processo de secagem na formação da qualidade do café
A plantação do cafeeiro em renques de nível — José Ferreira Veloso
A produção de um cafèzal em terra recuperada — Edgar Fernandes Teixeira
Durante os últimos cinco anos apenas a safra comercial de 1950/51 revelou saldo positivo — M. Mazzei Guimarães
Tipos de terras onde são cultivados os cafèzais — J. E. Paiva Neto
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

ESTATÍSTICAS:

NOSSA CAPA: — Fazenda **Vista Redonda**, de Luiz Martins Bonilha, **TIETÊ.** Lavoura nova, com cêrca de 3 anos e 8 meses, plantada em terra onde já existiu outra lavoura de café.

Para os

transportes pesados da fazenda

CARRETA AGRÍCOLA

FORTRAC

tôda de ferro e aço — construída para longa duração

- Chassis com distância variável entre eixos
- Conversão para reboque de 2 rodas
- Sistema de direção idêntico ao de automóvel
- Freios hidráulicos, com dispositivo de segurança
- Rodas reforçadas, montadas sôbre rolamentos de esferas
- Engate traseiro para outras carretas
- Suportes para fixação da carroceria
- Eixo tubular telescópico de grande flexibilidade
- 6.000 quilos de carga útil, com pneus 750 x 16 - 6 lonas

Procure o seu Revendedor Ford.
Solicite informações sôbre a Carreta Agrícola FORTRAC.

FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC. — SÃO PAULO

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Enxada Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalho melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

Um problema difícil: os preços do Café

J. TESTA

Evidentemente não é fácil ajustar os preços de qualquer mercadoria, em função do custo e da venda. Nem a tôdos é possível a solução ideal, encontrada, entre outros, por Henri Ford, de produzir cada vez mais e a menor preço, ganhando muito devido ao grande total de vendas, mas beneficiando ao seu operariado e ao consumidor.

Relativamente ao café, a questão dos preços sempre foi difícil, pois a produção agrícola é, como uma vez dissemos, verdadeira loteria: depende de múltiplos fatores, quasi todos incontroláveis pelo produtor. Sempre houve, com maior ou menor acuidade, um problema dos preços do café. Mas, antigamente seus aspectos eram diferentes, com especialidade em um dêles: a intervenção governamental, que era pràticamente nula. Estava-se ainda nos tempos áureos do absenteismo estatal: comprava-se e vendia-se sem restrições, as moedas eram livrementes permutáveis, o ouro se adquiria em qualquer local, não havia licenças de importação ou subsídios à exportação. O Estado era o do **laisser-faire.** Quanto ao café, principalmente, quase nada pediam os produtores ao govêrno. E, por sua vez, êste não retinha o produto, não lhe disciplinava o escoamento, não lhe impunha preços, não o valorizava, não o tabelava. Pragas não havia, graves. Nem super-produção. De adubos, inseticidas ou máquinas agrícolas não necessitava, ainda, aquela incipiente lavoura dos nossos avós. E, quanto ao braço, era gratuito.

Por certo, também naquêles tempos interessava a questão dos preços. Mas, essa era uma questão que se resolvia por si. Já que o govêrno pouco intervinha no assunto e, aliás, pouco podia fazer, o produtor raramente o invocava. Resolvia, de per si, os casos, apenas com o auxílio dos comissários.

Hoje a questão é bem diversa. A partir do convênio de Taubaté, em 1906, a ingerência do Estado nos assuntos cafeeiros, (aliás em todos os assuntos) foi-se tornando cada vez maior.

Nem se fale nos países atrás da "cortina de ferro" onde o Estado é senhor de tudo. E nem mesmo dos Estados meios socialistas do norte da Europa, pois, ainda as nações mais individualistas, como os Estados Unidos e o Brasil, têm chegado a fazer o contrôle dos preços das importações, do câmbio e outros.

* * *

O café, no Brasil, devido à sua extrema importância na vida nacional e às suas peculiaridades de produção e comércio, sua sensibilidade, sua vulnerabilidade, tornou-se um artigo de permanente contrôle governamental. Só haveria um meio de prescindir da tutela do Estado: organizarem-se os produtores em uma entidade de tremenda eficiência, unidade de direção e possibilidades financeiras, capaz de se impôr a grande tarefa e a enorme responsabilidade de arcar com a defesa dos interêsses cafeeiros. E, mesmo nesse caso, imprescindível seria o apôio pelo menos legislativo e executivo do govêrno, chamado a votar e a fazer cumprir leis que deveriam ser adotadas com relação às atividades cafeeiras.

PRODUÇÃO DE CAFÉ, NO ESTADO DE S. PAULO

MÉDIA, EM ARROBAS POR MIL PÉS, DESDE A SAFRA DE 1926-27 ATÉ A DE 1953-54

Safra colhida em	Arrobas por mil pés
1926	40,42
1927	67,88
1928	25,80
1929	64,32
1930	33,43
1931	60,37
1932	32,89
1933	55,48
1934	28,68
1935	39,77
1936	44,98
1937	51,62
1938	43,20
1939	47,41
1940	45,69
1941	18,97
1942	25,48
1943	28,09
1944	16,72
1945	23,51
1946	31,13
1947	27,70
1948	35,27
1949	33,15
1950	30,33
1951	25,25
1952	31,00
1953	28,66

(Dados da SSC)

Dessa ingerência do poder público nos assuntos cafeeiros, ingerência que tem sido muitas vezes condenada mas outras tantas solicitada conforme as circunstâncias, surge o problema dos preços pela forma como é êle colocado, no momento.

Certamente, quem faz o preço de uma mercadoria é, ainda, em última análise, o produtor, mas de acôrdo com a procura, com o consumidor. E, no caso, o produtor alega que nem sempre as cotações vigentes em um certo momento são decorrentes da oferta e procura, mas, em grande parte, de manobras, de defesa ou desamparo do mercado, de financiamentos, de estoques nos portos, de convênios comerciais, de câmbio, de transportes, medidas essas que estão, na maioria, sob a alçada do poder público.

Visam estas considerações a explicar porque se tornou tão aguda e agitada a questão dos preços de café, no momento. É que êles dependem em grande parte, não sòmente das disponibilidades presentes e futuras e da capacidade de compra dos mercados consumidores, mas, principalmente, de dois outros fatores: câmbio e financiamento.

Deveria dizer respeito a questão dos preços de venda do café, primordialmente, quase exclusivamente, ao cafeicultor, o homem que se exaure e se mata para produzir nosso artigo número um de exportação. Acontece, todavia, que o café no Brasil não é apenas um produto comercial como qualquer outro. Muito ao contrário, o país inteiro depende dêle, quanto às receitas orçamentárias, às cambiais de importação, ao padrão de vida e capacidade aquisitiva de grande parte da população, donde a indireta dependência em que êle mantém as indústrias, o comércio, as ferrovias, os portos, as prefeituras. Mesmo como artigo de consumo obrigatório, é êle indispensável à quase totalidade do nosso povo, que, naturalmente, não o quer pagar demasiado caro.

Assim, todo mundo é interesado no café, e demasiadamente interessado: seus preços, seu câmbio, a forma de escoamento para os portos, a época de venda, tudo isso interessa ao Tesouro Federal, ao Banco do Brasil, às estradas de ferro, aos Estados, aos portos cafeeiros. De tudo isso resultam situações como a presente: o cafeicultor julgando, com bôas razões, inoportuna a época de venda e não satisfatórios os preços; e aquelas outras entidades, também interessadas no café, acreditando oportuna a ocasião de venda e adequadas as cotações.

Estamos, é bem de vêr, em face de mais um impasse. Como temos visto, a lavoura não se conforma com o que chama "confisco cambial"; julga baixos os preços e insuficiente a base de financiamento; e, em parte porque vem embarcando lentamente a atual safra, em virtude das "quebras" no rendimento e outras dificuldades, em parte por esperar melhores cotações, não oferece imediatamente à venda o seu produto.

As outras classes, de que foi expoente a autorizada a palavra do Presidente do Banco do Brasil, julgam pelo menos satisfatórias as cotações e conveniente uma política de vendas, no momento, já para fazer cambiais urgentes, já para impedir que, com as nossas retenções, despertemos a concorrência estrangeira.

Preço médio, em cruzeiros, do café brasileiro (por saca posta a bordo)

DE 1926 A 1951

Ano civil	Preço por saca, a bordo	
1926	170$719	(em mil réis)
1927	170$401	
1928	204$620	
1929	191$871	
1930	119$540	
1931	131$483	
1932	152$820	
1933	132$791	
1934	149$468	
1935	140$689	
1936	157$307	
1937	178$130	
1938	134$177	
1939	135$427	
1940	131$935	
1941	182$503	
1942	270,03	(em cruzeiros)
1943	277,16	
1944	286,18	
1945	299,24	
1946	417,06	
1947	519,02	
1848	515,57	
1949	599,45	
1950	1.072,31	
1951	1.189,44	

(Dados da SSC)

* * *

Verificado, assim, o impasse e examinando a questão de um ponto de vista imparcial, devemos reconhecer que, se não todos, pelo menos uma grande parte dos lavradores de café se encontram em dificuldades para atender aos seus compromissos, sofrendo realmente prejuízos, apesar dos aumentos de preço verificados nos últimos anos. É que, contra esse aumento de preços militam dois fatores: em primeiro lugar, não obstante tenham subido os preços de venda do café, em certos casos subiram ainda mais os preços de compra de tôdas as utilidades necessárias à lavoura, tais como máquinas, adubos, inseticidas, sacaria, transportes, etc; em segundo lugar, os preços de venda, apesar de terem subido, nem sempre compensaram a queda verificada na produção, por árvore, que, de um modo geral, declina constantemente, já pelo envelhecimento dos cafeeiros, já pelas irregularidades climatéricas (sêcas, geadas, etc.) A maioria dos lavradores das **zonas velhas,** tem, realmente deficits financeiros, que só podem ser, em certos casos, compensados por outras culturas da fazenda, ou pelo setôr da pecuária. Na média de produção do Estado de S. Paulo, dos últimos anos, que é de 30 arrobas por mil pés, são necessários 133 cafeeiros para produzir uma saca de 60 quilos, que, no interior, nem sempre alcança mais de 1.200 cruzeiros. Ora, são numerosas as fazendas onde o custeio fica em mais de 10 cruzeiros por pé, o que, nesse caso, daria 1.330 cruzeiros. Isso quanto à média de produção, sendo de notar que, naturalmente, em muitas outras propriedades da zona velha, a produção fica abaixo de 30 arrobas por mil pés. Acontece, de outra parte, que muitos proprietários, principalmente os menores, os quais não fazem grandes gastos de adubação e de melhoria, conseguem um custeio mais baixo, realizando lucros à custa do desgaste da terra. A não ser êstes e os das zonas novas ou de melhor produção, os outros têm, realmente, deficits. Justificadas são, pois, dêsse ponto de vista, as medidas que êles pleiteiam, como a abolição da atual taxa cambial ou o financiamento em bases mais elevadas (1.500 cruzeiros).

Acresce outro argumento dos cafeicultores: o de que não é justo seja atribuida apenas a uma classe êsse papel de Atlante, carregando às costas tôda a economia e tôda a finança nacional.

Apesar de razoáveis essas observações, os argumentos contrários são, também, de grande valia: alega-se que o país não pode prescindir das cambiais e do apôio financeiro que lhe dá o café; que, embora injusta a sobrecarga contra a lavoura cafeeira, é ainda o café único produto que pode arcar com êsse onus, imprescindível para que o país sobreviva; e que —argumento muito ponderável— preços além de um certo limite estimulam três fatores negativos: sucedâneos restrição do consumo e concorrentes.

* * *

Como resolver o problema? A única forma natural seria conseguir produzir o café a menor preço. Lucrariam todos: produtores e consumidores. Mas, para atingir essa meta, só há dois caminhos: um, quase impossível, que é diminuir o custo da produção; outro, realizável, porém sòmente a longo praso: conseguir maior produtividade dos cafeeiros.

Dizemos ser quase impossível conseguir a redução do custeio porque, estando a sua majoração dentro da espiral inflacionista, os preços de custo se encadeiam uns nos outros, sendo problema insolúvel deter ou reduzir qualquer dêles, como, por exemplo, o custo da mão de obra. Para pagar menos aos seus colonos e outros empregados, precisaria o fazendeiro contar com uma frente única, isto é, uma redução em tôdas as outras fazendas e em todos os setôres de atividade, como a indústria e o comércio. Como conseguir, por exemplo, dinheiro mais barato se êle é escasso e todos lhe andam à procura, se não temos um Banco Central ou um Banco Hipotecário, se temos, ainda, necessidade de emitir? Medidas a serem tomadas contra os intermediários que encarecem certos artigos para a lavoura, seriam dificílimas e quase inoperantes, como sabemos por outros casos. Restaria a liberdade cambial, que advogam muitos lavradores. Mas, essa encareceria tudo e, na sua espiral altista, acabaria arrastando os preços da mão de obra e de tudo mais. Não se conclua que é de todo impossível uma redução nos preços. Mas, dependeria de muitas medidas, tendo por base uma nova política bancária, uma substancial melhoria dos transportes e uma pausa nas emissões e nos gastos. Tudo isso, memo que realizado, levaria tempo.

E a outra solução, a do aumento da produtividade? Essa é mais viável, e já vem sendo conseguida em numerosas fazendas, mesmo da chamada zona **velha**. Trata-se, em suma, da adoção de melhores processos agronômicos, que, quando tomados em conjunto, aumentam notàvelmente o rendimento dos cafèzais. Alguns dêles, isoladamente, já podem trazer melhoria, como a adubação, o combate às pragas, o replantio das falhas. Mas, é evidente que se usados todos, desde a escolha da melhor semente possível, procedente de plantas de alta produtividade, até o plantio em terras adequadas, os processos conservacionistas do solo, e outros, a produção **por árvore** ou **por alqueire** melhorará notàvelmente. E, não será preciso demonstrar que um cafèzal, dando apenas para cobrir o custeio na base de 30 arrobas por mil pés, passará dar a renda desde que tenha uma produção de 60 arrobas, e terá, pràticamente, as mesmas despesas.

Entretanto, como diziamos, êsse aumento de produtividade, embora possível, como hoje sabemos, mesmo nas zonas velhas, só pode ser conseguido lentamente. E, há mesmo um certo círculo vicioso, pois o aumento só pode ser conseguido se o lavrador tiver melhores preços ou melhor financiamento e, em consequência, puder tratar melhor seus cafeeiros. Em suma: gastar mais. Para êsse processo de melhoria, deverão também concorrer os planos e os auxílios do I.B.C.

O problema, entretanto, não comporta espera. Deve ser resolvido sem demora. Necessário se torna encontrar outra solução, já que muitas das aventadas são, infelizmente, inexequíveis umas e de ação lenta outras. A única que nos parece possível, equitativa, com menores males e de execução relativamente rápida, seria uma subvenção temporária às lavouras deficitárias, subvenção essa que teria, de início, o mérito de permitir um auxílio direto à lavoura cafeeira por parte de outras atividades que, como o comércio, a indústria, a finança, em grande parte têm prosperado à sua sombra e auferido dela os seus principais lucros, nela encontrando os seus principais clientes.

Poderia talvez essa subvenção enquadrar-se no art. 2.º letra d, e art. 3.º § 1.º, da lei 1.779, que criou o Instituto Brasileiro do Café e, nêsse caso, seria feita às próprias expensas da lavoura cafeeira.

Duas graves objeções se podem fazer a essa idéia: uma, a dificuldade de sua execução prática e desburocratizada: outra, o perigo de por êsse método se impedir uma natural deflação das plantações deficitárias, permitindo fossem mantidas, à sombra dessa proteção, lavouras onerosas. Ambas as objeções poderão ser removidas se houver espírito objetivo, realizador, dinâmico, no tratar do assunto. Desde os trâmites legislativos até a execução prática, o assunto deveria ser encaminhado com eficiência, rapidez, sem questiúnculas de **lana caprina**, dessas que infelizmente existem numerosas na papelada burocrática e na marcha das leis pelo Congresso. Se o assunto pudesse ser tratado sem demagogia, sem eleitoralismo, sem excesso de regulamentos, de artigos, de emendas, sem populismo, sem trabalhismo, enfim se fôsse encarado de modo prático, eficiente, rápido, comercial, uma solução bastante razoável poderia ser assim encontrada, para êsse problema do momento: o dos preços do café.

RESULTADOS FINANCEIROS DA CAFEICULTURA PAULISTA

(de 1949-50 a 1953-54)

Anos comerciais	Custeio por mil pés Cr$	Cr$ por saca beneficiada		Diferença entre custo e preço Cr$ + ou —
		custo	Preço de venda	
1949/50	4 751,32	586,58	555,40	— 31,18
1950/51	5 464,05	620,91	1 092,50	+ 471,59
1951/52	7 027,29	1 033,42	1 022,70	— 10,72
1952/53	7 800,29	1 068,53	1 063,50	— 5,03
1953/54 (preliminar)	8 432,75	1 258,59	1 120,00	— 138,59

(Dados da **Divisão de Economia Rural** da Secretaria da Agricultura, divulgados pelo Sr. M. Mazzei Guimarães)

CONTABILIDADE AGRÍCOLA E PASTORIL

J. BEMELMANS
Engenheiro Agrônomo

(conclusão)

XII

Fechamento anual da escrita

No último mês do exercício, faz-se o serviço comum de todos os meses, lançando-o em tôdas as contas. Credita-se também todos os serviços do trator e do auto. Entra-se em MATERIAL — Produtos, tôdas as colheitas. Lança-se ainda os juros a pagar, creditando-os em C/Correntes.

No dia 1.º imediato faz-se o Inventário geral, como descrito no parágrafo anterior.

Em seguida procede-se às seguintes operações contábeis, **na ordem indicada.**

1.º) Fecha-se cada rubrica, de cada subtítulo, do título de Razão MATERIAL, de modo a concordar com o Inventário. As faltas eventuais serão debitadas aos prováveis consumidores. Lança-se também as depreciações dos tratores e autos.

2.º) Acerta-se os subtítulos e o título SEMOVENTES, de acôrdo com o inventário, passando as valorizações constatadas, ou as desvalorizações aos responsáveis (Criações e Serviços de Animais)

3.º) Acerta-se as CULTURAS DIVERSAS relacionadas com os animais: Canavial, Batatal, Mandiocal, etc.

Nêste ponto convêm tirar o Balancete Mensal de verificação. Depois continua-se o fechamento da escrita:

4.º) Fecha-se o título CAPITALIZAÇÕES passando-o todo para Imóveis.

5.º) Acerta-se o título IMÓVEIS com o Inventário, de acôrdo com as depreciações verificadas, o que se calcula na ocasião, debitando-as aos títulos responsáveis, ou a DEPRECIAÇÃO.

6.º) Fecha-se a conta do MOINHO, pelos Serviços de Animais e Criações.

7.º) Fecha-se parte de CONSERVAÇÕES: Arreios e veículos, Cêrcas e currais, Pastos e invernadas, pela sua repartição entre Serviços de Animais e Criações;

e Paiós, tulhas e depósitos: pela repartição entre as culturas.

8.º) Fecha-se SERVIÇOS DE ANIMAIS, repartindo entre cada título mencionado na recapitulação do Livro Ponto dos Animais. O saldo de "Carretos" será lançado em D.G. — Colonização.

9.º) Fecha-se o resto de CONSERVAÇÃO:

Caminhos às parcelas de Culturas
Casas à Despesas Gerais
Mangueirões à Despesas Gerais e à Criações
Máquinas agrárias às Culturas
Ranchos às Culturas ou aos Tratores, etc.
Sede à Despesas Gerais
Terreiros às Culturas

10.º) Fecha-se o SERVIÇOS DE MOTORES e seus subtítulos, repartindo-os;

11.º) Fecha-se DESPESAS GERAIS, repartindo aos títulos de Exploração;

12.º) Fecha-se os títulos de Exploração por PERDAS E LUCROS.

BALANÇO GERAL:

Carlos de Carvalho (Estudos de Contabilidade) define o Balanço Geral como sendo o documento que representa o estado específico do patrimônio e a situação jurídica e econômica do proprietário. Êle compreende forçosamente num só documento, todos os elementos que constituem o patrimônio. Êle compreende todo o Ativo e todo o passivo.

Sendo a emprêsa agrícola legalizada comercialmente, a confecção do "Balanço" é exigida e regulamentada por leis.

O Balanço Geral deve ser reproduzido no "Diário" de modo a ficar registrado na contabilidade, pois êle é feito em fôlha avulsa.

Êste Balanço transcrito no Diário, será assinado por todos os sócios e pelo guarda-livros, mencionando êste o número de seu registro.

O Balanço Geral das Sociedades Anônimas que precisam da autorização do Governo para funcionar, bem como a demonstração da conta Perdas e Lucros deverão ser publicados no orgão oficial da União ou do Estado.

O Balanço Geral Agrícola, tal qual o entendemos, é feito após os lançamentos para que a contabilidade esteja de acôrdo com o Inventário, e após a repartição das contas do mesmo nome, entre as contas de exploração. Êste é o ponto diferente do estabelecido pelas leis comerciais.

O Comércio e a Indústria "compram" a matéria prima, acrescentam-lhe despesas (subdivididas em Despesas Gerais, Ordenados, Impostos e Juros) e revendem-na com um lucro (ou algumas vêzes com prejuizo).

A Agricultura ou a Zoocultura "produzem" essas matérias primas, partindo de elementos nem sempre controláveis (a terra, o clima), aos quais alguns chamam de "natureza". A êsses elementos acrescentam-se despesas, também subdivididas do modo acima, para obter, ou não obter, a matéria prima que deverá ser vendida (pela primeira vez) por um preço em geral estabelecido pelo mercado mundial, preço que nem sempre é igual ou superior ao custo.

Êste preço de custo só poderá ser conhecido no fim da colheita armazenada, pois até lá a quantidade de produtos é sujeita a variações (sêcas, floração perdida, pragas, tempestade que acama a colheita, ou tempestade no terreiro, etc.).

(1) As capitalizações do exercício são incluidas no título Imóveis.

(2) Trata-se dos subtítulos do Capital Fixo. De acôrdo com a lei, poderá êste título ser desdobrado como segue:

Instalações:
menos fundo de depreciação
Ferramentas e Utensílios:
menos fundo de depreciação
Maquinários da Usina:
menos fundo de depreciação
Maquinários da Fazenda:
menos fundo de depreciação
Móveis:
menos fundo de depreciação
Veículos
menos fundo de depreciação

(3) A classificação de Semoventes em Imobilizado não é imutável. Já foi explicado anteriormente. Poderia ser classificado no Realizável a curto prazo.

(4) Almoxarifado abrange todos os subtítulos mencionados quando se tratou do título Material, e que aqui, podem ser discriminados separadamente.

(5) As listas dos devedores, credores, títulos a receber e títulos a pagar constituirão anexos ao Balanço.

Alguns autores propõem ainda as CONTAS DE REGULARIZAÇÃO ou VALORES DIFERIDOS, que no Ativo levam:

Impostos a vencer
Alugueis a vencer
Juros a vencer
e no Passivo: Despesas a pagar
Ordenados a pagar

(2.º Congresso Brasileiro de Contabilidade)

Todavia estas parcelas podem ser lançadas em Contas Correntes, antes do Balanço.

Conta de PERDAS E LUCROS:

Pelo sistema que ficou preconizado, a conta de Perdas e Lucros apresentará apenas as perdas e lucros reais, e não os "encargos do exercício" como determinado pela lei comercial.

Por exemplo:

Fazenda Bela Vista — 31 de Agôsto de.....

PERDAS E LUCROS
a DIVERSOS

Prejuizos verificados neste exercício:			
Material — Produtos: Feijão 19..			220,60
Cultura Amendoim — Jaraguá (25.04 Ha) ..		1.408,525	
menos lucro Carneiro (8,23 Ha) ..		— 992,252	416,00
Culturas Diversas: Feijoal (0,25 Ha)		68,60	
Horta e Pomares (3,6 Ha)		843,60	912,20
Financiamentos: Juros e descontos		274,80	
Juros s/ promissórias		3.209,00	
Juros s/ emprest. em C/C ..		4.590,70	8.074,50
Contas Correntes: Proprietário c/ despesas ..		27.089,00	
" c/ especial:			
Lucro liquido		188.667,30	215.756,30
			225.379,60

DIVERSOS
a PERDAS E LUCROS

Lucros verificados neste exercício:			
Material — Produtos: Algodão pluma 19.. ..		23.266,80	
Amendoim 19.. ...		2.397,05	
Arroz 19.. ...		1.679,80	
Café Côco 19.. ..		2.520,90	
Milho Catêto 19.. ..		5.492,85	35.357,40
Parcerias:			
Algodão: Cachoeira (21,78 ha)	22.643,55		
Retiro (22,82 ha)	21.589,25	44.232,80	
Arroz (10,60 ha)		9.279,70	
Feijão		57,20	
Milho Fundão (72,6 ha)	17.922,45		
menos Boavo (5,6 ha)	— 796,30	17.126,15	70.695,85
Cultura de Algodão:			
Bacia (22,56 ha)		27.948,20	
Olaria (57,38 ha)		57.988,45	85.936,65
Culturas Diversas:			
Várias no Alq. Café (2,50 ha)		1.032,55	
Arrozal (7,55 ha)		13.142,00	
Mandiocal pomar (1 ha)		898,80	15.073,35
Criações: Bovinos Leite			17.635,75
Despensa			680,60
			225.379,60

(1) As capitalizações do exercício são incluidas no título Imóveis.

(2) Trata-se dos subtítulos do Capital Fixo. De acôrdo com a lei, poderá êste título ser desdobrado como segue:

Instalações:
menos fundo de depreciação
Ferramentas e Utensílios:
menos fundo de depreciação
Maquinários da Usina:
menos fundo de depreciação
Maquinários da Fazenda:
menos fundo de depreciação
Móveis:
menos fundo de depreciação
Veículos
menos fundo de depreciação

(3) A classificação de Semoventes em Imobilizado não é imutável. Já foi explicado anteriormente. Poderia ser classificado no Realizável a curto prazo.

(4) Almoxarifado abrange todos os subtítulos mencionados quando se tratou do título Material, e que aqui, podem ser discriminados separadamente.

(5) As listas dos devedores, credores, títulos a receber e títulos a pagar constituirão anexos ao Balanço.

Alguns autores propõem ainda as CONTAS DE REGULARIZAÇÃO ou VALORES DIFERIDOS, que no Ativo levam:

Impostos a vencer
Alugueis a vencer
Juros a vencer
e no Passivo: Despesas a pagar
Ordenados a pagar

(2.º Congresso Brasileiro de Contabilidade)

Todavia estas parcelas podem ser lançadas em Contas Correntes, antes do Balanço.

Conta de PERDAS E LUCROS:

Pelo sistema que ficou preconizado, a conta de Perdas e Lucros apresentará apenas as perdas e lucros reais, e não os "encargos do exercício" como determinado pela lei comercial.

Por exemplo:
Fazenda Bela Vista — 31 de Agôsto de.....

PERDAS E LUCROS
a DIVERSOS

Prejuizos verificados neste exercício:			
Material — Produtos: Feijão 19..			220,60
Cultura Amendoim — Jaraguá (25.04 Ha) ..		1.408,525	
menos lucro Carneiro (8,23 Ha) ..		— 992,252	416,00
Culturas Diversas: Feijoal (0,25 Ha)		68,60	
Horta e Pomares (3,6 Ha)		843,60	912,20
Financiamentos: Juros e descontos		274,80	
Juros s/ promissórias		3.209,00	
Juros s/ emprest. em C/C ..		4.590,70	8.074,50
Contas Correntes: Proprietário c/ despesas ..		27.089,00	
" c/ especial:			
Lucro liquido		188.667,30	215.756,30
			225.379,60

DIVERSOS
a PERDAS E LUCROS

Lucros verificados neste exercício:			
Material — Produtos: Algodão pluma 19.. ..		23.266,80	
Amendoim 19.. ..		2.397,05	
Arroz 19.. ..		1.679,80	
Café Côco 19.. ..		2.520,90	
Milho Catêto 19.. ..		5.492,85	35.357,40
Parcerias:			
Algodão: Cachoeira (21,78 ha)	22.643,55		
Retiro (22,82 ha)	21.589,25	44.232,80	
Arroz (10,60 ha)		9.279,70	
Feijão		57,20	
Milho Fundão (72,6 ha)	17.922,45		
menos Boavo (5,6 ha)	— 796,30	17.126,15	70.695,85
Cultura de Algodão:			
Bacia (22,56 ha)		27.948,20	
Olaria (57,38 ha)		57.988,45	85.936,65
Culturas Diversas:			
Várias no Alq. Café (2,50 ha)		1.032,55	
Arrozal (7,55 ha)		13.142,00	
Mandiocal pomar (1 ha)		898,80	15.073,35
Criações: Bovinos Leite			17.635,75
Despensa			680,60
			225.379,60

O Balanço Geral e a conta Perdas e Lucros são copiados no livro (manual ou copiador), ou são anexados no final das fichas do último mês, classificadas para formar o "Diário" do mês.

BIBLIOGRAFIA

Código Civil Brasileiro — 9.ª edição 1945 — Saraiva & Cia.

Código Comercial Brasileiro — 7.ª edição 1945 — Saraiva & Cia.

Código do Processo Civil — Decreto Lei 1608 de 18-9-1939.

Segundo Congresso Brasileiro de Contabilidade — 1932 — Imprensa Nacional.

Decreto Federal 24.239 de 22-12-1947 — Impôsto sôbre a Renda.

Dieudonne Th.: Curso de Contabilidade professado no Instituto Agronômico do Estado, em Gembloux (Bélgica).

Laudelino Freire: Grande e Novissimo Dicionário da Lingua Portuguêsa — Ed. A Noite, 1943.

ORTOGRAFIA de acôrdo com o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa — Imprensa Nacional — 1943.

MUDAS DE CAFÉ

bem assim como de plantas frutíferas e ornamentais V. S. encontrará na firma

DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Fazenda Citra

Caixa Postal, 48 — LIMEIRA — Estado de S. Paulo

LISTAS DE PREÇOS, FOLHETOS E ORÇAMENTOS SERÃO REMETIDOS GRATUITAMENTE A QUEM OS SOLICITAR

DEFICIÊNCIA DE MICROELEMENTOS EM CAFEEIRO

(Nota preliminar)

Coaracy M. Franco
e
Heli Camargo Mendes
Instituto Agronômico de Campinas

É comum observar-se nos cafèzais do Estado de São Paulo, principalmente quando localizados em terra roxa, uma anormalidade caracterizada pela presença de fôlhas miudas, retorcidas, apresentando freqüentemente uma clorose manchada (fig. 1). Galhos muito afetados apresentam-se às vêzes despidos de fôlhas, exceto na extremidade, onde exibem um grupo de fôlhas pequenas e anormais como acima descritas.

A porcentagem de plantas afetadas é naturalmente muito variável nas culturas. Também é variável, numa mesma planta, o número de galhos que exibem aquêles sintomas.

Em uma plantação a três pés por cova, da variedade bourbon vermelho e com cinco anos de idade, na Estação Experimental Central do Instituto Agronômico, em terra tipo roxa misturada, dentre 192 plantas cuidadosamente examinadas, apenas sete se apresentavam completamente isentas dos sintomas em aprêço. A incidência da anormalidade descrita era, portanto, de 96,3%.

Na hipótese de tratar-se de deficiência de microelementos, instalou-se, nessa área, um ensaio prévio com os seguintes tratamentos:

1. Sem adubação básica, com pulverização de microelementos
2. Adubação básica sòmente
3. Adubação básica mais pulverização de microelementos
4. Testemunha, sem nenhum tratamento.

A adubação básica, aplicada em meia corôa, consistiu na seguinte, por cova de três plantas:

Estêrco	10 quilos
Torta de algodão	1 quilo
Dolomite	1 quilo
Farinha de ossos	300 gramas
Cloreto de potássio	100 gramas
Salitre do Chile	100 gramas

Na pulverização de microelementos empregou-se a seguinte mistura, recomendada por Camp (1):

Sulfato de zinco	(Zn)	237 gramas
Sulfato de manganês	(Mn)	237 gramas
Sulfato de Cobre	(Cu)	237 gramas
Borax	(B)	94 gramas
Molibdato de amônio	(Mo)	6 gramas
Cal hidratada		263 gramas
Água q.s.p.		40 litros

A essa mistura adicionaram-se quatro gotas por litro, de adesivo "DuPont".

Os tratamentos foram distribuidos em quadrado latino, em que cada repetição consistiu de um canteiro abrangendo quatro covas. Os canteiros foram separados entre si por uma linha de plantas servindo de bordadura, afim de evitar a possibilidade da influência de tratamentos vizinhos.

Uma primeira pulverização foi feita em 31 de outubro de 1952. Como houve uma pequena queda pluviométrica dias após, fêz-se uma segunda pulverização em 7-11-52. A quantidade média de líquido aplicado por canteiro, foi de cinco litros em cada vez, o que corresponde aproximadamente a 1,16 lt. por planta, em cada aplicação.

RESULTADOS E CONCLUSÃO

Seis meses após o tratamento, as plantas do ensaio foram cuidadosamente reexaminadas e o resultado dêsse exame está resumido no quadro seguinte:

Tratamento	Plantas tratadas	Plantas apresentando fôlhas anormais em 15/5/53
1. Pulverização com microelementos	16	1
2. Adubação básica	16	16
3. Adubação básica mais pulverização de microelementos	16	0
4. Testemunha sem tratamento	16	15

Das 32 plantas que receberam pulverização de microelementos, apenas uma exibia algumas fôlhas pequenas, anormais, na ocasião do último protocolo do ensaio, enquanto que, das 32 que não receberam aquêle tratamento, tôdas, menos uma, exibiam tal anormalidade.

O tratamento que consistiu em adubação básica apenas, não teve influência sôbre a diminuição da incidência de fôlhas anormais.

Os resultados acima expostos parecem dar uma bôa indicação de se estar em face a um caso de deficiência de um, ou talvez mesmo, de mais de um microelemento.

Fig. 1 — A — galho de cafeeiro mostrando sintomas de deficiência de microelemento; B — galho sèriamente prejudicado pela mesma deficiência.

A julgar pela semelhança dos sintomas atrás descritos com os encontrados na literatura, referentes a outras plantas, há grande probabilidade de tratar-se da deficiência de zinco. González, em Costa Rica (2), observou sintomas parecidos em cafeeiros, atribuindo-os à deficiência daquele elemento.

Com o objetivo de esclarecer a questão, iniciamos um ensaio definitivo, no qual estão sendo estudadas a ação isolada de cada um dos microelementos, bem como as interações entre diversos deles.

SUMMARY

The presence of coffee plants showing small and contorted leaves has been noticed in many field plantigs in the State of São Paulo. In a coffee plot at the Central Experiment Station of the Instituto Agronomico, Campinas, over ninety percent of the plants showed these symptoms.

Treatment with a mixture containing B, Mn, Zn, Cu and Mo applied by spraying induced recovery of affected plants after six months. This result indicates that the abnormality described is caused by deficiency of one or more of the minor elements applied.

Detailed tests are being carried out to determine which minor element or combination of these might be responsible for this type of deficiency.

LITERATURA CITADA

1. — CAMP, A. F. — Report on trip to Costa Rica in connection with nutritional problems of coffee and other crops. Pags. 1-16, mimæogr., June 1952.
2. — GONZÁLEZ, C. y C. CAMACHO — Sintomes de la deficiencia del boro en el cafeto. Ministerio de Agricultura e Industrias, Costa Rica, Bol. Tecn. n.º 11: 1-12, Octubre 1952.

RESTAUREM SEUS CAFÈZAIS COM AS MISTURAS "POTAC"

FOSFATO BICÁLCICO
38/42% P205

Adiantem sua primeira colheita adubando a plantação com as misturas especiais "POTAC".

CIANAMIDA CÁLCICA
20/21% N.

Enriqueçam seu composto com CIANAMIDA CÁLCICA, FOSFATOS E POTASSA.

POTASSA E ADUBOS QUÍMICOS DO BRASIL S. A.
Rua Florêncio de Abreu, 36 — 5.º andar — Telefone: 36-6163 — São Paulo

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro-Agrônomo
Subdivisão de Estações Experimentais,
Instituto Agronômico, Campinas, SP.
(Continuação)

4.11.2.5 — A ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE LIAMUNGO

O estabelecimento é o quartel general da investigação agronômica do cafeeiro em Tanganica. Situa-se nos arredores de Mochi, a 20 km da cidade, nas fraldas do Quilimanjaro a 1330 metros acima do mar. Sua fundação é recente — data de 1935. A área da estação é de 125 ha (52 alqueires). O solo é vulcânico vermelho e o que há de melhor no país. É, sobretudo, representativo da zona do cafeeiro **arábica.** A precipitação média anual da estação experimental é de 1625 mm. A cidade de Mochi acha-se a 880 metros acima do mar e a respectiva estação meteorológica registra uma média pluviométrica de 1017 mm. A diferença de altitude — 450 metros — é o bastante para determinar modificações sensíveis no regime de chuvas. A temperatura média anual gira ao redor de 22°C. A Estação de Liamungu é de primeira categoria e, por essa razão, conta em seu quadro técnico, com entomologista e fitopatologista. O chefe do estabelecimento é o sr. F. R. Sanders (Senior Research Officer).

Como sempre, a visita começou pelos laboratórios de entomologia e fitopatologia. Êstes setores são os mais importantes de quantos estabelecimentos dêste gênero visitamos na África Oriental Inglêsa. Dão bem a medida de relevância do problema das pragas e moléstias da agricultura africana. Embora esta estação seja especializada em café, os entomologistas e fitopatologistas fazem investigações sôbre inimigos de outras plantas cultivadas. Resumiremos as notas de nossa visita à Estação, nos itens a seguir.

a) **Trabalhos em andamento** — "Ensaio de modo de plantio e de enxertia", montado em 1935. "Ensaio de competição de variedades", plantado em 1943. Esta experiência encerra tratamentos com árvores de sombra permanentes e semi-permanentes, bem como, sistemas de poda de hastes simples e múltiplas. São seis as essências empregadas: **Albizzia molucana; A. stipulata; Albizzia** sp. ("Tangasale"); **Cordia holstii; Ficus sycamorus; Maesopsis eminii;** e **Albizzia maranguensis,** sendo esta última permanente e as demais semi-permanentes. Notamos acentuada desuniformidade no sombreamento e acreditamos que a falta de homogeneidade afetará os resultados do ensaio. A experiência estava disposta em lattice, com 36 canteiros de 20 plantas. "Ensaio de enxertia", plantado em 1938. "Ensaio de interação de cobertura (mulch), composto e nitrogênio", montado em 1940. "Ensaio de tratos culturais", montado em 1935. "Ensaio de cobertura" (mulch), montado em 1940. "Ensaio de competição de progênies", plantado em 1938, visando conhecer produção e bebida. Êste ensaio resume os trabalhos de melhoramento

do cafeeiro em Liamungu e cinge-se ao conhecimento das plantas melhores produtoras durante um período de produtividade não inferior a sete anos. Os melhores indivíduos serão multiplicados por meio de clones, cujas produções por sua vez, serão observadas em um "Clonal Selection Trials". Então, ao fim também do sétimo ano, iniciarão a distribuição de sementes dos melhores clones.

b) **Coleção de cafeeiros** — São os seguintes os tipos de cafeeiros integrantes da coleção de Liamungu:

HARRAR (**arábica**) — Intensamente atacado de Hemileia.

EUGENIOIDES — Cafeeiro indígena da África Oriental, muito se assemelha a uma pitangueira, achava-se intensamente atacado de Hemileia.

CONGENSIS — Introduzido do Congo Belga, muito atacado de fumagina e discretamente atingido pela Hemileia.

MARAGOGIPE — (**arábica**) — Muito semelhante ao nosso Maragogipe, com a diferença das fôlhas que terminam em ponta muito aguda. Tôdas as plantas estavam totalmente atacadas de Hemileia.

EXCELSA — Atacado de fumagina, mas absolutamente isento de Hemileia.

KHASIANA — Procedente do Himalaia, completamente atacado de fumagina, mas isento de Hemileia.

KAPACATA — Planta semelhante a certas mirtáceas (pitangueira sobretudo), frutos com estrias salientes, no sentido longitudinal, dando a idéia de uma pequena carambola, coroada por cépalas no ápice. Bem atacado de Hemileia. Hoje o Kapacata está excluído do gênero **Coffeea.**

LAURINA — (**arábica**) — Totalmente atacado de Hemileia.

MBIRIZI — (**arábica**) — Muito semelhante ao Arábica típica. Plantas com razoável produção, porém, muito atacadas de Hemileia.

RASHARASHA — Muito semelhante ao nosso Nacional. Bem atacado de Hemileia.

Conforme se verifica, tôdas as formas do **C. arabica** estavam intensamente atacadas do terrível fungo da fôlha.

Nota: — A grafia dos nomes dos cafeeiros foi copiada "ipsis literis" das taboletas indicativas da coleção. As origens mencionadas também são as das respectivas taboletas.

A nossa impressão é que em Tanganica há mais cafèzais sujeitos ou atacados de Hemileia que em Uganda, Quênia e Quivu (Congo Belga).

c) **Opiniões do sr. F. R. Sanders** — Formulamos uma série de perguntas ao diretor da estação experimental, sôbre o cafeeiro e suas respostas foram as seguintes:

Variedade de café — O respectivo ensaio com seis colheitas estava demonstrando que a melhor variedade do **C. arabica** era a var. Bourbon, introduzida das Ilhas Reunião.

Sombreamento do café — Os dados preliminares permitem-lhe um

juízo contrário ao sombreamento, por causa da diminuição da produção. Entretanto, seriam necessários mais alguns anos para o seu pronunciamento definitivo, que seria ditado pelos resultados do ensaio.

Poda de formação — Prefere o sistema de hastes múltiplas não só porque produz mais como por ser mais fácil a colheita. Referente ao assunto, informou ainda que há forte tendência para transformação de todos os cafèzais formados com plantas de hastes simples em hastes múltiplas, não só em Tanganica como em tôda a África Inglêsa.

Pragas do cafeeiro — Na opinião do informante são dois, sobretudo, os insetos mais danosos ao cafeeiro: a) **Antestia (Antestia lineaticollis, Stal),** que ataca intensamente as culturas do **arábica** em Tanganica e em outras zonas cafeeiras altas do Continente. Considera a mais séria praga do cafeeiro em Tanganica. O combate vem sendo feito por meio de duas pulverizações de DDT, aplicadas após a colheita, de acôrdo com as necessidades. A referida forma de combate não extingue a praga e tem um efeito relativo na atenuação dos prejuízos. b) **"White coffee borer" (Anthores leuconotus,** Pasc.). É a broca do tronco dos cafeeiros. A praga ocorre nas zonas cafeeiras de menor altitude, como a zona de Bucoba, na beira do Lago Victoria. Não raro há casos de ataque de 100% de árvores de uma cultura. Embora haja uma vespa inimiga do serambicídio, a intensidade do combate do agente biológico não tem significação prática. Por isso, na zona do Robusta, o **Anthores** vem sendo combatido com injeção de paradidorhenzine ou com bisulfureto de carbono no orifício deixado pela broca). Nos terrenos mais empobrecidos pela erosão ou pelo uso indiscriminado, nos quais as plantas são mais fracas o ataque da praga é mais severo. c) **Lygus coffee** china) e a "Broca do café" **(Hypothenemus hampei)** aparecem em Tanganica atacando, sobretudo, nas zonas de menor altitude, atingindo por isso, mais o **C. robusta** que o **C. arabica.** Em qualquer dos países cafeeiros do centro da África os prejuízos causados pela "Broca" não têm a significação econômica desastrosa do **Antestia.**

Moléstias do cafeeiro — A Hemileia **(Hemileia vastatrix),** a "Leaf disease" dos inglêses é o outro grande inimigo do cafeeiro da espécie **arabica** em todos os países cafeeiros da África Central. Segundo o nosso informante, a altitude é o regulador da intensidade de manifestação da moléstia. Em Tanganica a altitude limita o ataque da seguinte forma: acima de 1.500 metros nem sempre se manifesta e quando aparece os prejuízos não têm significação econômica; abaixo dêsse limite ataca com intensidade crescente à medida que as regiões se tornam mais baixas. Em qualquer dos casos, o fungo infesta com mais vigor as plantas depauperadas pelo mau trato ou como resultante do empodrecimento do solo. A moléstia vem sendo combatida sem esperança de debelação, com pulverizações de calda bordalêsa, de acôrdo com a seguinte técnica: uma pulverização antes das chuvas de fevereiro e março, com o fim de preservar a nova vegetação, que aparece logo após as "chuvas grandes"; segunda aplicação da calda em junho ou julho, logo após a citada estação chuvosa. As aplicações dispensam adesivo, porque são praticadas na ausência de chuvas.

Hervas más — São duas as de maior importância: **Digitária (Digitaria scalarum).** É a mesma gramínea rizomatosa que aparece em Ugan-

da e da qual já falamos em um dos artigos desta série. A Digitária é das piores hervas daninhas da zona dos solos vulcânicos e das áreas de boa pluviosidade de tôda a África Central. A sua extinção, quando o mal é generalizado, torna-se econômicamente impraticável. **Cyperus (Cyperus Kiling** e **Cyperus tenassima)** são duas tiriricas terríveis nos seus danos, como a nossa **Cyperus rotundus.** A praga invade, sobretudo, os terrenos vermelhos de boas propriedades físicas, como os adequados ao cafeeiro e onde há chuvas convenientes.

Profundidade de plantio do cafeeiro — Verificamos que os cafeeiros estavam plantados bastante superficialmente na estação experimental e, interrogado, o sr. Sanders informou que em Tanganica o plantio profundo é fator de baixa produtividade do cafeeiro.

Verificamos em Liamungu, que em todos os ensaios com o cafeeiro, as plantas estavam pulverizadas com calda bordalêsa, como medida preventiva contra a Hemileia e que uma ou outra eventualmente menos atingida pelo fungicida, se achava significativamente mais contaminada pelo fungo do que as outras.

Os ensaios com o cafeeiro em Liamungu estão estabelecidos em terrenos muito inclinados e para a preservação contra a erosão, há terraços em nível reforçados, no bordo inferior, com uma espécie de cordão de contôrno. Achamos que a declividade do chão, por vêzes exagerada e a heterogeneidade dos terraços, haveria de comprometer os resultados do ensaio.

As floradas do cafeeiro no Quilimanjaro são bem mais tardias que no planalto paulista. Normalmente coincidem com os meses de novembro e dezembro.

4.11.2.6 — COMERCIALIZAÇÃO E USINAGEM DO CAFÉ

Os produtores europeus e nativos estão reunidos, respectivamente, nas sociedades cooperativas "Tanganyca Coffee Growers Association Ltd." e "Moshi Native Coffee Board". Em dialeto suaíli, esta cooperativa dos prêtos é conhecida pelas seguintes iniciais "KNGU". O contrôle governamental da produção se faz através do "The Coffee Board of Tanganyca", do qual fazem parte o Secretário da Agricultura do Território e representantes da Associação de Plantadores de Café. A "Tanganyca Coffee Curing Co. Ltd." é a entidade industrial pertencente às duas associações de produtores, que beneficia, classifica e vende o café mediante leilão, em condições semelhantes às da União das Cooperativas dos Plantadores de Quênia, a que já nos referimos em artigo anterior. A firma tem escritório em Joanesburgo, na África do Sul, em cujo mercado transaciona parte do produto. Tal como em Quênia, o Ministério da Alimentação da Grã-Bretanha, estabeleceu contratos de compra de café por preços prefixados, com as entidades de produtores de Tanganica.

A usina e escritórios da "Tanganyca Coffee Curing Co. Ltd" em Mochi, foi visitada por nós. Verificamos que a classificação do café, sem ser exatamente igual à de Quênia, muito se aproxima daquela. A tábua de classificação e respectiva correspondência em peneiras, obedece a seguinte sequência:

Tipos comerciais	Peneiras	Tipo do grão
"AA" (First)	7,25 mm acima até 8,00 mm	Chato
"A"	6,75 mm acima até 7,25 mm	"
"PB" (Pearl bean)	———	Moca
"B"	6,25 mm acima até 6,75 mm	Chato
"E" (Elefant)	8,00 mm	Concha
"C"	5,75 mm acima até 6,25 mm	Chato
"T"	5,75 mm	Escolha de 3.ª
"TT"	5,75 mm	Escolha de 2.ª

A cada letra corresponde, ainda, uma "classe de café" segundo a bebida, torração em 1.ª, 2.ª, 3.ª, etc. Assim, um lote de café será caracterizado comercialmente como sendo: (exemplo) Tipo "AA", Classe 2.ª.

Examinamos diversas amostras de café, do Tipo AA (first), chato grosso, e constatamos o seguinte: **aroma,** bom, porém fraco; **côr,** chumbada; **seca,** muito apertada; **separação,** sofrível com alguns grãos mocas e chatos miudos de permêio; **defeitos,** paus, pedras e grãos podres ou ardidos nenhuns, porém, alguns grãos "mordidos" pelo despolpador e muitos manchados e roídos nos bordos, pelo Antestia. Segundo o administrador da usina, a porcentagem comum dos tipos "AA", "A" e "B" (chatos grossos e médios), em anos normais, é de mais de 40% sôbre o total das safras. Entretanto, em anos de sêca, como o de 1949, a porcentagem do tipo "C" (chato miudo), aumenta consideràvelmente.

Na safra 1948/49 foram as seguintes as porcentagens dos tipos principais do café beneficiado na usina de Mochi:

Tipos	Café de europeus	Café de nativos
	%	%
AA	7,9	9,0
A	53,0	33,1
PB	6,8	6,0
B	14,2	25,1
E	0,1	0,4
C	6,0	17,0
T	3,5	4,0
TT	8,0	6,0

A usina de Mochi beneficia cêrca de 60.000 toneladas de café limpo anualmente, sendo 50% de produtores europeus e 50% de produtores nativos. Pràticamente metade da produção de Tanganica é usinada em Mochi.

Relativamente à qualidade, relacionada com procedência, verificamos que o café dos nativos é mal fermentado e, por essa razão, de má qualidade, classificando-se em níveis bem inferiores ao dos produtores alienígenas.

O acondicionamento do café para exportação é feito em sacos de sisal,

contendo 60 quilos líquidos de café. O pêso do saco vazio é de 1.022 gramas (2 1/4 libras).

A usina de Mochi, embora menos maciça que a de Náirobi, não logra perder a feição de maquinaria arcaica. É representada por um conjunto de três beneficiadoras, com capacidade unitária de 1 1/2 tonelada de café limpo por hora e se compõe das seguintes peças: separadores tubulares para separação por volume; catadores a vento para a separação por densidade; caldeador de élices, para as "batidas" dos lotes. Nem sempre as peças de cada conjunto se acham em linha e essa falta de sentido funcional acarreta desperdícios de energia. A fôrça necessária para acionar os conjuntos é de 300 HP; a usina possui dois secadores para os cafés que chegam úmidos; tôda a palha é incinerada, não obstante haver lavouras de café e de cereais próximas à cidade. As máquinas inglêsas de beneficiar café, comparadas às nossas denunciam um atrazo geral de pelo menos 50 anos.

4.11.2.7 — A CULTURA DO SISAL

a) **Aspectos gerais** — Nos diversos aspectos da economia de Tanganica, discutidos nesta série de artigos, verificamos que o sisal representa não só o produto líder das atividades agro-pecuárias do país, como a principal fonte de divisas estrangeiras.

O sisal (**Agave sisalana** Perrine) foi introduzido na antiga colônia alemã em 1893, diretamente do México, sua região de origem. Sob a administração germânica, a cultura da fibra progrediu ràpidamente: dos poucos bulbilhos iniciais resultaram lavouras que, em 1912, cobriam uma superfície de 25.000 ha (10.320 alqueires). No ano seguinte a exportação era representada por 20.800 toneladas. O desenvolvimento da exploração do sisal também sofreu as conseqüências do conflito europeu 1914/18: a produção caiu para menos de mil toneladas anuais.

As fazendas de sisal são invariàvelmente do tipo "plantation" e se encontram quase totalmente em mãos de europeus (apenas algumas pertencem a capitalistas hindús).

Geogràficamente, a agavicultura se distribui da seguinte forma: ao norte, ao longo da Estrada de Ferro Tanga-Mochi; no centro, ao redor de Dar Es-Salaan e até 400 km ao longo da ferrovia que da capital, demanda Tabora; ao sul, nas vizinhanças dos portos de Lindi e Miquindani. A mais importante zona produtora acha-se na Província de Tanga. A exportação dá uma idéia da importância da produção de cada uma dessas áreas, apreciada em números relativos, segundo o movimento dos respectivos portos regionais: Tanga, ao norte, 57%; Dar Es-Salaan, no centro, 33%; Lindi e Miquindani, ao sul, 10%. Quanto à altitude, as plantações estão estabelecidas na África, desde o nível do mar, como em Tanganica e até 1.800 metros de altitude, em Quênia, próximo de Nairobi.

O aspecto econômico-social das fazendas de sisal, com suas grandes extensões cultivadas, estradas de ferro para o transporte das fôlhas, usinas de decorticação e legiões de assalariados gravitando ao seu redor, lembra muito o das nossas usinas de açúcar, anterior ao Estatuto

da Lavoura Canavieira. Não obstante a importância das emprêsas, a sua privilegiada situação econômico-financeira em qualquer ponto da África, resulta da baixa remuneração do labor manual do nativo assalariado. Só agora, ante as dificuldades de mão de obra, se esboça um movimento tendente a mecanisar as culturas.

As fazendas de sisal constituem típicos latifúndios monocultores, drásticamente absorventes. Também não vímos, nas fazendas visitadas, qualquer lavoura subsidiária de plantas alimentares de indígenas, ao redor das senzalas (colônias). Apenas nas plantações em formação, o milho é cultivado intercaladamente, mas o produto pertence à grande emprêsa, que o vende ao nativo para sua alimentação. Em Tanganica, até mesmo nas "reservas de nativos", são escassas as lavouras indígenas.

Nas plantações de sisal que visitámos, quer em Tanganica, Quênia, Moçambique ou Angola, não logramos ver qualquer medida tendente a evitar o empobrecimento do solo pela erosão. E não se excluem dêste rol as fazendas das emprêsas de organização mais recente, como as de Angola.

A relação a seguir, representando os últimos 21 anos mencionados na estatística oficial, revelam uma crescente expansão da exportação do sisal, traduzida pelos seguintes aumentos: 28% na área cultivada, 332% na produção de fibra e 876% no valor da exportação. Verifica-se, outrossim, que o maior incremento ocorreu em 1944.

b) Estatística

Anos	Area em milhares de ha (1)	Exportação: milhares de toneladas métricas (2)	Exportação: valor em milhares de Cr$ (3)
1928	68	37	57.794
1929	63	46	77.251
1930	80	51	60.960
1931	74	57	36.773
1932	99	62	36.307
1933	109	71	45.852
1934	106	74	44.073
1935	116	84	59.106
1936	123	82	97.412
1937	129	92	108.119
1938	105	103	74.110
1939	117	88	60.385
1940	110	75	74.474
1941	119	73	74.661
1942	126	129	130.212
1943	137	91	104.419
1944	144	106	146.174
1945	158	104	151.643
1946	173	105	192.165
1947	151	103	266.236
1948	162	123	506.367

(1) Dados estimativos oficiais.

(2) e (3) Dados estatísticos oficiais.

FONTE: — Relação organizada com número extraídos do "East African Agriculture", J. K. Mattenson, Londres 1950 e do**"Report"** by His Magesty's Government in the United Kindgom of Great Britain and Northern Ireland to the General Assembly of the United Nations on the Administration of **Tanganyka** for the year 1948. Publicado pelo "His Magesty's Stationary Office", Londres 1949.

c) **Notas sôbre a cultura** — O estabelecimento das culturas de sisal no terreno definitivo é levado a efeito com mudas que resultam do encanteiramento dos bulbilhos em viveiros, por dois anos. A densidade das plantações em Tanganica, assim como em Quênia (a agavicultura dêsses países constitui padrão a tôda a África) é assunto controvertido. O número de plantas por unidade de superfície varia, com os tipos de solo, desde três a dez mil por hectare. A média em Tanganica acha-se ao redor de 5.000 pés por ha. A produção média correspondente de fibra sêca, por ano, é de 2.400 kg/ha.

As antigas culturas eram plantadas pelo sistema de linhas simples, em que as distâncias das carreiras e das plantas, nas linhas, eram idênticas. As lavouras novas, das emprêsas que se propõem mecanizar o cultivo do solo, estão sendo estabelecidas em renques duplos e afastados uns dos outros de molde a permitir a passagem do trator nas ruas formadas por cada duas carreiras de plantas. Neste sistema, as plantas se acham bem juntas, nas fileiras duplas, espaçadas nos dois sentidos de 80 cm a 1 metro.

O ponto de maturação das fôlhas varia com a altitude: ao nível do mar as fôlhas estão boas para descorticar do 30.º ao 36.º mês da plantação no terreno definitivo, enquanto que acima de 1.500 metros levam até cincoenta meses para amadurecer. Em Tanganica o ponto ótimo é sempre indicado pelo ângulo formado entre a fôlha inferior e o tronco da planta: um ângulo de 90º mostra que a colheitá deve ser iniciada, porém, o corte não deve ir além das fôlhas que formam ângulos de 45º com a haste vertical. Naquele país, a média de fôlhas produzidas por um pé de sisal, durante a vida econômica da planta, é de 200 a 250 unidades.

A colheita consiste no seccionamento da fôlha rente ao bulho da planta, por meio de facão comum. Tão logo esta é destacada, o operário elimina o acúleo apical, bem como qualquer parte eventualmente defeituosa, com um pequeno corte. Cuidado especial é dedicado ao equilíbrio entre colheita e usinagem, a fim de que não sobre matéria prima de um dia para outro: fôlhas murchas dificultam a descorticação e comprometem o tipo da fibra. Uma breve exposição da fôlha ao sol, após a colheita, é suficiente para causar o murchamento. As fôlhas são reunidas em feixes de 30 unidades e um bom cortador corta e enfeixa 2.400 fôlhas no dia. À semelhança das plantações de cana as de sisal obedecem a um programa, para que não faltem fôlhas maduras na usina. Deve haver um sincronismo entre as áreas cultivadas,

girando ao redor dos seguintes índices: sisal em ponto de corte, 45%; sisal, imaturo 35%; formação de novas plantações, 10% e áreas em descanço 10%. O transporte das fôlhas de sisal da roça para a usina representa significativa parcela do preço de custo da fibra. A quantidade de material inerte transportado, assemelha-se à da mandioca, para as usinas de amidonaria. A fôlha de sisal madura pesa, em média, 600 gramas e o rendimento médio de fibra sêca é de 4%. São, portanto, 24 gramas de fibra e 576 gramas de água e mucilagem. Os feixes de sisal são uma carga de manuseio incômodo. O transporte para a usina se divide em duas fases: a) remoção braçal dos feixes para os carreadores, porém, mais comumente para a beira da linha férrea; b) transporte para a usina em gôndolas e, excepcionalmente, em carros de bois. O transporte mais comum, na costa oriental, é a ferrovia, por causa da tsé-tsé, que exclui o boi como auxiliar da lavoura.

d) **Usinagem** — É a parte industrial da exploração do sisal. Resume-se à descorticação, secagem, penteação, classificação, enfardamento da fibra. A descorticação é operação que tem por fim atritar a fôlha para livrar as fibras da goma e material verde, que a compõem O esfolhamento, por assim dizer, resulta da passagem da fôlha por entre dois tambores armados de facas, que giram em sentido contrário ao das placas côncavas de espera, com alta rotação. As máquinas mais em uso em Tanganica, como em tôda a África, são a "Corona", de invenção alemã, antigamente fabricada pela Casa Krupp, a "Robey" e a "Stork". Ouvimos, sempre, melhores referências à primeira das três máquinas. Qualquer delas trabalha com alta rotação, requer de 125 a 130 HP, para ser acionada e tem capacidade para descorticar 1.200 toneladas de fibra sêca em 300 dias de 10 horas. A exigência de água também é grande para a lavagem da fibra, durante a descorticação e para o arrastamento dos resíduos. Essa necessidade nunca é inferior a 10 litros por segundo, porque a quantidade normal de resíduos, em um dia, é da ordem de 100 toneladas. A "Corona" possui engenhos dispositivo, para separar as fibras curtas das longas. As máquinas possuem esteiras de alimentação, no curso da qual são eliminadas as fôlhas que ainda vêm da roça com defeito. As facas sofrem constante desgaste, ocasionado pela corrosão dos resíduos.

e) **Secagem** — A operação é levada a efeito em varais de arame galvanizado, sob a ação do sol. Os raios solares clareiam as fibras, mas passado a ponto conveniente de secagem, produzem o seu amarelecimento, que é fator de depreciação do produto. Embora nas zonas agavícolas o tempo seja quase sempre favorável à secagem natural do sisal, há dias chuvosos durante os quais as usinas ficam quase impossibilitadas de trabalhar. A secagem artificial é prática que, na verdade, não superou o terreno experimental. As usinas que visitamos em Tanganica — as mais importantes do país — não possuem estufas. Só em Angola vimos uma funcionando mas, ainda assim, precàriamente. Não obstante, a secagem em varais acarreta prejuízos, porque as fibras caem ao chão e se mancham. Êsse produto, assim danificado, corresponde a 5% do total sêco e é classificado como "rejects".

f) **Penteação** — O penteador é uma máquina composta de um cilindro horizontal, armado de dentes de 7 cm de comprimento, blindado

por uma capa metálica semi-tubular, através da qual, por delgada janela, as fibras são introduzidas para penteação. Os feixes de sisal bruto são seguros pelo operador, por uma das extremidades, enquanto que a outra é posta de encontro à janela do penteador. O cilindro central provido do movimento giratório de cima para baixo, apanha a ponta do feixe, pucha-o para o interior da peça, dando, ao observador, a impressão de que foi aspirado, tal a velocidade da máquina. Penteada uma extremidade, o que leva uma fração de minuto, o operador inverte a posição do feixe e repete a operação, após o que deposita a fibra em caixas gradeadas, nas quais são transportadas para a prensa. Os operários trabalham, sem qualquer proteção, em meio de intensa poeira ocasionada pelas máquinas.

g) **Classificação** — Na África Oriental Inglêsa, as fibras são submetidas a uma classificação padronizada, de acôrdo com a seguinte tabela de tipos:

"N.º 1" — Fibras com comprimento mínimo de 99 cm (3') e média de 1,14 metros)3'-6"); livres de defeitos de descorticação (resíduos verdes), de estopa, de pontas, nós e asperesas; penteação perfeita; côr branca-creme e creme.

"A" — Idêntico ao "N.º 1", porém côr amarelada (queimada de sol); ligeiramente manchada ou descolorida.

"N.º 2" — Fibras de 81 cm (2'-6") acima e as demais especificações do tipo N.º 1.

"N.º 3-L" — Fibras de 99 cm (3') acima; penteação, porém, sem as características dos tipos "N.º 1", "A", e N.º2"; pequenos defeitos de côr são admitidos, porém deverão as fibras estar isentas de restos verdes; fibras não descorticadas e nós não são permitidos.

"N.º 3" — O mesmo que o tipo N.º 3-L, porém fibras de 66 cm (2") acima.

"R" — (Rejects) — Fibras que, pelos defeitos. não se classificam nos tipos anteriores, mas tenham um mínimo de 66 cm (2") de comprimento.

A classificação é feita nas caixas gradeadas que transportam as fibras para junto das prensas enfardadeiras.

f) **Enfardamento** — Os engradados têm a forma de um grande paralelepípedo, cujas medidas correspondem às dos fardos de sisal. As fibras são colocadas à mão sob o calcador da prensa, que se levanta até acima da cabeça do operador. É manobra cheia de riscos para o operário, que pode ser apanhado pelo calcador no momento em que se acha curvado para deitar fibra sôbre o fardo em confecção. Em Angola nos relataram, em uma usina de sisal, que certa vez um prêto foi apanhado pelo calcador e enfardado, ao ao que se supõe, sem que seus companheiros o vissem. Em Portugal, ao ser aberto o fardo, em uma fábrica de cordas é que depararam com um ser humano transformado em pasta, juntamente com as fibras de sisal. Na África Oriental Inglêsa os fardos não são estandardizados e variam em tamanho e pêso com o tipo de prensa: o pêso oscila entre 90 e 254 quilos e a capacidade é de 2 m^3 por tonelada. Como o frete marítimo é pago por volume, procuram concentrar maior pêso em determinada cubagem

para economia de transporte oceânico. Antes da guerra os fardos eram amarrados com fitas de aço, tais como os nossos fardos de algadão. Mas, durante o conflito, a dificuldade de obter as cintas, fez com que os produtores recorressem ao expediente das cordas de sisal torcidas. O resultado foi ótimo e, embora haja agora facilidades para obter as amarras metálicas, todos persistem nas torcidas da própria fibra, que, além de se romperem menos que as fitas de aço, são mais econômicas. Sôbre cada fardo são inscritos os números de ordem, marca do fabricante, pêso e tipo, com tinta azul, numa das faces, em forma bem visível.

i) **Plano de produção** — Vimos no item referente à usinagem, que as possantes máquinas de descorticar têm capacidade para esfolar 1.200 toneladas de fibra sêca por ano, correspondentes a 30.000 a 40.000 toneladas anuais de fôlhas. A experiência demonstrou aos inglêses que o mínimo econômico para manter qualquer das descorticadoras citadas é de 1.200 toneladas de fibra/ano. Considerada a base média de produção, de 2.400 kg de fibra por ha, por ano, uma emprêsa com uma descorticadora necessitará ter, por ano, 500 ha de sisal em ponto de corte. Mas, tal como nas fábricas de açúcar de cana, há lavouras velhas e novas e terrenos em preparo para substituição dos talhões eliminados. Para alimentação econômica de uma "Corona" ou outra similar, é necessária a observação do seguinte plano de produção, durante um ano agrícola:

Discriminação	Área-ha	% sôbre o total
Sisal maduro	500	46
Sisal imaturo	360	33
Novas plantações	120	11
Terrenos em descanço	120	10
	1.100	100

j) **Custo de uma exploração de sisal** — O investimento financeiro necessário ao estabelecimento de uma exploração de sisal de 1.100 ha de lavouras, usina com uma descorticadora e penteadoras correspondente, linha férrea para transporte, etc., até o início de produção, girava ao redor de Cr$ 3.000.000,00, antes da última guerra. Por ocasião da nossa visita, a estimativa acusava um acréscimo de 60% a 75% sôbre essa importância.

k) **Mão de obra** — Por incrível que pareça, a escassês do braço operário é o maior obstáculo à expansão da cultura e industrialização do sisal em Tanganica. E o mal se agrava de ano para ano. Não obstante os excepcionais preços alcançados pela fibra, as mais importantes emprêsas não conseguiram ampliar suas culturas além de 20% sôbre a área existente. E êste fator está obrigando os produtores a pensar na mecanização dos trabalhos agrícolas.

l) **Comercialização do sisal** — Antes da última guerra o grosso da produção de Tanganica, bem como de tôda a África Oriental Inglêsa, era colocada nos países da Comunidade Britânica e na Europa. Pequena parte era absorvida pelos Estados Unidos da América do Norte. A

fibra era empregada, sobretudo, na manufatura de barbantes e cordas. Durante a guerra, os suprimentos de fibras duras das Filipinas e Índias Orientais Holandêsas, aos Estados Unidos, foram cortados, por efeito da intervenção japonêsa no conflito. Desde então, grande parte da produção africana foi dirigida para a América do Norte, que passou a constituir importante mercado consumidor das colônias, em ascenção desde 1940. A estatística registra as seguintes cotações, por tonelada, para o tipo N.º 1, esterlino da África Oriental Inglêsa, ao câmbio de Cr$ 52,00:

1940/42: Cr$ 1.014,00; 1943: Cr$ 1.222,00; 1944/45: Cr$ 1.560,00; 1946: Cr$ 2.519,00; 1947: Cr$ 3.559,00; 1948: Cr$ 4.600,00;

Em todo êsse período a diferença entre o tipo "Nº. 1" e o tipo "R" (reject), variou de Cr$ 208,00 a Cr$ 416,00.

m) **Inimigos da Cultura** — Embora as pragas do sisal em Tanganica não sejam numerosas, nas áreas costeiras a planta é severamente perseguida por um coleoptero, a que os inglêses denominam "sisal weevil" (broca do sisal). O inseto perfura a fôlha ainda nova, não raro atinge o bulbo da planta e ocasiona prejuízo ao tipo da fibra. A "Amboni Estates Ltd", que é a maior organização produtora de sisal de Tanganica, contratou os serviços técnicos do "Commonwealth Institute of Entmology" de Londres, para estudo da biologia da praga e respectivo combate à mesma. Visitámos o laboratório de campo da equipe de técnicos britânicos, composta de um entomologista, um fitopatologista e uma fisiologista, instalado em plena área de ação da praga, na fazenda "Kange", uma das componentes da "Amboni". Esta praga não é encontrada nas plantações de Quênia.

A "bole rot" (podridão do tronco) é moléstia que ocorre com intensidade, também nas plantações próximas da costa. Caracteriza-se pelo apodrecimento do bulbo da sisalana. A "leaf droop" (fôlha pendente) e a "sunspot" (mancha de sol), figuram como moléstias de pequena significação econômica. As causas destas três moléstias não se acham suficientemente esclarecidas. Segundo uns, trata-se de um mal fisiológico e, segundo outros, de simples deficiências do solo. A "mancha de sol" aparece tanto em Tanganica como em Quênia, nas regiões onde a umidade atmosférica é elevada.

Sob a denominação genérica de "banding diseases", os técnicos britânicos incluem todos os males resultantes das deficiências de potássio ou de fósforo. A fome de K_2O se manifesta, geralmente, sob a forma de mancha escura que aparece na base da fôlha e posteriormente se propaga por tôda a extensão da mesma, acabando por secá-la. A deficiência de P_2O_5 se exterioriza também sob a forma de manchas, mas de coloração amarela, que aparecem inicialmente no ápice da fôlha e se propagam para a base da mesma, em sentido descendente, portanto, até secá-la.

n) **Custo de produção** — Em Tanganica, o custo de produção de uma tonelada métrica de fibras de sisal, pronta para exportação, ficava, por ocasião da nossa visita, em Cr$ 1.364,00. Os cálculos estão feitos ao câmbio de Cr$ 52,00 por esterlino da África Oriental Inglêsa.

Contas	Valor em Cr$
Custeio — incluindo: tratos culturais, renovação da cultura, conservação de benfeitorias, máquinas, veículos, linhas férreas, alimentação e assistência social aos empregados	704,00
Colheita — incluindo: corte e transporte das fôlhas	195,00
Usinagem — incluindo: fôrça, suprimento de água e mão de obra	117,00
Administração — incluindo: gerência, escritório etc.	278,00
Diversos	70,00

O presente custo de produção resulta de uma mão de obra assalariada a Cr$ 2,60 (1 shilling) por dia e comida aos operários que as emprêsas são obrigadas a fornecer, por fôrça de lei.

Conforme se verifica é um custo de produção significativamente baixo, conseguido em troca de uma parca ração de mantênça e um irrisório salário atribuído ao nativo, como retribuição ao seu trabalho. Não fôssem as vantajosas possibilidades de produção de outras áreas, fora da África, dificilmente alguma região poderia competir com o sisal do Continente Negro. A mão de obra representa mais de 70% do custo de produção do sisal em Tanganica e Quênia. Se considerarmos o número de indígenas empregados nas plantações de sisal de Tanganica (60% dos nativos assalariados da agricultura do país) e as demais pessoas das respectivas famílias, chega-se à conclusão de que meio milhão de nativos depende da cultura do sisal. Daí se poderá concluir a danosa influência social que a exploração da fibra acarreta ao povo do país, nos moldes em que vem sendo praticada.

o) **Visita às fazendas de sisal** — Nos arredores de Tanga visitamos as plantações e usinas de "Amboni Estates Ltd" e da "Mjesani Estates", que são das maiores organizações produtoras de fibras de sisal. A primeira delas é das mais importantes do mundo, pois sua safra representa 10% da produção de Tanganica. Na visita aos seus departamentos fomos acompanhados por um dos co-proprietários da emprêsa, sr. H. Markwalder, que nos contou haver nascido na capital de Mato Grosso, muito embora não fale português. Dado o grande interêsse que a exploração da agave vem despertando entre nós, julgamos oportuno transcrever as notas tomadas, naquelas visitas, referentes a particularidades agro-industriais: **Altitude** — 20 metros acima do mar. **Chuvas** — 1.200 mm anuais, distribuídos por duas estações, com maior intensidade das precipitações de dezembro a maio. **Temperatura** — Média das médias absolutas ao redor de 25ºC. **Extensão das plantações** — 3.137 ha na "Emboni" e 1.500 ha na Mjesani". **Solo** — Arenoso, lembrando o da Araraquarense, pelo aspecto físico e topografia, porém de coloração mais avermelhada. **Preparo do terreno** — Limpeza e coveamento manuais. A escassês de mão de obra e os altos preços da fibra estão concorrendo para o emprêgo das máquinas agrícolas nas novas plantações. Nas fazendas da "Amboni" estava sendo praticada a subsolagem, no preparo do terreno. **Conservação do solo** — A agavicultura está estabelecida em terrenos razoàvelmente bem conformados — e isto em quase tôda a África — porém não a ponto de se livrarem da

erosão hídrica, quando submetidos a cultivo indiscriminado. Entretanto, em tôdas as culturas visitadas, quer em Tanganica, Quênia, Moçambique ou Angola, eram evidentes os traços deixados pelo arrastamento de terra pelas enxurradas, sem que houvesse qualquer medida tendente a preservar o solo. Conforme se pode verificar — quadro 14 — as precipitações na costa, durante o trimestre março-abril-maio, atingem mais de 600 mm, o bastante para erodir, severamente, qualquer solo sob o Equador e, tanto mais, os silicosos, como na área do sisal. **Adubação** — Não são empregados adubos minerais ou orgânicos. Os resíduos da descorticação são lançados nos ribeirões, em cuja margem se acham instaladas as usinas. Essa prática promove a poluição das águas, além de provocar insuportável mau cheiro em tôdas as fazendas. A massa lançada às águas diàriamente, resultante de uma descorticadora, é da ordem de 100 toneladas e as fermentações e os inconvenientes apontados são inevitáveis. **Material novo para multiplicação** — São mudas resultantes do encanteiramento dos bulbilhos durante dois anos em viveiro. **Culturas intercalares** — No primeiro ano plantam milho, que pertence à emprêsa o qual é vendido ao nativo para alimentação. **Compasso** — 2 metros entre linhas e 1,20 m entre plantas. **Densidade da cultura** — Com os espaçamentos citados, a população por hectare é de 4.000 plantas (10.000 por alqueire paulista). As plantações novas da "Amboni" estavam sendo estabelecidas em novos compassos; renques duplos de plantas distantes 80 cm entre si, afastados uns dos outros de 3,20 m. Essa nova disposição dos espaçamentos visava facilitar a passagem de trator e máquinas pelas ruas de 3,20 m, não obedecendo, entretanto, as linhas de nível do terreno. **Variedade** — "Agave sisalana" — O sisal azul (**Agave amaniensis**), não obstante o comprimento e qualidade da fibra, não estava sendo cultivado, por ser extremamente suscetível ao ataque da "sisal weevil". **Tratos culturais** — Resumem-se numa capina manual, praticada após o corte do sisal. A ferramenta usada pelo nativo é a pequena enxada, muito semelhante aos nossos enxadões, ajustada a um cabo curto de 50 a 60 cm. É instrumento que, além do baixo rendimento conseqüente às dimensões do ferro, é de manêjo exaustivo, porque obriga o operador a trabalhar dobrado para a frente, diminuindo ainda mais a eficiência do operário. **Plano de produção** — Nas fazendas da "Amboni" era a seguinte a distribuição das áreas de produção:

Discriminação	Área em ha	% sôbre o total
Sisal maduro	2.334	73,5
Sisal imaturo	423	13,5
Novas plantações	221	7,0
Terrenos em descanço	141	5,5
Viveiros	18	0,5
Soma:	3.137	100

Ponto de maturação e colheita — O primeiro corte dá-se, geralmente, do fim do 24.º mês ao 36.º mês da plantação, no terreno definitivo. O ponto de maturação é indicado pela formação de um ângulo de 90º entre as fôlhas mais velhas e o tronco da planta. A segunda colheita

tem lugar, mediante a mesma indicação, do 12.º ao 15.º mês após o primeiro corte e assim por diante, até o 6.º corte, que coincide com o fim da vida econômica da sisalana. Em cada colheita são cortadas tôdas as fôlhas, em ordem ascendente, até aquelas que formam um ângulo de 45º com a haste de agave. A primeira colheita rende, em média, 40 fôlhas e as seguintes 30 a 35 unidades. A ferramenta usada para o corte é um facão comum. A fôlha é seccionada, renda à própria inserção por meio de um corte em bisel, que evitará a infiltração de água da chuva e conseqüente apodrecimento. Após destacar a fôlha, o nativo elimina o acúleo apical, com a mesma ferramenta, bem como as partes que estiverem danificadas. **Transporte** — Os feixes são lombados pelo colhedor e empilhados à margem da linha férrea, de onde são passados para gôndolas, que os levam à usina. As composições são rebocadas por locomotivas a óleo, porque a presença, sempre eminente, da tsé-tsé exclui o boi ou outro animal doméstico para o trabalho de tiro. **Duração da sisalana** — De 5 a 6 anos nos solos pobres e de 7 a 10 anos nas terras melhores. A média tem sido de 7 anos. **Rendimento** — A média por unidade de superfície é de duas toneladas métricas de fibra sêca p/ha. O rendimento industrial é de 4% de fibra sêca sôbre o pêso da fôlha verde. A "Amboni" possui três usinas de descorticação e secagem e uma central, onde procede o acabamento do preparo por meio de penteação, classificação e enfardamento. Essa organização produz cêrca de 13.000 toneladas de fibra exportável e a "Mjesani", 2.000 toneladas. **Pragas e moléstias** — É o "sisal weevil" o inimigo de maior significação econômica. **Usinagem** — Nas fazendas visitadas as máquinas de descorticação eram do tipo "Corona Krupp", com capacidade para 4 toneladas de fibra, em 10 horas, e fôrça de 130 HP europeus, para acioná-las. **Secagem** — Ao sol, em varais de arame galvanizado. **Penteação** — A bateria de penteadeiras da "Amboni" tem capacidade para pentear a produção das três descorticadoras em ação. **Mão de obra** — As fazendas visitadas lutam com escassês de braços, sobretudo para as plantações. Grande parte dos trabalhadores é aliciada em zonas distantes e transportada para as plantações, a fim de trabalhar mediante contrato de dois anos. A "Amboni" estava realizando um plano de melhoramento das habitações dos nativos, edificando-as de alvenaria de pedra. Cada núcleo (colônia) se compõe de um grupo de casas, não em linha como nas nossas fazendas de café, mas ao redor do mercado nativo e do parlatório. Esta dependência é uma espécie de centro social, onde os nativos se reunem para palestrar. **Horário de trabalho** — Nas usinas os operários trabalham das 7 às 17 horas e nas plantações apenas das 6 às 10 da manhã. **Salários** — A retribuição do trabalho é feita em forma de ração alimentar standard, formulada por dietetas do govêrno e pela paga de 1 "shilling" por dia, ou sejam, Cr$ 2,60 ao câmbio de Cr$ 52,00 por esterlino da África Inglêsa Oriental. **Relação homem/produção** — Nas fazendas visitadas essa relação se expressa do seguinte modo, para a produção agro-industrial: um nativo/tonelada sêca de fibra, ou dois homens/ha. Os produtores de sisal de Tanganica são um tanto paradoxais no julgamento da capacidade do nativo: Segundo êles, o africano é um trabalhador incapaz, mas, por outro lado, louvam-no como eficientes tratoristas, ajustadores, ferreiros, etc..

Nas reservas de nativos, limítrofes com as plantações de sisal, de onde sai bôa parte dos assalariados das emprêsas, não há, pràticamente, agricultura, embora a região seja beneficiada por apreciável rêde de córregos e ribeirões que demandam o mar.

p) **Fazenda Experimental de Sisal de Negomeni** — O estabelecimento foi fundado em 1926 e vem se ocupando com a experimentação do sisal, tendo em vista, sobretudo, a investigação sôbre espaçamentos com ruas simples e duplas, métodos de propagação, adubação, competição entre híbridos, corte, capina, recuperação de solos, etc. Nestes ensaios entra a rotação das culturas com pasto de capim elefante. O estabelecimento é estipendiado pelos produtores de sisal e dirigido pelo govêrno, o que não impede que os diretores da Associação de Produtores de Sisal exerçam contrôle quase absoluto da estação.

A estação se acha estabelecida em terrenos de origem não vulcânica, vermelhos não lacterizados, com pH 5,5, a uma altitude de 165 metros acima do mar. Segundo o diretor do estabelecimento G. W. Lock, a rocha originária dos solos da região é um mecaxisto encontrado a 15 ou 20 metros abaixo da superfície do terreno. As chuvas estão distribuídas em duas estações, sendo a maior correspondente aos meses de outubro e novembro e a pequena, aos meses de fevereiro e março, ocasião em que caem 125 mm.

Na estação experimental fomos informados de que o sisal azul é destituído de importância industrial, por ser muito suscetível ao ataque da "weevil sisal". Entretanto, em um lote apreciável que alí vimos, constatamos muito poucas plantas atacadas pela broca. Outro ponto que chamou a nossa atenção foi a diferença apresentada pelos tratamentos no ensaio de capinas. À simples vista, dispensa uma interpretação estatística dos resultados. O lote não capinado estava reduzido à metade, comparado à testemunha, que recebia trato de rotina.

Nos ensaios destinados à verificação da influência do P_2O_5 e do K_2O na manifestação de moléstias fisiológicas, as diferenças nos tratamentos são significativas, também à simples vista. Nos ensaios de adubação ficaram envidenciadas maiores exigências de fósforo e potássio, que qualquer outro elemento. Muito nos interessava ver o ensaio de competição de híbridos e a coleção de variedades, o que infelizmente não pôde ser feito.

q) **Impressão geral do sisal em Tanganica** — O sisal é um produto privilegiado em Tanganica, porque, não obstante a sua importância na balança comercial do país e a sua condição de artigo de guerra, não se acha sob contrôle de nenhum "board".

A "Sisal Growers Association" é uma organização classista de nítido cunho capitalístico internacional. Pareceu-nos a entidade ditadora da política do sisal em tôda a África Oriental Inglêsa. Seus diretores desfrutam de um prestígio incomum, sobretudo o "Acting Director", embora de nacionalidade não inglêsa. A situação verdadeiramente privilegiada dos plantadores de sisal em relação a outros agricultores, mesmo aos de café, muito se assemelha à posição quase aristocrática dos nossos usineiros de açúcar do Nordeste, comparados aos demais agricultores, tais os favores de que se cercam. Em Tanganica ainda há a

vantagem, para os senhores do sisal, da inexistência de qualquer instrumento legal, como o Estatuto da Lavoura Canavieira, que ponha o nativo a coberto da rebarbativa política de produzir pelo mínimo, quase incondicionalmente. Os diretores da Associação dos Produtores de Sisal não lograram disfarçar certa reserva ou mesmo desconfiança quanto aos intuitos da nossa visita. Não pudemos perceber se a sua atitude era de receio de vêr desvendados eventuais mistérios sôbre o sisal de Tanganica, ou de desagrado porque alí íamos apresentados pelo Ministério das Colônias de Sua Majestade. A Associação se acha em conflito com o govêrno metropolitano não só por causa da política de concessões ao sisal, como também pela atitude do govêrno, concedendo aos prêtos, maior número de cadeiras no Conselho Deliberativo da Colônia. Êste fato, sobretudo, estava causando escândalo aos brancos. Com surprêsa, verificamos que o sisal não é utilizado para manufatura de sacaria na Inglaterra, mas constitui matéria prima da indústria de cordoaria. Finalmente, verificamos que não obstante os altos preços no mercado internacional, uma dúvida sôbre o futuro do produto pairava no espírito dos produtores da África Oriental Inglêsa, mas, sobretudo, nos de Tanganica.

4.11.2.8 — IMPRESSÕES GERAIS DE TANGANICA

Em tôda a área do Quilimanjaro, que representa a maior porção do território adequada ao cultivo do **C. arabica**, a terra se acha retalhada ao extremo. A pressão demográfica em certas partes da montanha é da ordem de 800 a 1.000 hab/km². Para se fazer uma idéia do que representa êsse adensamento humano, diremos que a densidade populacional de certas áreas de Tanganica é igual à do município da capital paulista.

Dos países componentes da África Oriental Inglêsa, Tanganica é dos que mais tem sofrido os reflexos da política internacional desde a guerra 1914/18, pelas seguintes razões:

a) Durante a primeira guerra houve estagnação da vida econômica da colônia germânica, pelo isolamento em que se achou durante os últimos anos da conflagração.

b) Cessado o conflito passou à condição de mandato da Liga das Nações, confiado à Grã-Bretanha. Sofreu radicais modificações na admitração interna, sequestro de propriedade dos antigos colonizadores, etc.

c) Com o advento do nazismo e as advertências de Hitler acêrca da devolução das antigas colônias alemãs, sobrevieram dúvidas dos inglêses sôbre o futuro do país, havendo paralização quase completa da sua vida econômica e quase nenhum incentivo ao seu desenvolvimento geral.

d) Durante a guerra 1939/45, repetiu-se a quase estagnação verificada durante o primeiro conflito.

e) Logo após esta segunda guerra ocorreram novas dúvidas acêrca da continuidade do mandato confiado à Inglaterra.

Pode-se dizer, pois, que só a partir de 1948 é que se firmou a administração britânica e foram iniciados planos de desenvolvimento econômico. Agora os inglêses estão procurando incentivar a entrada de

capitais metropolitanos, holandêses e americanos. Acreditamos que encorajamentos financeiros serão dirigidos para as indústrias extrativas de minérios. A cafeicultura, pensamos, não irá muito além do atual desenvolvimento, porque as terras para o **C. arabica** estão totalmente ocupadas, com plantações de café ou com a agricultura de subsistência do nativo.

O govêrno da colônia está fazendo uma tentativa de colonização das terras baixas do sul com capitais e colonos hindús e seus descendentes, já tanganicanos. A exploração comercial pelos hindús, em todos os ramos, chegou a um ponto de saturação em Tanganica. O govêrno projeta, então, encaminhar os excedentes — capitais e braços — para a agricultura na região tributária dos portos de Lindi e Miquindani. Essas terras do sul são boas, bem conformadas, a pluviosidade é razoável, mas não a ponto de permitir a cafeicultura, mesmo com o **C. canephora** (Robusta). Atualmente a sua exploração é limitada pela malária e, sobretudo, pela tsé-tsé. Uma vez saneadas, poderão servir para uma agricultura de produtos alimentares e, possìvelmente, de oleaginosas. E' possível que o hindú desenvolva ali a cultura do amendoim, que em Congoa, fracassou, mesmo amparada pelo aparato governamental.

As riquezas minerais de chumbo, diamantes, ouro e, possìvelmente, carvão, permitem vaticinar, para Tanganica, futuro mais auspicioso que para as colônias irmãs da África Oriental Inglêsa. A economia dêste país tomará uma feição industrial em futuro não muito remoto, enquanto Quênia e Uganda permanecerão com uma estrutura tìpicamente agrária.

Na região do Quilimanjaro as terras e clima são excepcionais para a cultura do milho. Êste cereal entra em boa dose na alimentação do nativo daquelas paragens. Vimos, nas proximidades de Liamungu, plantações de indígenas, da var. Hikory King, como até então nunca víramos. Não obstante relativa desuniformidade das plantas, estas alcançavam alturas até de 5 metros e ostentavam invàriavelmente duas espigas de tamanho normal. Para a estocagem do cereal o govêrno estava estabelecendo uma rêde de silos metálicos, de fôlha corrugada. Um "board" do milho vinha controlando a sua comercialização, desde o tempo da última guerra mundial.

Em Tanganica, Quênia e Uganda, especialmente na bacia do Lago Victoria, tivemos a nossa atenção voltada para uma praga que ataca o milho, o sorgo, o aleusine e certas gramínas forrageiras. E' uma planta parasita, que causa sérios danos às culturas atingidas, vulgarmente conhecida por Striga (Striga hermonthica). Morfològicamente se apresenta com um caule erecto de 30 a 40 cm de altura, provido de pequenas fôlhas opostas, terminado por uma inflorescência roxo-clara muito delicada. A **Striga** é uma praga de grande capacidade de propagação e de debelação extremamente difícil. Mais tarde vímo-la atacando milho e sorgo, também no interior da Nigéria. Na realidade ela ocorre em muitas regiões africanas, causando sempre prejuízos consideráveis. As sementes da Striga permanecem no terreno, às vêzes por anos a fio, até que ali apareça um pé de milho, sorgo ou aleucine. As sementes só germinam na presença da planta hospedeira. A praga emite fergonteas que se justapõem às raízes do indivíduos parasitado, nelas ade-

Fig. 18 — Aspectos de Tanganica: "A" — casa para nativos, "KANJE ESTATES" (AMBONI LTD.), arredores de Tanga, 20/7/50; "B" idem, idem, como a foto anterior; "C" parlatório (casa onde os nativos se reunem para palestrar) "KANJE ESTATES", 20/7/50; "D" EAST AFRICA TZETZE RESEARCH ORGANISATION", NEW SHINYANGA, 29/7/50.

rindo, com vigor, para retirar o necessário à sua nutrição à custa do aniquilamento e morte da planta parasitada. Os pés de milho ou de sorgo ficam estiolados, não atingem mais do que 60 cm, enquanto que junto ao seu caule, erecta, a Striga ostenta sua inflorescência arroxeada. Não são raros os casos em que os nativos tiveram que abandonar os terrenos contaminados por causa dos grandes prejuízos e pela impossibilidade de saneá-lo. Geralmente a colheita do milho, sorgo ou o aleucine, coincide com o florescimento da Striga. Uma medida tendente a combater a praga cifra-se na lavra do terreno antes que a mesma deite sementes, portanto, logo após a colheita do cereal. Mas acontece que o arado constitui raridade entre os agricultores nativos do centro da África. Em Uganda, na região do algodão, foi tentado o combate à praga por meio da rotação da malvácea com as gramíneas produtoras de grãos. Há mais duas espécies de Striga: a **S. lutea,** também danosa e a **S. asiatica,** que vegeta sôbre as gramíneas dos prados, mas sem grandes danos. Em quase tôdas as regiões da praga, por onde passamos na ocasião da cultura do milho e do sorgo, vimos os nativos na faina de arrancar a Striga, à mão, e remover os feixes para a beira do caminho, como meio de combate, a fim de evitar que a mesma frutificasse e deitasse a semente ao solo. Em muitos lugares e, especialmente em Quissumo, à beira do Lago Victoria, em Quênia, examinamos plantações e constatamos algumas com mais de 50% das plantas aniquiladas pela praga.

(A seguir Moçambique)

EQUILIBRE SUA ADUBAÇÃO COM
POTASSA
A GRANDE REGULADORA DAS COLHEITAS PESADAS.

COMPLEMENTO INDISPENSÁVEL
DO FÓSFORO E DO AZÔTO

Use Cloreto 60% ou Sulfato de Potássio 48% K20 — Fosfato bicálcico "Fertiphos" — 38 a 42% P205 — Sulfato de amônio 21% N
Folhetos gratuitos e informações para importação:
SOCIEDADE DE POTASSA E DE PRODUTOS AGRICOLAS LTDA.
Av. Ipiranga, 674 - 7.º - Salas 708 a 712 - Fone 34-1247 - Caixa Postal 6082
SÃO PAULO

Resumos e Transcrições

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO S. A.

(Com garantia do Govêrno do Estado de São Paulo)

Capital realizado ..... Cr$ 100.000.000,00

FAZ TÔDA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCÁRIA

EMPRÉSTIMOS
sôbre café, algodão e outros produtos agrícolas
Desconto de Letras e Duplicatas
Guarda de Títulos e Valores
Cobranças de dividendos e de juros de apólices
Bonus rotativos do Tesouro do Estado
Apólices Uniformizadas, Apólices Populares Paulistas, etc.
Operações de câmbio de qualquer natureza
Correspondentes nas principais praças do país e do exterior
Cofres de aluguel — Depósitos noturnos.

SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE

MATRIZ: — SÃO PAULO

Caixa Postal, 789 — Enderêço Telegráfico: "BANESPA"

AGÊNCIAS

1 — Adamantina
2 — Amparo
3 — Andradina
4 — Araçatuba
5 — Araraquara
6 — Araras
7 — Atibáia
8 — Avaré
9 — Barretos
10 — Batatais
11 — Baurú
12 — Bebedouro
13 — Botucatú
14 — Biriguí
15 — Brás (Capital)
16 — Caçapava
17 — Campinas
18 — Campo Grande (Mato Grosso)
19 — Campos do Jordão
20 — Casa Branca
21 — Catanduva
22 — Franca
23 — Gália
24 — Goiania (Est.Goiás)
25 — Guaratinguetá
26 — Ibitinga
27 — Itapetininga
28 — Itapeva
29 — Itú
30 — Ituverava
31 — Jaboticabal
32 — Jaú
33 — Jundiaí
34 — Lençóis Paulista
35 — Limeira
36 — Lins
37 — Lucélia
38 — Marília
39 — Mirassol
40 — Mogi-Mirim
41 — Novo Horizonte
42 — Olímpia
43 — Ourinhos
44 — Palmital
45 — Penápolis
46 — Pinhal
47 — Piracicaba
48 — Pirajuí
49 — Pirassununga
50 — Pres. Prudente
51 — Pres. Venceslau
52 — Quatá
53 — Registro
54 — Ribeirão Preto
55 — Rio Claro
56 — Rio de Janeiro
57 — Sta. Cruz do Rio Pardo
58 — Santo Anastácio
59 — Santos
60 — S. Bernardo do Campo
51 — São Carlos
62 — S. João da Bôa Vista
63 — São Joaquim da Barra
64 — S. José do Rio Pardo
65 — S. José do Rio Preto
66 — São Simão
67 — Sorocaba
68 — Tanabí
69 — Taubaté
70 — Tietê
71 — Tupã
72 — Uberlândia (Minas Gerais)

Efeito dos inseticidas orgânicos sôbre as larvas do bicho mineiro do café no interior das galerias

H. F. G. Sauer

O tratamento contra o bicho mineiro, nos cafèzais de São Paulo, processa-se por meio de polvilhamentos com inseticidas que objetivam especialmente o combate da praga no estado adulto. Afim de verificar se outras formas evolutivas seriam atingidas pelos inseticidas, foram feitos ensaios experimentais. Os resultados obtidos, conquanto preliminares, indicam haver possibilidade das larvas serem combatidas, mesmo no interior das galerias.

Verificou-se inicialmente que as pulverizações oferecem vantagens sôbre os polvilhamentos e os tratamentos, por via líquida, combateram igualmente os adultos e as larvas, enquanto que por via sêca os produtos efetivos, combatendo os adultos, não atingiam, como nas pulverizações, as formas larvais.

Conforme se deprende da tabela 1, foram experimentados nove produtos afim de verificar quais os que representavam maior poder inseticida sôbre as larvas. Êsse trabalho de seleção foi feito pulverizando-se, com cada produto, 4 cafeeiros muito atacados, com a praga em todos os graus de desenvolvimento. Tais cafeeiros, de porte médio, consumiram 1, 5 1. por pé do líquido contendo as porcentagens do princípio ativo expressas na tabela. As contagens, realizadas a partir do 5.º dia, apresentam os resultados resumidos na tabela 1.

Tabela 1 — Resultado do ensaio preliminar para verificar a ação dos inseticidas orgânicos (via líquida) sôbre as larvas do **Leucoptera coffeella.** Campinas, 12-7-1952.

Inseticida usado		Porcentagem do princípio ativo em 100 lts. água	Porcentagem de mortalidade depois do 5.º dia	Larvas vivas em 100 minas
Cafeno clorado 40%	M	0,240	15,6	86
Paration 15%	M	0,0246	100,0	0
BHC 12% i. g.	M	0,0360	37,5	70
Clordane 50%	M	0,250	3,8	100
Lindane 16%	M	0.032	27,7	78
Aldrin 25%	E	0060	15,3	88
Dieldrin 25%	E	0060	60,7	44
DDT 50%	M	0,150	18,0	77
Metoxiclor 50%	M	0,175	6,6	84
Testemunha		—	11,9	96

Em virtude da indicação de que dois dos produtos empregados exerciam evidente ação sôbre as larvas do bicho mineiro, ainda no interior das galerias, considerou-se apenas êsses dois produtos, os quais, isoladamente ou misturados, usados nas mesmas concentrações, foram nova-

mente experimentados, em maior escala, usando-se 35 cafeeiros para cada tratamento.

O segundo ensaio, também em condições de campo, positivou as primeiras indicações, sendo de realçar a eficiência da mistura Parathion mais Dieldrin, cujos resultados ultrapassaram os proporcionados pelo Parathion ou o Dieldrin, aplicados isoladamente.

Os dados expressos na tabela 2 evidenciam a possibilidade do bicho mineiro ser combatido na forma larval.

Tabela 2 — Efeito dos inseticidas no combate à **L. coffeella** no interior das galerias. Campinas. Tratamento feito em 13 de setembro de 1952.

Data da Contagem	Inseticidas usados	N.º de larvas em 100 galerias			Porcentgaem de	
		Mortas	Vivas	Total das larvas	Mortas	Vivas
16/9	Parathion	90	29	119	75,6	24,3
	Dieldrin	89	72	161	55,2	44,7
	Parathion+Dieldrin	117	12	129	90,6	9,3
	Testemunha	30	108	138	21,7	78,2
22/9	Parathion	92	15	107	85,9	14,0
	Dieldrin	56	62	118	47,4	52,5
	Parathion+Dieldrin	114	26	140	81,4	19,5
	Testemunha	16	110	126	12,6	87,3
29/9	Parathion	77	49	126	61,1	38,8
	Dieldrin	85	33	118	72,0	27,9
	Parathion+Dieldrin	108	4	112	96,4	3,6
	Testemunha	8	123	131	6,1	93,8
9/10	Parathion	54	91	145	37,2	62,9
	Dieldrin	111	18	129	86,0	13,9
	Parathion+Dieldrin	89	11	100	89,0	11,0
	Testemunha	12	92	104	11,5	88,4
25/10	Parathion	59	83	142	41,5	58,4
	Dieldrin	95	13	108	87,9	12,0
	Parathion+Dieldrin	96	12	108	88,8	11,1
	Testemunha	94	38	132	71,2	28,7

Enquanto que o Parathion, isoladamente, se de um lado exerce uma ação rápida, de outro, perde muito prontamente a eficiência; o Dieldrin manifestou-se de modo inverso ao Parathion. A mistura, porém, aliando as qualidades de ambos, ou seja o efeito residual do Dieldrin e a ação enérgica do Parathion, manteve a praga sob contrôle desde o início e por um período superior a 40 dias.

(Do "O Biológico, março, 1953)

Importância capital exerce o processo de secagem na formação da qualidade do café

Experimentações conduzidas pela Secção de Tecnologia Agrícola do Instituto Agronômico de Campinas

O engenheiro-agrônomo Manuel de Barros Ferraz, chefe-substituto da Secção de Tecnologia do Instituto Agronômico de Campinas, vem conduzindo, há tempos, experiências sôbre a técnica de secagem do café, objetivando, por êsse processo, alcançar melhoria na qualidade de produto independente da zona orignária de plantio. Realizando prolongada viagem aos Estados Unidos, durante a qual procurou a necessária comprovação para os resultados a que já lograra, dali regressou convencido do êxito dos seus trabalhos, elaborando, a respeito, longo relatório submetido ao titular da Secretaria da Agricultura.

ESTUDO SISTEMÁTICO SÔBRE A SECAGEM DO CAFÉ

Esclarece-nos, inicialmente, o relatório daquele técnico que a sua preocupação sempre esteve voltada para o problema da qualidade do nosso café, responsável, a seu ver, pela perda crescente de mercados em favor de produtores concorrentes que, por condições naturais ou provocadas, podiam preparar melhor o seu artigo para apresentá-los aos consumidores mundiais. Dentro do seu critério, de adotar como norma de trabalho para a Secção de Tecnologia Agrícola do I. A., a prioridade às pesquisas de acordo com a importância econômica dos diversos problemas, iniciou em 1948, com a colaboração do sr. Ari de Arruda Veiga, um estudo sistemático sôbre a secagem do café, a fim de determinar com exatidão rigorosa qual a influência que a secagem racional pode exercer sôbre a qualidade da bebida. E, a seguir, frisa:

"Depois de eliminar as principais causas dos êrros experimentais constatados nos primeiros dois anos de trabalhos, motivados pela falta de aparelhamento adequado a tais pesquisas, idealizamos e mandamos construir um secador experimental. Os resultados conseguidos com os estudos que idealizamos utilizando o novo secador parecem demonstrar nosso ponto de vista inicial, ou melhor, demonstram a importância capital do processo de secagem na formação da qualidade da bebida para tôdas as fases de maturação do café, exceto quando este já se acha parcialmente sêco".

FATORES DE BÔA OU MÁ BEBIDA

A temperatura de secagem do café recém-colhido é um dos principais fatores que orientam as reações responsáveis pela bôa ou má bebida, que se pode conseguir através da secagem controlada do café, em qualquer fase de maturação em que se encontre, exceto quando já está perfeitamente sêco. Nossos trabalhos, pouco antes de sua fase final, chegaram ao conhecimento do prof. R. R. Baldwin, diretor do Laboratório Central de Bioquímica, da "General Foods Corporation", que manifes-

tou vivo interêsse pelo nosso estudo, chegando mesmo a nos visitar em Campinas, em 1951 (documentos ns. 8 e 9). E o professor Baldwin, aproveitando sua visita, propôs uma colaboração conosco, no sentido de tornar viáveis certas análises quantitativas de compostos orgânicos existentes no café, pelos métodos analíticos, aperfeiçoados em seus laboratórios, por constatar que não estavamos aparelhados para executar essa parte de pesquisa especializada.

VIAGEM A NOVA YORK

"Nosso trabalho experimental, abrangendo cêrca de 350 amostras devidamente classificadas por degustação pelos nossos provadores mais credenciados, evidenciou a necessidade de minha viagem a Nova York, porquanto seria conveniente para a economia do país, que se conhecesse, na fonte e sem as destorções dos intermediários, a opinião das maiores firmas compradoras de café a respeito do valor real, si possível em dollar, de cada amostra que secamos sob contrôle, pois, com os dados obtidos em Nova York, poderiamos orientar seguramente a secagem de nosso café, visando alcançar os mais elevados preços.

Das amostras levadas, 35 foram reclassificadas pela "American Coffee Corporation" e 80, pelo corpo de classificadores da "General Foods Corporation". Em Hoboken, encontramo-nos novamente com o sr. R. R. Baldwin, que se prontificou a mandar proceder as análises completas das vinte amostras mais representativas sob o ponto de vista técnico de secagem bem como de 4 amostras de novas variedades, enviadas pelo prof. C. A. Krug. Combinamos com o prof. R. R. Baldwin que os resultados analíticos nos deverão ser oportunamente enviados, a fim de que providenciemos sua publicação em nossa revista, como uma contribuição dos laboratórios de pesquisas da "General Foods Corporation", para a melhoria da qualidade de nosso café.

COOPERAÇÃO DA "GENERAL FOODS"

"Recebemos da "General Foods Corporation" outra cooperação muito valiosa: todos os métodos que estão sendo utilizados nas dosagens dos principais componentes orgânicos existentes no café cru, torrado ou no café solúvel. Esses métodos, descobertos ou aperfeiçoados pelos técnicos da firma, já foram incorporados ao nosso arquivo para serem, oportunamente, aqui utilizados. Diga-se, de passagem, que sòmente em tecnologia de alimentos, trabalham nos laboratórios de pesquisas da "General Foods Corporation" para mais de 100 técnicos. Dentre estes, mencionaremos os nomes dos que nos interessaram diretamente, ou melhor, os nomes dos tecnologistas de projeção internacional, que estão trabalhando para melhorar a qualidade dos cafés torrados e industrializados pela firma: R. G. Moores, Dorothy M. Greninger, L. Mc Dermott, T. R. Wood, N. R. Ishler, T. P. Finucane, Emanuel Borker, Kremers, Oppenheimer, William Mitchell, M. Barnes, Irwing Russof e R. R. Baldwin. Entramos em entendimentos, graças às apresentações do Sr. R. R. Baldwin e do Sr. Pierine, tesoureiro do Bureaus Pan Americano de Café, com o Sr. Georg Robins, que é o Superintendente Geral dos Negócios de Café da "General Foods Corporation". O sr. Robins

já se achava informado do motivo que nos levara à sua presença e com cativante espontaneidade, fez uma detalhada exposição sôbre a organização que dirige. Relatou-nos, a seguir, que torra mais de 3.600.000 sacas de café por ano, e que se vê obrigado a comprar café na praça de Nova York, a fim de não ser constrangido a receber cafés cujas bebidas não satisfaçam inteiramente as exigências impostas pelos seus fregueses, desistindo de comprar, por preços mais vantajosos, café nos portos de exportação, para evitar totalmente a compra de cafés inferiores.

CLASSIFICAÇÃO DO CAFÉ NOS EE. UU.

Explicou-nos, depois como se acha organisado o negócio de café sob sua direção, o qual pode ser assim resumido:

1.º — Os cafés oferecidos à firma são provados por uma equipe de 5 classificadores chefiados pelo sr. Conroy, equipe essa que se acha subordinada diretamente à sua superintendência.

2.º — Baseado no laudo de classificação emitido pela equipe compra os cafés oferecidos, desde que os preços sejam os correntes no mercado.

3.º — Novas amostras são retiradas dos lotes adquiridos e já em poder da firma, e cada amostra retirada é dividida em 3 partes: a primeira é torrada até côr clara, a segunda até côr média e a última até côr escura.

4.º — Seus degustadores escolhem, entre as três torrações, a mais conveniente, visando ao melhor aproveitamento quanto à bebida que se pode obter do lote analisado.

5.º Com as melhores torrações dos diversos lotes, compõem-se as ligas que, na opinião da equipe de classificadores, mais satisfaçam às exigências dos consumidores norte-americanos.

6.º — Como a firma dispõe de diversas usinas distribuidoras pelo território nacional, o escritório central lhes remete os diversos lotes adquiridos e também as instruções detalhadas sôbre as percentagens que devem ser misturadas de cada lote, bem como a orientação sôbre o grau de torração ideal.

A côr ótima de torração para cada lote é medida com um colorímetro, que elimina totalmente o êrro visual e, como cada usina dispõe de idêntico aparelhamento, acham-se tôdas habilitadas sem a menor possibilidade de êrro, a obedecer rigorosamente às instruções do escritório central de Nova York. Com essa organisação, tornou-se possível a padronização da qualidade do café torrado pela firma em todo o território nacional . Pela exposição feita podemos avaliar a responsabilidade da equipe de classificadores que presta assistência ao Superintendente Geral. Este também pode dispôr, quando necessita, de todo o trabalho dos laboratórios de pesquisas da firma de laboratórios particulares. No entanto, a informação mais acatada, para a suprema orientação da firma, é a opinião dos compradores, ou melhor, a dos fregueses que compram e pagam o café torrado, pois nunca possue o Superintendente da firma, o desejo de **forçar** ou **impingir** aos consumidores uma "liga que não lhe agrade, porquanto sabe que existem concorrentes

organizados, sempre alertas, esperando oportunidade para expandir seus negócios. Para conhecer as preferências dos consumidores, são contratados os serviços de companhias especializadas nesse ramo de recenseamento".

(Do "Diário de S. Paulo")

«QUANDO EMPREGAMOS A SECAGEM DE TERREIRO EM ZONA DESFAVORÁVEL PERDEMOS US$ 18,48 POR SACA DE CAFÉ»

"ESTAMOS PERDENDO O NOSSO MELHOR MERCADO DE CONSUMO EM VIRTUDE DA MÁ QUALIDADE DO NOSSO PRODUTO, APESAR DE VENDE-LO POR PREÇOS INFERIORES AOS OBTIDOS POR TODOS OS OUTROS NOSSOS CONCORRENTES"

Prosseguimos hoje na publicação de trechos do relatório elaborado pelo eng. egrônomo Manuel de Barros Ferraz, chefe-substituto da Secção de Técnologia Agrícola do Instituto Agronômico de Campinas, a propósito das experimentações alí realizadas no setor da secagem do café e respectivas comprovações em laboratórios de firmas especializadas norte-americanas. Na primeira parte do seu trabalho, publicada em nossa edição de domingo último, tomamos conhecimento das razões e dos primeiros resultados colhidos com as experimentações levadas a efeito com secadores idealizados e montados no próprio Instituto Agronômico, resultados esses que o eng.-agrônomo Manuel de Barros Ferraz procurou fundamentar em contra-provas a serem obtidas diretamente nos mercados de consumo, assim viajando para os Estados Unidos, onde primeiramente colocou-se em contacto com os técnicos da "General Foods Corporation". Vejamos, alí, quais as conclusões a que foi chegar:

"Das amostras que secamos sob contrôle, 80 foram classificadas pela equipe de classificadores do Superintendente-Geral dos Negócios de Café da "General Foods Corporation". Podemos adiantar que as classificações realizadas por sua equipe de classificadores concordaram satisfatòriamente com as classificações realizadas pelos nossos peritos. Nosso ponto de vista de que a temperatura de secagem é um dos principais fatores que influem nas reações que se processam durante a secagem, ficou claramente demonstrado por esses mesmos laudos".

CLASSIFICAÇÃO DA "GENERAL FOODS"

"Para não nos alongarmos demasiadamente, analisaremos apenas alguns resultados mais significativos citados nos laudos de classificação da "General Foods Corporation": A amostra n. E-230, constituida de 50% de café bourbon contendo 76% de cereja, 10% de verde, 14% de sêcos, em que se evidencia a predominante importância da temperatura na formação das bebidas que foram provadas pela equipe de classificadores da "General Foods Corporation". Estas classificações concordaram satisfatòriamente com as classificações realizadas em São Paulo e citadas nos estudos que realizámos (V. linha 1 da Fig 1).
verde e 50% de café bourbon cereja, sêca por 2 horas a 80°C. e com

posterior secagem até pêso constante a 50°C., produziu bebida "sour", que corresponde à nossa bebida "dura" ou ao valôr 0, arbitrado por nós. A amostra E-231, constituida também de 50% de café bourbon verde e 50% de café cereja, sêca durante uma hora a 80°C. e com posterior secagem a 50°C., produziu bebida "good cup" — "bôa xícara" — que é a bebida mais apreciada pela firma. As amostras E-230 e E-231 são as contra provas das amostras **m** e **n**, citadas no gráfico A, da Fig. 1 (publicado na edição de domingo último).

De inestimável importância econômica para o Brasil foram os resultados de nossas experiências realizadas concomitantemente em Campinas e São José dos Campos, cujas amostras receberam os n°s. 354, 355, 346, 347, 348, 350, 351, 352 e 353. Descreveremos, a seguir, a relação do tratamento térmico empregado na secagem de cada amostra derivada do mesmo lote original de café bourbon vermelho:

Amostra	Temperatura empregada na secagem	Valores das bebidas determinados pela General Foods
346	50°C	"Slightly sour" (4-5) quase dura
347	55°C	"Slightly sour" (4-5) quase dura
348	60°C	"Good cup" (1) estritamente mole — suave
350	70°C	"Good cup" (1) estritamente mole — suave
351	75°C	"Good cup" (1) estritamente mole — suave
352	80°C	"Grady" (3) apenas mole
353	— 22,5°C Secagem no terreiro — Em S. José dos Campos	"Rio" (6) bebida Rio

DIFERENÇAS NO VALOR DO CAFÉ

"Com os elementos fornecidos pela classificação do valor das bebidas obtidos pela "General Foods Corporation", acima descriminadas, e as cotações dos preços de café no mercado disponível de Nova York, calcula-se, sem dificuldade, que o café sêco no terreiro, em São José dos Campos, (amostra n.° 353) poderia valer, como decorrência de sua má bebida, preço equivalente ao café Rio, tipo 7, que estava sendo negociado na base de 40 centavos de dollar por libra, ao passo que as amostras derivadas do mesmo lote e sêcas sob contrôle nas melhores temperaturas(amostras n.°s 348 — 350.. — 351) valeriam 54 centavos de dollar por libra. Conseguimos, assim, demonstrar experimentalmente que, com a secagem controlada é possível conseguir-

se, com facilidade, valorização de 18,48 dollars ou melhor, cêrca de Cr$ 345,90, ao câmbio oficial por saca de 60 quilos de café beneficiado. As amostras n.ºs 354 e 355 que também produziram bebidas "Rioy", correspondem à totalidade dos cafés sêcos no terreiro em São José dos Campos e já recolhidos à tulha, aguardando o descascamento. Perdemos, portanto, 18,48 dollars por saca de café, quando empregamos a secagem de terreiro em zona desfavorável ao desenvolvimento de bôas bebidas, mas sabemos, hoje, que, do mesmo café cereja, podemos, com secagem artificial, produzir cafés finos "good cup" — bôa xícara" — que é a bebida preferida pela "General Foods Corporation". (Veja-se classificação das amostras n.ºs 348, 350 e 351)."

PERDAS DE MERCADOS DE CONSUMO

"Para a economia do país, a perda de 18,48 dollars por saca de café exportado ainda não é tudo, pois muito mais importante que isso é o fato incontestável de estarmos perdendo nosso melhor mercado, em virtude da má qualidade de nosso produto, apesar de vendê-los por preços inferiores aos obtidos por todos os outros nossos concorrentes. Basta estudar a estatística de importação norte-americana para se concluir que, devido exclusivamente à má qualidade de nossos cafés, que geralmente são vendidos por preços muito inferiores aos dos nossos concorrentes, perdemos, de 1934 a 1951, 14% do precioso mercado importador norte-americano, ao passo que a maioria dos países latino-americanos e várias regiões africanas aumentaram suas exportações, à custa da quota que perdemos".

18 de setembro de 1952

Exmo. Sr. Manoel de Barros Ferraz
Chefe Substituto da Secção de Tecnologia
Agrícola do Instituto Agronômico de Campinas

Prezado Sr. Ferraz:

Respondendo à carta de V. S. datada de 17 do corrente, tenho o prazer de transmitir as informações a saber:

Item 1: Visando exclusivamente reduzir o custo das misturas de café que torra, a General Foods acha preferível misturar cafés africanos neutros pois êstes oferecem a vantagem de não conferir paladar muito desagradável à bebida.

Item 2: A General Foods Corporation atendendo às exigências crescentes de seus consumidores não está empregando deliberadamente café com bebida Rioy" nas misturas que torra.

Item 3: A American Coffee Corporation segundo relatou o seu presidente sr. F. Kurtz, também não emprega deliberadamente café com bebida "Rio" nas misturas que torra quando visa colocar seu produto no mercado interno.

Item 4: Segundo informação do Presidente Sr. F. Kurtz, em face da crescente exigência dos consumidores norte-americanos quanto à qualidade da bebida, a American Coffee pretende reduzir e se possível eliminar completamente de suas ligas o emprêgo de café com bebida "dura".

Sem outros motivos, prevaleço do ensejo para apresentar-lhe minhas

Saudações atenciosas
S. PIERINI
Tesoureiro

DOCUMENTO N.º 7 — Grave ameaça paira sôbre o futuro do café do Brasil se não cuidarmos em tempo da melhoria da sua qualidade. Pelos têrmos da presente carta, firmada pelo sr. Pierini, diretor-tesoureiro do Bureau Pan Americano, e dirigida ao eng.-agrônomo Manuel de Barros Ferraz, a pedido dêste, ficam fundamentadas as informações que lhe haviam sido fornecidas nos Estados Unidos de que as duas maiores firmas torradoras e distribuidoras do café nesse país — a "General Foods Co." e a "American Coffee Co.". — não só já não empregam em suas misturas o tipo "rio" como tendem, também, a eliminar completamente o emprêgo da bebida "dura". Estes dois tipos de café, como ninguém desconhece, constituem enorme parcela na massa da produção cafeeira do Brasil e a sua rejeição total, no mercado norte-americano, representará, para nós, sem dúvida, profundo golpe, notadamente se uma nova super-produção vier a ocorrer, quando, então, voltaremos a ser o único país a acumular e provàvelmente, a queimar "stoks" de produto de baixa qualidade.

AMEAÇA PARA O BRASIL

"Discutiremos, a seguir, outros detalhes das informações altamente valiosas para o futuro da nossa cafeicultura, que nos foram prestadas pela "General Foods Corporation" e pela "American Coffee Corporation". Informaram-nos a "General Foods Corporation e a "American Coffee Corporation" que, devido à pressão de seus consumidores, não compram cafés com bebida "Rioy". (Veja-se documento n.º 7). Estas simples informações significam para bom entendedor, que, se houver nova super-produção mundial de café, primeiramente serão incinerados os cafés com bebidas "Rioy", posteriormente os cafés duros, ao passo que os cafés finos continuarão resistindo à concorrência, como já sucedeu no passado. Convém não nos esquecermos de que o Brasil já queimou cêrca de 80.000.000 de sacas de cafés baixos".

NA "AMERICAN COFFEEE"

"Apresentado pelo sr. Pierini, tesoureiro do Bureau Pan-Americano do Café entramos em contacto com o presidente da "American Coffee Corporation", sr. F. M. Kurtz. Após detalhada exposição sôbre nossos estudos realizados em Campinas, pedimos que a "American Coffee Corporation" provasse nossas amostras sêcas sob contrôle, no que fomos atendidos, conforme o laudo anexo ao presente. Foi destacado o sr. Fala, chefe do Serviço de Classificação da Companhia, em Wall Street, Nova York, para executar as referidas classificações. Achando-se presente o gerente da Divisão de Exportação da "American Coffee Corporation", de Santos, sr. Henry F. Orton, tivemos a satisfação de comentar as classificações executadas pelo sr. Fala, que, em linhas gerais, comprovaram os resultados obtidos em São Paulo, com exceção das amostras 230 e 231. As amostras n.ºs 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180 e 181, foram obtidas de café cereja, colhido de talhão sombreado, da Fazenda "Santa Eliza", do Instituto Agronômico, e submetidas às secagens sob contrôle, nas condições que especificaremos adiante. As classificações realizadas pela "American Coffee Corporation", citadas

a seguir confirmaram satisfatòriamente as classificações realizadas em São Paulo, que ainda não foram publicadas.

N.º 171 — sêca a 35ºC estritamente mole — bôa xícara.
N.º 172 — sêca a 40ºC. estritamente mole.
N.º 173 — sêca a 45ºC. estritamente mole.
N.º 174 — sêca a 50ºC. mole — slightly sour — apenas dura.
N.º 175 — sêca a 55ºC. mole — slightly sour apenas dura.
N.º 176 — sêca a 60ºC. mole.
N.º 177 — sêca a 65ºC. mole.
N.º 178 — sêca a 70ºC. mole.
N.º 179 — sêca a 75ºC. mole — slightly sour — apenas dura.
N.º 180 — sêca a 80ºC. undesirable cup — xícara indesejável.
N.º 181 — sêca ao sol — estritamente mole.

TÔDAS AS VARIAÇÕES DE BEBIDA

Estas classificações também demonstram que as temperaturas empregadas durante a secagem foram suficientes para produzir, partindo-se do mesmo café, tôdas as variações de bebida, desde udesirable cup — ("xícara indesejável") até os estritamente moles suaves "bôa xícara". As temperaturas de 50ºC. e 55ºC., empregadas durante a secagem (amostras n.ºs 174 e 175) nesta experiência, se mostraram altamente nocivas à qualidade da bebida, confirmando nossas experiências anteriores. Como já dissemos, as classificações realizadas pela "American Coffee Corporation" confirmaram satisfatòriamente as classificações executadas em São Paulo e parecem demonstrar definitivamente que até os cafés cerejas, recentemente colhidos de talões sombreados, quando sêcos em temperaturas contra-indicadas, produzem bebidas baixas. De fato, constata-se, baseado nas classificações da mencionada firma (documento n.º I) que os cafés cerejas, provenientes de talhão sombreado e sêcos a 50ºC. (amostra n.º 174) e a 55ºC. (amostra n.º 175) produziram bebidas slightly sour, ou apenas dura, e, quando sêcos a 80ºC., produziram bebida udesirable cup — xícara indesejável" (amostra n.º 180).

Ambas as qualidades slightly sour e undesirable cup não são compradas ou preferidas pela "American Coffee Corporation" que, por outro lado compra tôdas as outras melhores qualidades provenientes do mesmo café cereja. Atente-se neste exemplo, para a importância da temperatura".

CAFÉ SOMBREADO

"Outro ponto significativo dessas experiências é o fato de que as melhores bebidas obtidas das amostras sêcas em temperaturas mais favoráveis (35º, 40º e 45ºC.) não receberam denominações especiais da firma "American Coffee Corporation" que nos autorizassem a concluir que o sombreamento do cafèzal, em si, possa promover a melhoria da qualidade da bebida. Também neste caso, como vimos, a temperatura de secagem do café cereja, proveniente do talhão sombreado, foi o fator mais importante na formação de sua bebida. Estas conclusões são muito importantes para o Brasil que pràticamente não possui café sombreado".

SUPERIOR A 250 MILHÕES DE «DOLLARS» O PREJUÍZO EFETIVO ANUAL CAUSADO AO PAÍS PELO DESAPARELHAMENTO EM TECNOLOGIA DO CAFÉ

DE 1934 A 1951 O BRASIL PERDEU, EM CADA ANO, PERTO DE TRÊS MILHÕES DE SACAS NO CONSUMO DOS ESTADOS UNIDOS

"Se desejarmos rehaver o mercado que estamos perdendo, só nos restará uma solução: melhorar a qualidade do café e procurar vendê-lo pelos preços que os nossos concorrentes estão recebendo"

(Conclusão)

Com o trabalho de hoje, damos por finda a publicação de trechos do importante relatório elaborado pelo engenheiro-agrônomo Manuel de Barros Ferraz, chefe-substituto da Secção de Tecnologia Agrícola do Instituto Agronômico de Campinas a propósito do problema da melhoria da qualidade do nosso café. Nesta última parte, encontramos as principais conclusões obtidas por aquele técnico brasileiro como resultado, quer da experimentações aqui levadas a efeito, quer das constatações feitas junto às maiores firmas torradoras e distribuidoras do café nos Estados Unidos; além disso, oportunas são as recomendações deste final do seu relatório.

EXPERIÊNCIAS DA "STANDARD BRANDS"

"A convite do sr. Charles Lee, superintendente do Departamento de Vendas da matriz da Companhia "Standard Brands", tivemos oportunidade de discutir com os técnicos do laboratório central da emprêsa, em presença do gerente dos laboratórios centrais, sr. Robert F. Light, problemas referentes à melhoria da qualidade do café, pois este é o assunto do dia para a firma, que possuí, no território norte-americano, não só muitas torrefações, como também fábrica de café solúvel.

Atendendo ao convite do sr. Robert F. Light, combinamos um encontro com o sr. H. Elliot Foote, Ph. D., chefe da Divisão de Engenharia e Desenvolvimento da emprêsa, que deveria voltar da Colombia aonde fôra para orientar experiências sobre secagem de café despolpado, empregando-se na degomagem, o processo enzimático de sua invenção, denominado "processo Benefar". O ponto de vista fundamental defendido pelo sr. Foote consiste em que o café se deteriora depois de colhido, se permanecer úmido por muito tempo; portanto, toda a redução de tempo, que vai do momento da colheita até a hora em que o café esteja suficientemente sêco para impossibilitar perigos de alterações prejudiciais à sua bebida, deve beneficiar a qualidade do produto final. Esse processo permite atingir esse objetivo quando se despolpa o café, pois reduz sensìvelmente o tempo necessário à degomagem do café despolpado. O dr. Foote e seus assistentes estudam problemas relacionados com a melhoria da qualidade do café, viajando, mesmo, aos paises produtores, para orientar e conduzir esperiências nas épocas de colheita, há mais de 6 anos, por entender que o problema da qualidade é vital

para o êxito comercial da industrialização do café, devido à exigência crescente dos consumidores norte-americanos, quanto à qualidade. Combinamos com C. E. Kaker, do Departamento de Horticultura da Estação Experimental de Agricultura da Universidade "Purdue Lafayett", Indiana, que, no próximo ano, lhe remeteriamos amostras de cafés sêcos sob contrôle, para que prosseguisse os seus estudos sobre conservação das qualidades boas dos cafés finos, pelo armazenamento frigorificado. A convite do sr. H. A. Lepper, chefe assistente da Divisão de Alimentos da Administração de Alimentos e Drogas, estivemos em Washington, onde mantivemos longa discussão em torno dos problemas da melhoria da qualidade de nosso café. Por seu intermédio, soubemos que, na América do Norte apenas restrita zona, próxima a Nova Orleans, ainda consome cafés com bebidas inferiores, cafés esses que geralmente são misturados com chicória ou cereais torrados.

CAFÉ SOLÚVEL

"As principais firmas que industrializam o café na América do Norte, devido a concorrência que fazem entre si e às exigências crescentes dos consumidores, estão empenhadas em melhorar seus produtos, dia a dia, sejam os cafés torrados que vendem, ou sejam os cafés solúveis que industrializam. A produção de café solúvel continua aumentando incessantemente. A qualidade dos atuais produtos já é francamente satisfatória, sob o ponto de vista de paladar. Para atingir tais objetivos, são obrigadas a comprar cafés finos ou cafés livres das bebidas que não sejam apreciadas pelos seus consumidores.

FATORES DA PERDA DE MERCADOS PELO BRASIL

"Enquanto os torradores norte-americanos se dedicam profundamente às pesquisas tecnológicas, para a melhoria de seus processos de industrialização, montando especializadíssimos laboratórios de pesquieas onde trabalham dezenas dos mais competentes tecnologistas de todas as nacionalidades, nós cruzamos os braços ou lançamos mão de medidas de valor discutível, que são, geralmente, para defender interesses passageiros de pequenos grupos e, raras vezes, em benefício da consolidação da agricultura racional de nosso principal produto exportável. E com todas as nossas providências imediatistas, estamos perdendo, como já vimos, o valioso mercado norte-americano, que deseja comprar cafés finos pelos quais para o que vale.

De fato, o Brasil, em 1934, exportou 67 por cento dos cafés importados pela América do Norte, para consumo, e, em 1951, nossa exportação baixou para 53 por cento. Em outras palavras, perdemos, de 1934 a 1951, um mercado anual, nos Estados Unidos, correspondente a 2.850.032 sacas. Apesar da gravidade dessa situação, ainda não esboçamos, até o momento, nenhuma reação para rehaver este precioso mercado que nos paga em dollar. Diga-se, de passagem, que 2.850.032 sacas de café, ao preço de 54 centavos por libra poderiam ter canalizado para o Brasil, no presente ano, para mais de 203.000.000 de dollars, ou Cr$ 4.000.000.000,00, ao câmbio oficial.

250.000.000 DE PREJUÍZOS

"Se somarmos a essa perda, os prejuízos provenientes dos ínfimos preços que recebemos pelos nossos cafés inferiores podemos ter uma idéia clara do prejuízo efetivo que nosso desaparelhamento em matéria de pesquisa sôbre tecnologia agrícola está acarretando ao país. Não é demais admitir-se que nosso prejuízo total, só no setor do café é superior a 250.000.000 de dólares por ano. Como se pode ver, na lista de preços do mercado disponível de Nova York, o Brasil está vendendo seu café por preços inferiores aos preços alcançados por todos os nossos concorrentes. Considerando-se ainda as importantíssimas declarações da "American Coffe Corporation" e da "General Foods Corporation" (documento n. 7 — ontem publicado) pode-se concluir que uma das causas principais das perdas de mercado que estamos sofrendo, reside justamente no fato de que está havendo, ao menos por parte das grandes firmas consumidoras diminuição das compras de cafés inferiores, de "bebida Rio" e de "bebida dura", ainda que oferecidos por preços vexatóriamente baixos. Para a reconquista da parte do mercado norte-americano, que já perdemos, pensamos que pouco adiantará baixarmos nossos preços de venda e continuarmos a produzir cafés com bebidas não desejadas pela maioria dos consumidores. Portanto, se desejarmos reaver o mercado que estamos perdendo, só nos restará uma solução: melhorar a qualidade de nosso café e procurar vendê-lo pelo preço que nossos concorrentes estão recebendo. Felizmente, nossos estudos realizados e discutidos no presente relatório, já nos autorizam a afirmar que podemos melhorar muito a qualidade de nosso café. Está claro que ainda temos muito que pesquisar sôbre tão importante assunto. Convém não nos esquecermos, que esse mercado perdido deve ser muito superior a 250.000.000 de dólars, por ano".

RENUMERAÇÃO DO PRODUTOR

"Para atingirmos tais objetivos seremos forçosamente obrigados a analisar os problemas também sob os pontos de vista econômico e financeiro, como veremos a seguir. Infelizmente, nosso produtor de café é insuficientemente remunerado quando resolve melhorar a qualidade de sua produção, pois, sòmente em casos excepcionais conseguem receber 10 ou 12 porcento dos lucros que seus cafés finos propiciam aos intermediários e exportadores. Como prova desta afirmativa basta que se vejam as ridículas diferenças de cotação no mercado interno entre os cafés como bebida Rio, que isoladamente não seriam comprados pelos maiores torradores norte-americanos, e os cafés com bebida estritamente mole, suave, Estas ridículas diferenças pagas ao produtor de cafés finos nacionais nunca estimulariam o aprimoramento da qualidade de nossa produção. Pelo mesmo motivo que, não se admite no Brasil de hoje, razões que justifiquem a mistura, ou melhor, a liga de um fardo de algodão do tipo 7 com um fardo de algodão do tipo 1, não devemos permitir que se misture uma saca de café de bebida "Rio" com café de bebida estritamente mole suave destinada à exportação. As tais ligas efetuadas nos portos de embarque só promovem o rebaixamento da qualidade do pouco

café fino que ainda produzimos. Em face dos fatos apresentados no decorrer do presente trabalho, esta medida, que seria injusta e inviável outrora, tornou-se uma necessidade hoje si quisermos conservar nossos mercados atuais e reconquistar a parte dos mercados que já perdemos; além disso, a adoção de tal medida, melhorando os preços efetivamente recebidos pelos cafeicultores, do Interior, elevaria seu poder aquisitivo indispensável ao aumento do consumo interno com a consequente consolidação e expansão de nosso parque industrial que, tão cedo, provavelmente ainda não estará em condições de competir econômicamente nos mercados internacionais.

Se dependessemos exclusivamente da "General Foods Corporation" e da "American Coffee Corporation", o café "Rio" não teria valor e estaria condenado ao fogo como já sucedeu no passado, ao passo que o café estritamente mole suave "good cup" seria comprado em abril de 1952 à razão de 54 centavos de dólar por libra-peso, e nós provàvelmente não teriamos perdido um mercado anual superior a 2.850.032 sacas de café".

CAFÉS FINOS NA EUROPA

"Pouco antes de seu retorno de Nova York, soube que os países latino-americanos produtores de cafés finos, iriam iniciar uma propaganda na Europa, visando expandir a venda de seus produtos, provàvelmente à custa de nosso sacrifício no velho Continente. Se fosse criado, aqui, um organismo de pesquisa similar ao "Eastern Research Laboratory", com uma Secção especializada sôbre tecnologia do café, estamos certos de que nossas perdas de mercado poderiam ser facilmente convertidas em reconquistas. Resolvemos expor este problema com a clareza de quem sentiu o valor da pesquisa traduzido em dólar, pois nossos trabalhos sôbre secagem de café estão sendo muito mais seriamente analisados pelos grandes torradores norte-americanos, que gastam milhões de dólars em pesquisas tecnológicas, do que por qualquer outro grupo nacional ligado ao café.

Baseados nos entendimentos verbais mantidos com o sr. R. R. Baldwin, que se acha profundamente empenhado na melhoria da qualidade de nosso café, seria conveniente que, como medida de emergência, o Instituto Agronômico, após aparelhar convenientemente a atual Secção de Tecnologia Agrícola, convidasse o sr. Irwing Rusoff para vir colaborar conosco, por 6 meses ou 1 ano nos estudos analíticos, que deveremos fazer sôbre química de café. Igualmente, deveriamos, visando obter maior proveito da colaboração do sr. Irwing Rusoff, contratar um ou mais técnicos para acompanharem os trabalhos a serem realizados em nossos laboratórios, a fim de que se especializassem nesse setor da química analítica, indispensável aos estudos sistemáticos para melhorarmos a qualidade de nosso produto básico. Tomo a iniciativa de juntar a este relatório os projetos de construção e a descrição da organização do laboratório de pesquisa sobre tecnologia agrícola, denominado "Eastern Research Laboratory", já suficientemente experimentado na América do Norte, onde tem prestado relevantes serviços à economia norte-americana. Obtivemos estes projetos por solicitação do Diretor

do Instituto Agronomico sr. C. A. Krug que vê com objetividade nossas falhas neste setor de pesquisa".

MARCA BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS

"Antes de finalizar esta resumida exposição, desejariamos mencionar que existe em Princeton, New Jersey, U.S.A., uma torrefação de café, a única, talvez dos Estados Unidos, que vende o seu produto torrado e moido com a marca "BRAZIL COFFEE". Essa torrefação é um empreendimento que, por si só, demonstra o idealismo e o arrojo de seu proprietário, o sr. Clovis Nogueira de Sá. Gostariamos que os brasileiros interessados em dias melhores para nosso principal produto agrícola, não desprezassem o precioso cabedal de estudos e experiências que esse arrojado e modesto empreendedor já possui sôbre nosso café, na América do Norte. Como prova de nossa admiração por essa ousadia consciente, resolvemos anexar ao presente relatório o envólucro de papel que leva o nome do café brasileiro ao interior da América do Norte".

RECOMENDAÇÕES FINAIS

"Penso que as seguintes medidas já seriam suficientes para interessar, convenientemente, nossos produtores de café em melhorar sua produção: 1.º — Instituir um regime de prioridade de transporte para os portos de exportação a todos os cafés estritamente moles despolpados ou não despolpados; 2.º — Proibir terminantemente a mistura de cafés nos portos de embarque; 3.º — Criar um financiamento a juros razoáveis para os agricultores que desejarem montar instalações de secagens **adequadas** à produção de cafés finos; 4.º — Ampliar imediatamente os serviços de tecnologia agrícola de um modo geral e da tecnologia do café de um modo drástico e especial, pois só o estudo tecnológico do preparo e secagem do café poderá amparar duradouramente nosso lavrador; 5.º — Instituir um regime de prêmios valiosos aos agricultores mais evoluidos que conseguirem produzir mais de 80% de sua produção anual de cafés estritamente moles suaves; 6.º — Considerando a crescente concorrência que os paises produtores de cafés finos já estão fazendo ao Brasil acreditamos ser conveniente alertar nossos cafeicultores sôbre a possibilidade de sermos forçados a proibir a exportação de cafés com bebidas inferiores tais como os cafés com bebidas Rio, riada ou dura; 7.º — Instituir prêmios anuais, proporcionais ao valor econômico de trabalhos que efetivamente promovam o barateamento do custo de produção e a melhoria da qualidade de nosso principal produto exportável".

(Do "Diário de S. Paulo", de 5-4-1953)

A PLANTAÇÃO DO CAFEEIRO EM RENQUES DE NÍVEL

Diminuamos o custo de produção dos nossos cafés

José Ferreira VELLOSO
(Eng. agrônomo)

A cultura cafeeira em nosso país pouco tem evoluido devido à facilidade que existe em se estabelecerem lavouras novas em terras virgens. Tudo aqui é fácil de se executar, desde a derrubada da mata com a inclinação — que o caboclo tem de empunhar o machado e destruir a floresta — até as plantações tanto do café como das culturas intercalares de milho, feijão e arroz; não existem pragas nem ervas más. Os trabalhos são feitos do modo mais simples possível e se resumem em: plantar e colher.

Por outro lado, esse primitivismo na cultura do café é também explicado pelo fato de o cafeeiro ser cultivado sòmente em países de agricultura muito atrasada, talvez os de agricultura mais atrasada de todo o mundo.

A procura incessante de terras novas e o abandono das zonas velhas é a prova evidente de que graves êrros se acumulam no cultivo dessa preciosa planta. Essas terras virgens, entretanto, estão-se acabando ou ficando longe demais para serem exploradas econômicamente; restam pois dois caminhos a seguir: o abandono definitivo da cultura do café ou a sua racionalização.

Os velhos métodos do plantio do café em quadrados ou em moitas são antieconômicos sob todos os pontos de vista e, pior ainda, não possibilitam a mecanização da lavoura nas mais rudimentares rotinas agrícolas: tudo tem que ser feito a mão.

Antigamente esses processos manuais eram viáveis, pois quem os fazia só tinha direito à comida. Hoje, entretanto, toda lavoura que fôr estabelecida nessas condições está irremediàvelmente condenada ao fracasso: é uma emprêsa a caminho da falência, que poderá ser mais precoce ou mais tardia, de acôrdo com a qualidade e a topografia das terras. O sombreamento dos cafèzais dispostos em quadrados ou em moitas, mesmo que dê bons resultados, não resolve o nosso problema cafeeiro, pois na melhor das hipóteses nos colocará em igualdade de condições com os países nossos concorrentes.

O que é imprescindível, e como problema deve ser colocado em primeiro plano, é reduzir o custo da produção do café a níveis inferiores aos dos nossos concorrentes estrangeiros. Só assim largaremos definitivamente a cabra que estamos segurando há tantos anos.

Não existe explicação científica ou prática para o plantio do cafeeiro em moitas ou em quadrados. Tudo o que fôr feito para recuperar uma lavoura disposta nessas condições não passará de paliativos para prolongar ou protelar o desenlace final. Não há adubação química ou orgânica que sirva, não há trato cultural ou irrigação que dêem resultado, porquanto o mal está no começo, e é o método errado do plantio

do cafèzal; a lavoura nasceu aleijada e aleijada continuará pela vida afóra, cada vez mais preocupando o seu dono até sucumbir por completo na primeira crise ou mesmo antes, por fatores estranhos. Para citarmos apenas um problema que é o das pragas do cafeeiro (broca, bicho mineiro etc), como combatêlas num cafèzal plantado em moitas? Elas campeiam livremente em nossas lavouras fazendo os estragos que entendem, pois não há um processo prático e eficiente para exterminá-las em culturas de café dispostas em moitas. É humanamente impossível rodear touceira por tuceira com o aparelho nas costas e fazer isso em 100 ou 200 mil moitas de café. Um homem, preparando o inseticida e aplicando-o poderá pulverizar por dia 200 moitas de café. Para fazer esse serviço em um cafèzal de 100 mil touceiras, em 25 dias, seriam necessários 20 homens, o que, a Cr$ 30,00 por dia, dá um total de Cr$ 15.000,00, só de mão de obra. Num cafèzal disposto em renques de nível esse mesmo serviço pode ser feito por um único homem que é o motorista com o aparelho borrifador, a motor, de grande capacidade de inseticida (1.000 a 1.500 litros) e que por meio de dois canos verticais mais ou menos da altura dos renques de cafeeiros vai percorrendo as ruas e desinfetando a lavoura simultaneamente em ambos os lados. Esse aparelho, de grande eficiência, tendo a velocidade de 3 kms. por hora, pulverizará cêrca de 3.000 pés de renques por hora; em 10 horas, 30.000 pés; em pouco mais de três (3) dias desinfetará os 100.000 pés que custarão Cr$ 15.000,00. A economia e a eficiência são enormes, além de ser necessário apenas um homem.

Com as carpas do cafèzal acontece a mesma coisa, pois um motorista, passando a enxada rotativa ou a grade de discos excentricas, fará o serviço em poucos dias, serviços esses que poderão ser feitos até pelo próprio cafeicultor, caso tenha gosto de lidar com máquinas. Desaparece assim o fantasma da colonização da lavoura que tanto atormenta, todos os anos, o agricultor. A colheita é outro problema que mais tarde terá que ser resolvido.

Pelo lado da conservação do solo que é o ponto principal da recuperação cafeeira, o plantio do cafeeiro em quadrado ou em moitas favorece decisivamente a erosão dos solos. As sucessivas carpas em terrenos inclinados com as abundantes chuvas do verão se encarregam de arrastar aquilo que a natureza levou milênios para formar. A sua restauração é possível, mas é muito mais fácil conservar. O solo ficando assim despido da camada humosa, torna-se mineralizado e a terra cessa de produzir, como um silencioso sinal de protesto pelos males que lhe estão inflingindo. Quando esse desgaste é acentuado, até os capins mais rusticos como as barbas de bode e outros não conseguem aí vegetar; isso observa-se nos terrenos altos, mal cultivados ou com excesso de pastoreio que, diga-se de passagem, também desgasta a terra ràpidamente.

A terra, perdendo parte da sua fertilidade, produzirá menores colheitas de gêneros alimentícios que por sua vez serão pobres em substâncias estimulantes e nutritivas, pois o fruto representa aquilo que é a terra. Sabendo-se que as populações do Globo são grandemente influenciadas pela sua alimentação, resulta, em última análise, que nós somos aquilo que é a terra que habitamos.

Se à medicina, com seus remédios e drogas de toda espécie, está reservada a nobre missão de curar e prevenir os males da humanidade, à agronomia e aos agricultores está destinada a não menos nobre e ingente tarefa de bem alimentar as populações do globo, não com alimentos que sirvam apenas para encher a barriga, mas com gêneros altamente nutritivos, ricos em substâncias alimentícias e estimulantes, a fim de que as gerações cresçam com as suas qualidades físicas e anímicas elevadas ao mais alto grau. Criam-se assim organismos possuidos de grandes resistências naturais que não são encontradas nos mal-formados. Terras férteis e bem cultivadas geram populações fortes, operosas, de iniciativa e alto espírito inventivo, ao passo que terras pobres ou malbaratadas formam populações pouco operosas, sem iniciativa e contemplativas. Os exemplos disso estão espalhados pelo mundo afora e à vista de todos, não sendo necessário enumerá-los. Que o solo patrio é rico e contém todos os princípios químicos e físicos necessários à formação de organismos fortes e vigorosos ainda aí estão para atestar essa verdade os nossos sílvicolas, os Xavantes, os Caiapós, os Boca Negras e tantas outras nações infelizmente já desaparecidas como os Guaianases, Guaranis, Bororós etc., dotados de uma robustez física extraordinária e de uma mente sadia e forte; assombrações e supertições de todas as espécies, para eles nunca existiram.

Conservar o solo com a sua exuberante fertilidade é obra altamente patriótica, além de ser do interêsse imediato do agricultor que assim está garantindo para si e os seus, o seu patrimônio, o capital da sua emprêsa agrícola.

A lavoura cafeeira plantada em renques de nível conserva a fertilidade do solo quase automàticamente, isto é, por si próprio. Os renques de cafeeiros dispostos em linhas de nível seguram as água das chuvas que aí se infiltram no solo em sua totalidade. A matéria orgânica será todos os anos incorporada ao solo nas ruas, usando-se leguminosas como feijão de porco que ao mesmo tempo proteje o solo dos raios solares. O plantio de cereais, tão necessário na fazenda, poderá ser feito de 3 em 3 ou de 4 em 4 ruas, que serão alteradas todos os anos.

Uma lavoura de café disposta nessas condições perderá aquele carater errante e estabilizar-se-á nas zonas apropriadas tanto de São Paulo como de outros Estados, transformando-se assim num seguro emprêgo de capital.

(Da Fôlha da Manhã", 6-6-53)

A PRODUÇÃO DE UM CAFÉZAL EM TERRA RECUPERADA

EDGAR FERNANDES TEIXEIRA

Os ensinamentos provindos de adiantados lavradores que, nas proximidades de Campinas, se entregaram com entusiasmo à recuperação das terras agrícolas, vão de tal forma impressionando que ninguém mais duvida da possibilidade de integral recuperação de tôdas as antigas zonas produtoras do Estado de S. Paulo. Há menos de um ano, em julho de 1952, depois de percorrer a Fazenda São Bento,de propriedade do agrônomo Antônio Bento Ferraz, no distrito de Valinhos, município de Campinas, resumimos a impressão que recolheramos dos resultados que vêm ele obtendo em culturas de café, figos, uvas e eucalíptos, em solos antes considerados "cansados e esgotados".

O sr. Antônio Bento Ferraz sempre teve fama de possuir uma velha lavoura muito bem restaurada, um figueiral de 5.000 pés, que se situa entre os mais produtivos do Estado, além de um vinhedo cuidadosamente tratado e que oferece safras idênticas às de vinhedos localizados em terras bem melhores e mais protegidas contra os efeitos da erosão. Há três anos e meio, esse adiantado lavrador cuidou de plantar, nas mais avançadas condições técnicas, um novo cafèzal de 40 ou 41 mil cafeeiros da variedade "Bourbon 370", uma das melhores linhagens selecionadas pelo Instituto Agronômico de Campinas. Com dois anos e meio, o novo cafèzal deu as primeiras floradas, mas sòmente agora, em 1953, com três anos e meio, é que, na realidade ofereceu a primeira colheita: 1.506 sacas de 120 litros, colhidas no pano, o que dá 4,5 litros por pé. É ou não um exemplo vivo de que, nas terras ditas "velhas ou cansadas" de São Paulo, um cafèzal bem tratado é capaz de proporcionar colheita igual e até maior do que nas terras virgens recém-desbravadas? Aliás, a colheita da Fazenda São Bento veio confirmar a conseguida por um vizinho — o sr. Luiz Bianchi, da Fazenda Paraiso, cujos cafèzais da mesma idade oferecem idêntico rendimento, com um desenvolvimento e uma pujança que sòmente é possível ver iguais, mas não maiores, nas terras virgens mais férteis de algumas zonas paulistas ou paranaenses. Não nos arreceiamos de adiantar que, continuando assim bem tratados, dentro de alguns anos esses cafeeiros darão colheitas de 10, 12 e até 15 litros ou mais de cereja por pé.

Para os que não estão lembrados de algumas informações que fornecemos há um ano, devemos recordar que o agrônomo Antônio Bento Ferraz destruiu dois preconceitos que vinham tomando conta do espírito dos nossos lavradores, mas contra o qual poucos se haviam insurgido. O primeiro dizia que o eucalípto inutilizava a terra para qualquer cultivo posterior. Há muito tempo, para destruir a obra magnífica e surpreendente de Navarro de Andrade, seus adversários — e sempre os há, para qualquer trabalho construtivo e idealista — procuraram desmerecer essa essência australiana, alardeando uma série de defeitos, que

a experimentação bem orientada dos hortos florestais da Companhia Paulista de Estradas de Ferro foi destruindo paulatinamente. Mas uma dessas acusações que ficou e ainda se ouve continuamente pelo interior: é a de que o eucalípto resseca de tal forma o solo, que impede quaisquer possibilidades de aproveitamento. Pois bem, o cafèzal da Fazenda São Bento foi formado num antigo eucaliptal derrubado no segundo corte, desbrotado e destocado, e está oferecendo a colheita que se viu, além de um viço sòmente visto em terras, como dissemos, fertilíssimas ou virgens. Isso prova que milhares de hectares ou alqueires hoje cobertos de matas de eucalíptos, em terras que antigamente foram cafèzais, poderão um dia voltar novamente a ter cafeeiros nas mesmas condições, ou talvez melhores, graças aos atuais ensinamentos adquiridos desde a época em que essas terras foram desbravadas.

Outra prática adotada na Fazenda São Bento e que diverge da preconizada pela Secretaria de Agricultura é o de plantio direto na cova. A Comissão do Café tem recomendado que, na formação de novas lavouraz adotou ponto de vista oposto: distribuiu nas covas cêrca de vinte organizar um viveiro e levar as mudas para as covas em jacàzinhos ou torrão paulista. "Nunca a semeação deve ser efetuada na cova, para as lavouras de recuperação" — afirmava-se. O Sr. Antônio Bento Ferraz adotou ponto de vista oposto: distribuiu nas covas cêrca de vinte sementes, em duas linhas, que mais tarde desbastou, deixando seis cafeeiros por cova. A germinação foi excelente e, graças a isso, a lavoura se formou com tal uniformidade de tamanho e desenvolvimento que se nos afigura que não há diferença do plantio em jacàzinhos ou do plantio direto nas covas em lavouras de terras em recuperação; o que governa é o cuidado, o esmero que o lavrador dedica ao seu trabalho. Na Fazenda São Bento provou-se, sem deixar dúvidas, que, nas antigas terras, o plantio do café pode ser feito tal qual se faz nas terras virgens. Essa é, a nosso vêr, mais uma notável contribuição, que, reunida a tantas outras observações de caráter prático, evidencia o rumo que se deve tomar em São Paulo, se de fato estamos interessados em conservar e recuperar a nossa maior riqueza, que é a lavoura cafeeira.

O proprietário da Fazenda São Bento, ao planejar o seu novo cafèzal, estudou cuidadosamente a localização, de modo a possibilitar não sòmente o plantio em curva de nível, para facilitar os tratos mecânicamente; escolheu o sítio onde deveria preparar, em largas proporções, o adubo "composto" que forneceria a base e o sustentáculo de uma lavoura permanente bem produtiva; e construiu duas barragens que, auxiliadas por um sistema de irrigação por aspersão, tornam a nova lavoura uma das mais bem planejadas do ponto de vista técnico e executada com o mesmo rigor. É por isso uma iniciativa que merece encômios e deve ser conhecida e divulgada. É um exemplo e uma escola, mostrando o rumo que há muitos anos já deveriamos ter tomado, cobrindo com milhões de novos cafeeiros as terras que outrora, por sua localização, por sua estrutura, pela sua proximidade dos portos de embarque e por tantas outras condições, provaram ser a região ideal para o café.

(Do "O Estado de S. Paulo" — 11-7-53)

Durante os últimos cinco anos apenas a safra comercial de 1950/51 revelou saldo positivo

M. MAZZEI GUIMARÃES

Depois da grande alta entre a safra comercial de 1949/50 e a de 1950/51, os preços do café, nas vendas efetuadas pelos lavradores do Estado de São Paulo, seguindo aliás a tendência dos preços de exportação, mantiveram-se relativamente estáveis. Houve pequeno declínio em 1951/52 e pequena ascensão em 1952/53, embora o nível de 1950/51 permanecesse o mais elevado do período. Essas considerações, baseadas em levantamentos mensais de preços da Subdivisão de Economia Rural, da Secretaría da Agricultura, têm atualidade, em face das reivindicações dos cafeicultores de melhor remuneração para a sua atividade. E o nosso objetivo, partindo daqueles preços, é analisar a receita bruta dos cafeicultores paulistas, confrontando-a com a evolução dos preços no atacado e do custo de vida, bem como verificando até onde o custo médio de produção de uma saca se alterou naquele período, de acôrdo com dados idôneos de que podemos dispôr no momento. Tentaremos ainda uma previsão do novo ano cafeeiro de 1953/54.

A EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO CAFÉ VENDIDO PELO LAVRADOR

A evolução dos preços médios no interior (vendas dos lavradores a intermediários ou exportadores) processou-se da seguinte forma, nos últimos cinco anos":

Anos comerciais	Cr$ por saca de 60 quilos (beneficiada)	Índices
1948/49	452,35	100
1949/50	555,40	123
1950/51	1.092,50	242
1951/52	1.022,70	226
1952/53	1.063,50	235

Obtivemos o preço médio por saca, multiplicando o preço médio ponderado mensal levantado pela Subdivisão de Economia Rural pelo número de sacas embarcadas, no mês correspondente, para os portos, durante o ano comercial (isto é, de julho a junho, exceto para 1950/51, quando o ano cafeeiro se contou de junho a maio) somando os resultados mensais e dividindo o total da receita em cruzeiros pelo número de sacas despachadas durante tôda a safra.

Como consequência, verificamos que o preço do café, para o lavrador, subiu bastante em 1949/50, em virtude da diminuição da pressão dos estoques do extinto D.N.C. e da queda das colheitas. Em 1950/51 houve grande salto, devido à eliminação daqueles estoques, à melhoria da posição estatística e ao evento da guerra na Coréia. Em 1951/52, registrou-se tendência de declínio por motivo da fixação do preço teto norte-americano, e na safra recém-finda, de 1952/53 (colheitas de 1952), as cotações subiram um pouco, por força da melhoria da posição estatística e da perspectiva de remoção dos contrôles ianques. Ainda não há dados da nova safra (1953/54), cuja colheita se apura agora.

A RECEITA DE CAFÉ EXPORTÁVEL

A receita bruta dos cafeicultores paulistas, obtida com o café exportável (ou seja o remetido para os portos) assim se desenvolveu durante o quinquênio:

Safras comerciais	Sacas	Cr$ 1.000
1948/49	10.770.361	4.872.032
1949/50	7.357.185	4.086.526
1950/51	8.237.623	8.999.545
1951/52	6.286.051	6.428.673
1952/53	7.215.216	7.673.141

Os dados sôbre o número de sacas embarcadas foram extraídos dos boletins da Superintendência dos Serviços do Café. Os referentes a 1952 à 53 têm caráter preliminar, mas qualquer retificação não produzirá diferenças de monta no cálculo do volume e do valor da safra, nem, por conseguinte, no preço médio por saca.

Como se verifica, a maior receita bruta obtida pela cafeicultura paulista com a venda do produto exportável se registrou em 1950/51, não só em virtude do melhor preço médio obtido pelos lavradores, como porque o volume da safra foi relativamente apreciável, apenas superado pelo de 1948/49.

RECEITA BRUTA DAS COLHEITAS

Entretanto, deve-se computar o café não enviado para os portos (Santos, Rio e Angra dos Reis) e que é consumido nos meios urbanos e rurais. Excluindo-se o consumo nas próprias fazendas, poderiamos estimar, durante o período, uns anos pelos outros, em 1.200.000 sacas o consumo interno de café paulista (exceto o dos três portos acima). Se aplicassemos o preço médio ponderado de cada ano também ao café de consumo interno (o levantamento de preços da Subdivisão não distingue entre produto embarcado para os portos e o de outros destinos), poderiamos registrar, durante o quinquênio, a seguinte receita bruta para os cafeicultores paulistas:

Anos comerciais	Sacas produzidas	Cr$ 1.000	Índices
1948/49	11.970.361	5.414.792	100
1949/50	8.557.185	4.752.660	88
1950/51	9.437.623	10.310.603	190
1951/52	7.486.051	7.655.984	141
1952/53	8.415.216	8.949.582	165

Dessa forma, a receita bruta absoluta atingiu o pináculo em ... 1950/51 (preços mais altos e safra volumosa) e o ponto abaixo em ... 1949/50 (preços ainda baixos e safra pequena). Em 1951/52, a receita caiu bastante e em 1952/53 (ano recém-findo), houve nova ascensão por motivo de uma safra mais volumosa e de ligeira melhoria nominal dos preços.

CAFÉ: SUBIU MAIS QUE OS PREÇOS GERAIS DO ATACADO E O CUSTO DE VIDA

Entretanto, apesar do aumento do ingresso de dinheiro nas fazendas paulistas em 1952/53, nunca como agora, durante o quinquênio, foi grande o descontentamento dos cafeicultores. Reclamam contra os altos custos, consideram-se em atividades deficitárias e, desesperançados de soluções mais construtivas, agarram-se à panacéia da liberação cambial, como tábua de salvação.

Aparentemente, a situação do cafeicultor é melhor na safra de 1952/53 do que nos dois primeiros anos do período, embora pior do que em 1950/51 e 1951/52. Se confrontarmos os índices da evolução do preço de uma saca de café e da receita bruta das fazendas paulistas com os índices da evolução dos preços no atacado ("Conjuntura Econômica") e do custo de vida na capital de São Paulo, teremos o seguinte quadro:

Anos	Preço do café	Receita bruta do café	Preços por atacado	Custo de vida
1948	100	100	100	100
1949	123	88	111	99
1950	242	190	127	104
1951	226	141	154	113
1952	235	165	171	133

Adotamos o critério de tomar o ano civil, para melhor confronto do preço e da receita bruta do café com o preço por atacado em geral e o custo de vida, já que no primeiro semestre da safra comercial (1948, em 1948/49, por exemplo, é que o lavrador vende a colheita e realiza a sua receita quase total. Além disso, o processo simplificou o confronto com os dados de custo de vida e preço por atacado contidos na fonte que utilizamos ("Conjuntura Econômica").

A MARCHA ASCENDENTE DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO

Aparentemente, pois, a posição do preço do café e da renda bruta nele obtida melhorou. Restaria indagar, porém, se os anos de 1948

(safra comercial de 1948/49) e de 1949 (safra comercial de 1949/50) foram anos satisfatórios e se em 1950 (safra comercial de 1950/51) não teriamos alcançado o "statu" ótimo para a cafeicultura paulista. Não temos elementos para julgar o ano comercial de 1948/49, sob esse aspecto, mas a partir de 1949/50 podemos jogar com dados de custo de produção elaborados pela Subdivisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura (os únicos cientìficamente elaborados existentes em São Paulo). É que na safra agrícola de 1948/49 (que compõe as colheitas que se comercializaram no ano de 1949/50) foi efetuado o primeiro levantamento, atualizado posteriormente na safra agrícola de 1950/51 (que corresponde à safra comercial de 1951/52). Adotando os custos por mil pés nos dois citados anos, conforme a fonte acima, e aplicando sôbre eles o coeficiente de aumento anual dos preços por atacado em geral para calcular os prováveis custos dos anos subsequentes, apuramos os seguintes custos por mil pés e por safra comercial (que é formada, como dissemos, pelos cafés produzidos na safra agrícola anterior — ex. a safra comercial de 1949/50 processa o escoamento das colheitas do ano agrícola de 1948/49):

Anos comerciais	Custo por mil pés — Cr$
1949/50	4.751,32
1950/51	5.464,05
1951/52	7.027,29
1952/53	7.800,29
1953/54 (preliminar)	8.432,75

A estimativa de custo por mil pés em 1953/54 (safra agrícola de 1952/53, que está acabando de ser colhida e cuja comercialização se está iniciando) se orientou partindo-se do preço por atacado registrado em maio último por "Conjuntura Econômica" e que se eleva 15% acima do nível médio do ano de 1952.

Verifica-se assim uma constante ascensão do custo de produção por mil pés, que dobrou em cinco safras e que foi mais assinalado entre as safras de 1951/52 (influência da grande alta dos preços do café havida em 1950/51 e que provocou subida dos salários e tendência de gastar-se mais com o café em geral).

TENDÊNCIA DESFAVORÁVEL DA PRODUTIVIDADE

Não basta, porém, saber qual a evolução do custo por mil pés para caracterizar a posição financeira da cafeicultura paulista. Será preciso conhecer a evolução da produtividade por mil pés (carga da árvore e rendimento no benefício). E essa evolução não se mostrou favorável, como vemos, sempre adotando, para maior clareza, o critério de "anos comerciais", como justapostos aos "anos agrícolas" imediatamente anteriores:

Anos comerciais	Sacos beneficiados por mil pés (De 60 quilos)
1949/50	8,1
1950/51	8,8
1951/52	6,8
1952/53	7,3
1953/54 (preliminar)	6,7

Obtivemos o rendimento médio por mil pés dividindo a produção por nós estimada de café enviado para os portos e de consumo interno conforme o terceiro quadro, pela ordem, deste trabalho, pelo número de mil árvores em produção mencionada pela Subdivisão de Economia Rural, da Secretaria da Agricultura, em suas previsões de safra, durante o período em aprêço. Para o ano de 1953/54, adotamos tanto a estimativa de árvores da Subdivisão como a previsão do volume da colheita, ora em fase final.

O CUSTO POR SACA: ASCENSÃO DESPROPORCIONAL

Subindo os custos por mil pés e mantendo-se em tendência desfavorável a produtividade dos cafèzais paulistas, o preço de custo de uma saca de café teria que ascender desproporcionalmente. Excluindo-se as despesas de beneficiamento, de sacaria e de carreto para colocar o produto nos mercados do interior (fonte dos preços levantados pela Secretaría da Agricultura), que devem ter ascendido, mas de que não possuimos dados idôneos no momento, podemos calcular o custo de uma saca de café beneficiado de 60 quilos dividindo-se o custeio de mil pés (custo agrícola) pelo rendimento de cada safra por mil árvores. É o que consta do quadro abaixo, onde se vê que, dando grande salto entre 1950/51 e 1951/52, o custo de uma saca continuou em ascensão, a ponto de apresentar em 1953/54 um avanço de 115%.

Anos comerciais	Custo Cr$ por saca	Índices
1949/50	586,58	100
1950/51	620,91	106
1951/52	1.033,42	176
1952/53	1.068,53	184
1953/54 (preliminar)	1.258,59	215

EUFORIA EM 1950/51; ALARMA EM 1953/54

Mas é insuficiente saber que os preços e os custos subiram. Seria interessante verificar as margens proporcionadas pela comercialização das colheitas. Poderiamos calculá-las subtraindo o preço médio de venda de cada saca pelo custo médio:

Anos comerciais	Cr$ por saca beneficiada		Diferença entre custo e preço
	Custo	Preços de vendas	Cr$ + ou —
1949/50	586,58	555,40	— 31,18
1950/51	620,91	1.092,50	+ 471,59
1951/52	1.033,42	1.022,70	— 10,72
1952/53	1.068,53	1.063,50	— 5,03
1953/54 (preliminar)	1.258,59	1.120,00	— 138,59

O preço de venda pelo lavrador em 1952/53 é estimativo e de acôrdo com a tendência atual do mercado, depois das altas de março e abril (já em maio a cotação descia para Cr$ 1.127,70 e com a entrada da colheita no mercado — em julho — a baixa se acentuasse, se não houvesse modificações substanciais nos mercados de exportação).

Observa-se assim que apenas em 1950/51 houve margem positiva entre o preço unitário de custo e o de venda, considerados em média. Na verdade, deve-se assinalar aí o pêso morto de muitas lavouras decadentes, com reduzida capacidade produtiva (as chamadas submarginais). Se o número delas diminuisse o custo médio decairia e poderia haver outros anos com margens positivas. Além disso deve ponderar-se que grande parte dos cafeicultores obteve, em suas emprêsas, saldos positivos, por estarem melhor organizados. Acontece ainda que, em estabelecimentos mistos, a pecuária, o algodão, os cereais e outras culturas podem compensar as perdas no cafèzal, que se mantém na esperança de que este se recupere técnica ou financeiramente. Mas, considerada em conjunto, como entidade específica nos quadros econômicos do Estado, a cafeicultura paulista só apresentou resultados nìtidamente favoráveis em 1950/51 (ano agrícola de 1949/50), o que será fácil de entender-se se multiplicarmos o custo por saca pelo total de cada safra e confrontarmos o dispêndio total (despesas diretas e indiretas) com a receita bruta obtida na venda e constante do terceiro quadro dêste trabalho. Vejamos:

Safras comerciais	Cr$ 1.000,00 Saldos positivos (+) ou negativos (—)
1949/50	— 266.814
1950/51	+ 4.450.689
1951/52	— 80.251
1952/53	— 42.329
1953/54 (previsão)	— 1.108.720

Em face dêsses números, conclui-se que já em 1949/50 a cafeicultura paulista, considerada em conjunto, èra deficitária e que portanto a alta do preço do café a partir daí não a beneficiou a não ser no ano de 1950/51 (bôa cotação, produtividade relativamente favorável e pequena ascensão dos custos) onde se alimentou a euforia traduzida em novos plantios e planos de restauração de lavouras velhas que se seguiram; depois disso, os custos subiram e a produtividade evoluiu desfavoràvelmente, absorvendo as vantagens da alta de preços e tornando o cafèzal

paulista ao ponto de partida, isto é deficitário. Entretanto, em 1953/54, de acôrdo com as previsões que agora podem ser feitas, a situação assume aspecto alarmante (mais de 1 bilhão de cruzeiros de deficit). E a menos que se considere de interêsse geral a eliminação forçada de lavouras mais antigas e menos produtivas, para que permaneçam apenas aquelas que podem produzir econômicamente nas atuais condições e tendências dos mercados, terá que encontrar-se uma solução que gire em tôrno do binomio: melhoria de preços — redução do custeio.

(Da "Fôlha da Manhã")

TIPOS DE TERRAS ONDE SÃO CULTIVADOS OS CAFÉZAIS

J. E. Paiva Netto
(Instituto Agronômico)

"As características geológicas, químicas e físicas dos três principais grandes tipos de solo, onde assenta a cultura cafeeira paulista, são as seguintes:

1) O BAURU-ARENITO, que tem sua origem no Arenito-Bauru-Cretaceo. Essencialmente arenoso, êsse solo apresenta cor geralmente clara; pode também apresentar-se avermelhado, conforme o maior ou menor teor em óxidos de ferro. E' comumente permeável, e, embora sua topografia seja suave, é muito suscetível à erosão. Quando recem-desbravado, prima pela fertilidade, porém se desgasta ràpidamente. Não possui elementos minerais no estado potencial. Êste tipo de solo ocupa cerca de 25,1% da area do Estado de São Paulo, ou melhor, 6.200.000 hectares. Nele se desenvolvem perto de 700.000.000 de cafeeiros, que representam, aproximadamente, 70% de nossas culturas, gleba essa que perfaz 90.000 ha.

2) Vem, a seguir, a TERRA-ROXA-LEGÍTIMA, que provém de rochas diabásicas (pedra-ferro). Êste tipo de solo ocupa 7,3% da área do Estado, ou sejam, 1.800.000 hectares, sendo de grande fertilidade, quando recem-desbravado. Em 1920, 52% da cultura cafeeira se desenvolviam na terra-roxa; em 1945, passados apenas 25 anos, declinou para 22%. Seguramente, medram hoje, sôbre terras dêsse tipo 200.000.000 de cafeeiros. Atribui-se a manifestação dêsse fenômeno ao esgotamento, causado pela não reposição dos elementos minerais extraidos pelas colheitas e, sobretudo, pela erosão.

3) Êste terceiro grande tipo, SALMOURÃO-MASSAPÉ, perfaz cêrca de 24% da área do Estado. Assentam-se aí, aproximadamente, 5% da cultura cafeeira; em números redondos, 50.000.000 de cafeeiros. E' de regular fertilidade, mas de grande resistência, pois contém, no geral, teor elevado em minerais primários, ricos em potássio, cálcio, magnésio etc. Sua topografia, comumente, é bem acidentada, mas por seu turno constitui um solo pouco permeável".

(Do "Diário de S. Paulo", maio 1953)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 835 CARTA SEMANAL DO MERCADO 3 de julho de 1953

SITUAÇÃO GERAL: A semana que termina hoje desenvolveu-se com tranquilidade no campo econômico e isto reflete-se no curso dos índices gerais dos grandes mercados do país, os quais se moveram horizontalmente e com um mínimo de oscilações. A atividade na Bôlsa continuou muito reduzida, fato êsse que se acentuou durante a semana, à medida que se aproximava o fim do período, visto que um grande número de organizações indicaram sua intenção de fechar as portas esta sexta-feira ou de operar apenas em forma limitada, devido a que o Dia da Independência dos Estados Unidos, 4 de julho, êste ano cai num sábado.

Em virtude da escassez de acontecimentos no panorama econômico, os analistas dedicam sua atenção ao exame de setores individuais da indústria e comércio, porém, segundo se deprende de uma observação da imprensa nas duas últimas semanas, não se pode dizer que tenham êles encontrado nestas apreciações indício algum que tenda a prognosticar qualquer mudança importante no desenvolvimento econômico dêste país.

No panorama agrícola, as colheitas continuam a mostrar-se particularmente abundantes, porém como sóe acontecer, algumas regiões queixam-se de sêca, ao passo que outras, pelo contrário, reclamam menos chuva.

Em resumo, pois, pode-se dizer que a semana transcorreu sem surprêsas perdurando, também, infelizmente, a incerteza com respeito a uma solução do conflito na Coréia, situação esta que constitui um dos principais elementos responsáveis pelo pessimismo que ocorre na presente conjuntura do panorama político internacional.

MERCADO DO CAFÉ: Durante a semana observou-se uma diminuição da atividade nêste mercado, o que pode ser atribuído ao efeito em conjunto de diversos fatôres, tais como dias feriados nos países produtores, a comemoração antecipada aqui do Dia da Independência Nacional e, fundamentalmente, ao fato de que durante as duas semanas anteriores os torradores e negociantes de café verde expandiram sensìvelmente suas operações de compras e vendas. Isto permitiu-lhes reduzir essas operações enquanto "digerem" os resultados desta maior atividade.

No que se refere aos cafés físicos, a queda da procura por parte do comércio importador esteve acompanhada de uma diminuição igual nas ofertas provenientes dos países produtores, mantendo-se sem mudança digna de nota, os níveis gerais de preços para êstes cafés.

No Contrato "S" da Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, foram negociados apenas 245 lotes de café. A posição aberta registrou uma pequena redução de 17 lotes durante a semana, sendo a cifra atual de 1.770 lotes, em comparação com os 1.787 lotes anotados na semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Conforme informamos no princípio desta secção, os preços dos cafés físicos demonstraram uma estabilidade notável a despeito do movimento limitado do mercado. Pode dizer-se que tanto para os cafés do Brasil como para os da Colômbia, os preços que citamos em nossa Carta Semanal anterior mantiveram-se sem variação, ou seja, a partir de 54,25 cents FOB para o antos 4

e de aproximadamente 56-3/4 cents, ex-cais e sôbre a água, para os Excelsos Colombianos.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	27-6-1953	98	35	22	155
	20-6-1953	181	168	20	369
	28-6-1952	167	96	12	275
COLÔMBIA**	20-6-1953	95.844	9.595	3.775	109.214
	28-6-1952	111.464	3.466	5.221	120.151

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 27-6-1953	20-6-1953	28-6-1952
BRASIL*	Santos	1.907	1.921	1.597
	Rio	202	194	689
	Vitória	89	64	56
	Paranaguá	798(a)	818(%)	131(a)
	Pernambuco	3	4	11
	Bahia	15	14	16
	Angra dos Reis	11	11	3
	TOTAL	3.025	3.026	2.503
COLÔMBIA**	Barranquilla		142.428	194.317
	Cartagena		54.377	101.823
	Buenaventura		158.505	107.329
	Cucuta		130.823	135.923
	TOTAL		486 133	539.392

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS AFIANÇADOS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (sacas de pêsos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
27-6-1953	17.021	191.830	113.453	322.403
20-6-1953	32.841	187.818	122.649	343.308
28-6-1952	119.716	120.210	145.414	385.340

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia.
(a) Livres
(%) 817.000 livres e 1.000 retidos.

ESTADOS UNIDOS E AMÉRICA LATINA

Intercâmbio comercial: As exportações dos Estados Unidos para as repúblicas latino-americanas, no primeiro trimestre de 1953, cairam para US$720.000.000, a cifra mais baixa alcançada desde meados de 1950 e mais de 25% abaixo do nível correspondente ao mesmo período do ano passado.

As importações norte-americanas de produtos da América Latina, entretanto, aumentaram, repetindo o que sucedeu nos dois trimestres anteriores. Calculadas em $957.000.000, essas importações foram inferiores apenas ao nível recorde registrado dois anos antes. O excesso das importações sôbre as exportações (EE.UU.), quase $237.000.000, constitui a maior cifra já registrada no intercâmbio comercial entre os Estados Unidos e as repúblicas latino-americanas.

As exportações de quase tôdas as categorias de produtos para os referidos países declinaram ràpidamente a partir do segundo semestre de 1952, à medida que a procura decaía e se estabelecia um sistema de contrôle em alguns países, com o propósito de proteger as reservas de dólares.

A procura de mercadorias exportadas pela América Latina manteve-se durante todo o ano de 1952, devido ao alto nível de produção industrial e o elevado índice de compras nos Estados Unidos. Essa procura fez-se sentir especialmente em fins de 1952. Após a eliminação dos preços-tétos, aumentou a importação de cobre chileno, reiniciaram-se as compras de lã argentina e uruguaia e subiu a importação nos terceiro e quarto trimestres do ano passado. Os cafés da safra brasileira começaram, mesmo assim, a sair cêdo para os Estados Unidos. No primeiro trimestre de 1953, houve aumentos nas importações de café produzido pelos países centro-americanos, nas importações de açúcar de Cuba e nas compras de lã.

(Foreign Commerce Weekly, 29 de junho de 1953)

VENEZUELA

A Indústria Americana do Café: É êste o título de um opúsculo que faz parte de uma série que vem sendo publicada em Caracas por ocasião da realização da Décima Conferência Inter-Americana, do qual extraímos os seguintes tópicos e conceitos:

"É muito difícil conseguir dados estatísticos dos países produtores e consumidores, dos quais se extraiam como conclusões normas a seguir para estabelecer um equilíbrio necessário entre a produção e o consumo, porém o que é evidente é que tanto um como o outro tendem a aumentar. O ano em que a produção seja novamente superior ao consumo marcará uma época decisiva para o porvir econômico dos países produtores. Daí resulta a necessidade de um estudo completo das consequências que teria novamente uma super-produção do café e êsse trabalho só pode ser levado avante por uma organização que, com o apôio das bôas relações políticas e sociais conseguidas pela Organização dos Estados Americanos, cristalize esta aspiração em acôrdos que tenham como finalidade manter um equilíbrio entre a oferta e a procura, para bem tanto dos países produtores como dos consumidores... Como o futuro imediato da indústria cafeeira é muito incerto, especialmente se se examina a situação sob o ponto de vista do produtor, ainda mais naquêles países onde 90% dos agricultores são pequenos proprietários, um acôrdo geral sôbre esta matéria serviria para ampliar as relações que tenham como finlidade a melhora de vida das classes menos favorecidas, a qual é, em últi-

ma instância, uma das finalidades colimadas pelos acôrdos que se realizem na Décima Conferência Inter-Americana.

A indústria do café desempenha também um importante papel na conservação dos recursos naturais e é por isso que convém frisar o fato de que, na Nona Conferência Internacional Americana, foi aprovada uma importante resolução sôbre conservação dos recursos naturais, para chamar a atenção das repúblicas americanas no sentido de que a destruição dos recursos naturais renováveis é incompatível com o objetivo de conseguir um nível de vida mais alto para os povos americanos. A indústria cafeeira constitui a única cultura que poderia ser classificada de conservacionista. Se não fôsse por esta importante indústria agrícola, os solos de topografia inclinada da maior parte dos países produtores estariam erodidos, como acontece com bôa parte dos que não foram plantados com café..."

(Décima Conferência Inter-Americana — 1953)

ETIÓPIA

Exportações: Êste país liberalizou seus regulamentos sôbre a exportação de café para o Sudão. No dia 16 de maio do corrente ano, foi concedida permissão para exportar contra libras esterlinas. Como havia o perigo de que esta medida pudesse levar a grandes exportações para o mesmo destino, com possibilidade de reexportação para outros países, com a conseqüente perda de dólares para a Etiópia, o Govêrno do Sudão concordou em exercer contrôle para impedir as reexportações.

O Banco do Estado da Etiópia limitou a quantidade exportável contra esterlinas a mais ou menos 42 mil sacas de 60 quilos para a atual estação de colheita. Esta quantidade abrange as necessidades do Sudão. Ambos os govêrnos estão exercendo vigilância nas fronteiras com o fim de impedir movimentos de café por vias extra-oficiais.

(Foreign Crops and Markets — 29 de junho de 1953)

EUROPA

Situação Geral: Fora da Grã-Bretanha, onde o consumo interno diminuiu nos últimos meses, e a Bélgica, onde devido aos grandes estoques os importadores abstiveram-se de comprar mais café, todos os demais países aumentaram suas importações nos primeiros cinco meses de 1953 ou mantiveram-nas no mesmo nível que se registrou no período correspondente do ano passado.

Os principais aumentos observam-se nos países da Europa setentrional, como: Suécia, Noruega, Finlândia e Dinamarca. Também ocorreu o mesmo fato na Holanda e Itália, ao passo que a França e a Alemanha mantiveram suas importações no mesmo nível do ano passado.

(Jacques Louis-Delamare — maio/junho de 1953)

N.º 836 CARTA SEMANAL DO MERCADO 10 de Julho de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Durante a semana a imprensa publicou os resultados finais das análises que se fizeram com respeito ao desenvolvimento da economia do país nos seis primeiros meses do ano em curso. Êstes dados confirmam o fato de que não sòmente êstes seis primeiros meses constituiram um período recorde de atividades de tôdas as classes, como também já se torna evidente que 1953 será um ano em que serão alcançadas novas cifras nos principais índices econômicos

da nação, desaparecendo assim os temores que existiam em alguns setores com relação a uma possível depressão êste ano. Falando em bilhões de dólares, a Comissão Econômica Mista do Congresso divulgou dados que colocam em 368, base anual, a produção total da nação durante o segundo trimestre do ano e em 363 a registrada durante os três primeiros meses. Estas cifras devem ser comparadas com os totais de 342 e 339, respectivamente, durante o ano passado. A superioridade das cifras do corrente ano sôbre as de 1952 possui um significado especial, já que os níveis de preços durante ambos os anos são em grande parte comparáveis, ao passo que a qualidade da produção é superior êste ano, assinalando-se por conseguinte progresso econômico real e uma melhora do padrão de vida.

Enquanto que o mercado de valores continuou em sua marcha gradual, porém lenta, para níveis superiores aos baixos registrados na primeira metade do mês passado, o índice geral do mercado de produtos naturais básicos exibiu esta semana uma alta pronunciada em consequência das que ocorreram nos preços do café e dos cereais. A firmeza dos preços do café foi devida à geada que há poucos dias caiu nos grandes estados produtores como São Paulo e Paraná, no Brasil, ao passo que a dos cereais foi causada pelo fato de que êstes produtos podem conseguir armazenagem adequada com mais facilidade agora do que se previa antes, podendo desta forma ser amparados pelo programa de subsídio do Govêrno.

MERCADO DO CAFÉ: A notícia mais importante da semana foi, naturalmente, a geada que mencionamos acima e que castigou as duas maiores zonas produtoras de café do Brasil. Até agora não foi possível medir oficialmente a extensão dos danos causados e, como é de se esperar, tôda classe de rumores está circulando a respeito dessa informação. Contudo, é interessante observar que até mesmo os cálculos mais otimistas qualificam de grave a perda de produção sofrida pelo Brasil. A colheita afetada é a que entrará no mercado durante o ano-safra (julho a junho) de 1954-1955, porém existem também muitos temores com respeito às novas plantações que deviam entrar em produção nos anos subsequentes. O resultado dêste acontecimento foi, naturalmente, o de elevar notàvelmente as cotações do café e intensificar acentuadamente a atividade de compras e vendas do mercado. Durante os dois primeiros dias da semana houve aumentos do limite no Contrato "S" da Bôlsa local. Já na quarta-feira e ontem êste movimento perdeu impulso, especialmente no que se refere às posições vizinhas, porém isto não deixa de ser natural, já que, na realidade, não se prevê escassez para o atual ano cafeeiro — a atual colheita não foi afetada — e se devem esperar movimentos erráticos nos preços até que se saiba com certeza a posição estatística para 1954-55.

No Contrato "S" do têrmo local foram negociados 1.182 lotes, contra apenas 255 na semana anterior. Para o encerramento de ontem, a despeito da mudança de direção do mercado, os aumentos líquidos para a semana flutuavam entre 180 e 355 pontos, sendo que o acréscimo foi gradualmente maior à medida que se distanciava a posição. As operações de liquidação para conseguir benefícios foram muito numerosas. Contudo, a posição aberta conseguiu ampliar-se, somando esta semana 1.915 lotes, contra 1.788 registrados na semana anterior.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A situação de relativa confusão que existe nestes momentos no mercado, dependendo de informação oficial com respeito a uma estimativa do prejuízo causado pela geada no Brasil, mantém as cotações oscilando dentro de margens amplas, o que impossibilita a fixação de níveis gerais de preços. Em contraste com a situação de ontem, por exemplo, esta manhã o têrmo e os

físicos estão subindo, porém sòmente no fim do dia poderá saber-se se esta alta será mantida.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	4-7-1953	164	44	13	221
	27-6-1953	98	35	22	155
	5-7-1952	127	117	23	267
COLÔMBIA**	4-7-1953	129.609	12.444	1.661	143.714
	27-6-1953	110.980	14.049	2.333	127.362
	5-7-1952	124.371	5.936	1.316	131.623

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 4-7-1953	27-6-1953	5-7-1952
BRASIL*	Santos	1.944	1.907	1.522
	Rio	181	202	460
	Vitória	87	89	50
	Paranaguá	721(o)	798(%)	132(%)
	Pernambuco	3	3	11
	Bahia	14	15	14
	Angra dos Reis	11	11	3
	TOTAL	**2.961**	**3.025**	**2.192**
COLÔMBIA**	Barranquilla	156.343	123.419	190.201
	Cartagena	56.006	55.578	97.155
	Buenaventura	112.884	152.299	99.007
	Cucuta	135.248	134.203	138.020
	TOTAL	**460.481**	**465.499**	**524.383**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS AFIANÇADOS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (sacas de pêsos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
4-7-1953	28.494	196.853	193.874	329.221
27-6-1953	17.021	191.830	113.453	322.304
5-7-1952	115.531	120.302	144.668	380.501

(*) Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia.
(o) 720.000 livres e 1.000 retidos.
(%) Livres.

O SALVADOR

Banco de Crédito Cafeeiro: Na recente conferência realizada em Havana, a Federação Cafeeira América Central-México-Caraíbas aceitou uma sugestão destinada a considerar a criação de um banco internacional de créditos para os cafeicultores. Uma proposta apresentada por Costa Rica e aprovada pela assembléia, autorizou a FEDECAME a solicitar opiniões acêrca do estabelecimento do referido banco, junto aos govêrnos e os diretores das instituições bancárias dos países produtores de café.

Sugeriu-se que êste Banco Cafeeiro Internacional fôsse constituído de 560 ações, cada uma delas no valor de $125.000,00, ou seja, um capital de $70.000.000,00. O maior subscritor seria O Salvador com 120 ações. A O Salvador seguiriam a Guatemala, com 110, e o México, com 80 ações. Estas seriam adquiridas em cinco quotas pagáveis num período de cinco anos.

O propósito de tal banco seria o de conceder créditos suplementares e outros recursos financeiros disponíveis aos produtores e beneficiadores dos vários países produtores de café. O banco colaboraria com os govêrnos para lograr um melhoramento no financiamento da indústria e também com os bancos centrais e instituições de crédito cafeeiro nos vários países.

(Coffee & Tea — junho de 1953)

VENEZUELA

O café e o Senador Gillette: É êste o título de um artigo publicado pelo Sr. Humberto Copello no Boletim da Câmara de Comércio de Caracas, e do qual reproduzimos os seguintes trechos:

"Estou bem informado de tudo o que a imprensa tem publicado sôbre a campanha que há algum tempo vem desenvolvendo o Senador Gillette em virtude dos preços atuais do café, criando entre o público norte-americano a impressão de que a alta de preços deve-se a manobras dos países produtores ou a contrôles exercidos por êsses, chegando mesmo a afirmar que os países latino-americanos estão gozando de prosperidade à custa da dona de casa dos Estados Unidos.

É digna de aplauso a patriótica campanha que vem e continua desenvolvendo a Associação Venezuelana de Cafeicultores, bem como a Câmara de Comércio de Caracas e outras entidades, com o objetivo de conter a propaganda dirigida pelo Senador Gillette... Todos os países produtores levantaram-se para rebater enèrgicamente a tese sustentada pelo legislador norte-americano.

Sabe-se bem que por muitíssimos anos a Venezuela vendeu suas colheitas a preços ruinosos que muitos fazendeiros tiravam apenas o custo, em muitas ocasiões, e em outras sofriam perdas graves causadas pela destruição das colheitas resultante de chuvas excessivas e outras calamidades".

Reproduzimos abaixo o quadro estatístico dado pelo Sr. Copello para demonstrar as perdas sofridas pelo cafeicultor venezuelano de 1928 a 1948. As cifras indicam o valor pelo qual a Venezuela teve que vender seu café (em média) em centavos de dólar:

ANOS	1 Libra	ANOS	1 Libra
1928	26,65	1938	10,25
1929	21,50	1939	11,25
1930	15,50	1940	7,75
1931	14,00	1941	15,50
1932	10,50	1942	16,00
1933	10,50	1943	16,50
1934	12,75	1944	17,00
1935	9,25	1945	17,50
1936	10,50	1946	20,00
1937	11,00	1947	29,50
		1948	31,00

(Boletim da Câmara de Comércio de Caracas - N.º 474)

(C.E.)

ITÁLIA

Importações: Há algumas semanas êste país assinou um novo tratado comercial com O Salvador. Isto não quer dizer que as importações de café salvadorense irão aumentar automàticamente como resultado dêste tratado, pois a Itália já tem outros convênios semelhantes com vários países produtores, entre os quais figuram: Colômbia, Costa Rica, Nicarágua, Equador, Brasil, etc. A importação livre só é permitida dos países da área do esterlino.

Quanto aos outros países produtores, especialmente a América Central e do Sul, torna-se necessário obter licenças, as quais são concedidas para aquêles países que têm importado mercadorias italianas. Para conseguir ests licenças de importação de café, os importadores têm que fazer acôrdos com os exportadores italianos, os quais lhes revendem as divisas estrangeiras obtidas com a exportação de seus produtos.

(Jacques Louis-Delamare — maio-Junho de 1953)

NOTA: As opiniões expressas nos artigos que aparecem nesta secção, bem como as cifras e demais dados nêles publicados, não representam necessàriamente a opinião do Bureau Pan-Americano do Café.

N.º 837 CARTA SEMANAL DO MERCADO 17 de julho de 1953

SITUAÇÃO GERAL: A falta, observada na semana passada, de acontecimentos que influem no panorama econômico do país permitiu, em têrmos gerais, que os mercados principais se movessem dentro de um ambiente rotineiro e destituido de surpresas. Nem siquer pode-se dizer que o relativo ampliamento da confusão existente atualmente no panorama político internacional tenha, como em ocasiões anteriores, tido repercussão nos mercados. A Bôlsa de Valores continuou a mover-se dentro de margens sumamente estreitas, ao passo que a sua atividade se mantém acentuadamente limitada. No mercado de produtos naturais básicos o índice geral flutuou com mais amplitude, porém nem por isso deixou também de seguir um curso geralmente lateral. Embora a grande sêca que tem afetado grandes regiões agrícolas da nação tenha causado sérias preocupações com relação às colheitas, o fato é que, de tôdas maneiras, elas são suficientemente abundantes para atender às necessiddes totais do país e só o que pode diminuir é a quantidade de produção ex-

cedente. Ademais, esta manhã circularam notícias de que haviam caído fortes chuvas em algumas regiões atingidas pela sêca.

No que tange à atividade comercial da nação, esta se mantém em níveis muito elevados em tôda a corrente econômica e pode ser favoràvelmente comparada em sua totalidade com a registrada nesta mesma época do ano passado. Contudo, deve-se ter em mente, com relação a êste ponto, que a greve siderúrgica em julho de 1952 afetou bastante desfavoràvelmente o índice de atividade econômica daquela conjuntura.

MERCADO DO CAFÉ: Durante a semana notou-se apenas uma procura limitada e inconsistente no que diz respeito ao mercado do disponível. Os níveis de preços para êstes cafés, todavia, demonstraram bastante estabilidade em vista de que não houve qualquer pressão de oferta por parte dos países produtores. Naturalmente, a falta de interêsse dos torradores deve-se ao fato de que a queda tradicional de consumo durante o vérão permite-lhes reduzir a um mínimo as suas atividades de compra, ao passo que também se crê nos círculos cafeeiros locais que esta política vai ser mantida tanto quanto possível até a época da floração dos cafèzais no Brasil, durante o mês de setembro vindouro, já que muitos pensam que sòmente então poderá apreciar-se devidamente o dano causado pela recente geada. Entretanto, o comércio local de café verde está fazendo pressão sôbre os torradores para que aumentem suas compras agora, visto que a expansão normal destas operações, mais tarde, só poderá exercer uma influência de firmeza nos preços.

No contrato "S" da Bôlsa de Café e Açúcar desta cidade, as oscilações foram bastante amplas durante a semana em revista. Esta é uma situação favorita dos operadores e, por conseguinte, a atividade foi mais substancial e oposta à que se notou nos cafés físicos. O volume de operações alcançou um total de 1.046 lotes, ao passo que no encerramento de ontem, êsse contrato registrava aumentos líquidos de 55 a 91 pontos para a semana. A posição aberta continuou a subir e na manhã de hoje somava 2.136 lotes, 79 mais do que na semana anterior. No momento em que esta Carta está sendo redigida. Isto é, ao meio dia, as cotações mais uma vez demonstram tendências de aumentos, ao redor de 50 pontos, enquanto que as vendas registradas já ultrapassam a casa de 130 lotes.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Em contraste com a semana passada, quando era impossível determinar níveis de preços, o mercado de agora está bastante definido. O tipo Santos 4 do Brasil, na base FOB, está sendo cotado entre 56 e 56,50 cents, porém com vendas escassas no nível superior. Os Excelsos Colombianos, sôbre a água e para embarque imediato, flutuam entre 58 e 58,50 cents, na base ex-cais em Nova York e fala-se da possibilidade de que as disponibilidades dêsses cafés venham a ser bastante limitadas até meados de setembro próximo futuro.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais			
	Semanas	Estados	Destinos Principais		
	terminadas em:	Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	11-7-1953	55	115	20	190
	4-7-1953	164	44	13	221
	12-7-1952	116	54	4	174
COLÔMBIA**	11-7-1953	131.083	9.961	785	141.829
	4-7-1953	129.609	12.444	1.661	143.714
	12-7-1952	42.311	1.787	—	44.098

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	**11-7-1953**	**4-7-1953**	**12-7-1952**
BRASIL*	Santos	1.882	1.944	1.520
	Rio	156	181	441
	Vitória	76	87	51
	Paranaguá	658(&)	721(%)	141(&)
	Pernambuco	5	3	11
	Bahia	14	14	16
	Angra dos Reis	11	11	3
	TOTAL	**2.802**	**2.961**	**2.183**
COLÔMBIA**	Barranquilla	146.358	156.343	166.763
	Cartagena	59.041	56.006	97.447
	Buenaventura	120.109	112.884	136.511
	Cucuta	137.123	135.248	138.813
	TOTAL	**462.631**	**460.481**	**539.534**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS AFIANÇADOS DE NOVA YORK*

	Países de origem (sacas de pêsos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
11-7-1953	33.818	184.274	91.513	309.605
4-7-1953	28.494	196.853	103.874	329.221
12-7-1952	111.168	119.256	142.314	372.738

(*) Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia.
(&) Livres
(%) 720.000 livres e 1.000 retidos.

N.º 838 CARTA SEMANAL DO MERCADO 24 de julho de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Segundo informou a imprensa esta manhã, os economistas do Govêrno voltaram mais uma vez a mudar sua opinião sôbre a data em que esperam que ocorra um reajustamento econômico neste país. Embora aliem sua opinião à dos economistas particulares na previsão de que êste ano a maioria dos índices econômicos estabelecerão níveis recordes, os assessores do Govêrno crêm atualmente que o leve recesso econômico, que primeiramente fôra anunciado em princípio dêste ano, depois para meados e mais tarde para fins do mesmo, só se fará sentir talvez em meados ou fim do próximo ano. Esta nova previsão deve-se a que os programas de expansão e modernização da indústria, segundo se tem informado, são muito maiores do que se esperava, que os investimentos nas novas construções não sòmente serão os mais altos na história dêste país, como também

que êste ritmo continuará pelo menos durante a primeira metade de 1954, que as cifras mais recentes indicam que a fôrça obreira total desta nação alcançou um nível máximo e que o nível de compras dos consumidores parece ter subido a um ponto mais alto do que alcançaria normalmente com apenas o aumento da população, indicando desta forma uma nova melhora no padrão de vida. Êsses economistas concluem com a observação de que se se concretizarem as cifras previstas pelo andamento dos principais índices econômicos do país, a produção total deverá registrar um aumento de uns 6%, superior em cêrca de 20 mil milhões de dólares à cifra registrada durante o ano de 1952.

Esta situação econômica otimista está, outrossim, sendo confirmada pelos balanços financeiros correspondentes à primeira metade dêste ano. Uma análise destas cifras indica que aproximadamente 77% das firmas que até agora publicaram seus balanços, obtiveram aumentos consideráveis em seus benefícios e que as poucas emprêsas que anunciaram uma diminuição de entradas só o fizeram em uma pequena margem. Os dividendos distribuídos pelas companhias também foram maiores, em cêrca de 4%, ao passo que durante o último mês de junho, êste total ultrapassava em 6% o do ano passado. Em virtude desta situação, os técnicos em mercado concluem que a presente apatia no mercado de valores deve ser atribuída não a desconfianças, mas sim ao fato de que os operadores estão em grande parte aguardando a assinatura do armistício na Coréia, já que, embora em gráu muito menor, êste contecimento continua ainda a ser temido pelo impacto que possa ter nos mercados.

MERCADO DO CAFÉ: Durante a semana, pode-se dizer que o mercado se dividiu em duas etapas. Nos primeiros dias do período, houve informações de que quantidades consideráveis do produto haviam sido vendidas pelo Brasil aos importadores locais. Isto serviu para firmar substancialmente os preços e, por conseguinte, o interêsse dos torradores então recaiu sôbre os cafés de outras procedências, principalmente os da Colômbia. Por sua vez, os preços dos cafés colombianos afirmaram-se e a informação de hoje é a de que os torradores estão resistindo, tanto quanto possível, aos novos preços, porém de tôdas as maneiras vêem-se obrigados a comprar em virtude da sua situação desfavorável de estoques. Disto resultou que o mercado está sumamente firme e as ofertas escassas.

No Contrato "S" da Bôlsa de Café e Açúcar, a atividade econômica continuou marcada, tendo sido negociados 939 lotes durante a semana. Os aumentos foram consideráveis, de 110 a 135 pontos e isto permitiu que pudessem ser liquidadas as posições para retirar benefícios, sem que tal fato deprimisse o mercado, o qual no momento em que esta Carta está sendo redigida, continua com seu movimento de alta. A posição aberta diminuiu um pouco e para a manhã de hoje, era de 2.028 lotes, 51 menos do que a correspondente da sexta-feira anterior.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Embora ainda não se tenham notícias oficiais com respeito a um cálculo detalhado dos danos causados pela geada no Brasil, a informação é de que êstes danos serão maiores do que inicialmente se acreditou. Naturalmente, êste é o principal fatôr responsável pela firmeza substancial dos preços, os quais, para o café brasileiro, não baixaram hoje de 59 cents FOB para o tipo Santos 4 e de 59-7/8 cents para os Excelsos colombianos, na base de ex-cais em Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais — Destinos Principais — Estados Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	18-7-1953	108	121	28	257
	11-7-1953	55	115	20	190
	19-7-1952	108	134	11	253
COLÔMBIA**	18-7-1953	105.500	20.881	10.263	136.644
	11-7-1953	131.083	9.961	785	141.829
	19-7-1952	109.464	8.094	8.073	125.631

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 18-7-1953	11-7-1953	19-7-1952
BRASIL*	Santos	1.897	1.882	1.747
	Rio	141	156	392
	Vitória	84	76	44
	Paranaguá	648(a)	658(b)	168(b)
	Pernambuco	4	5	10
	Bahia	14	14	16
	Angra dos Reis	11	11	3
	TOTAL	2.799	2.802	2.380
COLÔMBIA**	Barranquilla	135.597	146.358	177.325
	Cartagena	56.886	59.041	102.032
	Buenaventura	132.484	120.109	118.975
	Cucuta	136.421	137.123	140.592
	TOTAL	461.388	462.631	538.924

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS AFIANÇADOS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (sacas de pêsos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
18-7-1953	49.204	172.473	82.792	304.469
11-7-1953	33.818	184.274	91.513	309.605
19-7-1952	103.217	119.021	137.694	359.932

(*) Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia.
(a) 632.000 livres e 16.000 retidos.
(b) Livres.

GUATEMALA

Instituto Nacional de Fomento da Produção: Segundo notícias procedentes da capital desta república centro-americana, a entidade conhecida pelo nome de "Fincas Nacionales" (Fazendas Nacionais) foi dissolvida no dia 30 de junho próximo passado e, em seu lugar, foi criado o Instituto Nacional de Fomento da Produção.

As "Fincas Nacionales" vêm distribuindo o café (cêrca de 30% da colheita nacional exportável) produzido nas plantações que foram confiscadas durante a última guerra mundial e que êste ano foram convertidas em bens do Estado. Tais propriedades foram divididas entre aquêles camponeses que não possuem terras de cultivo, de conformidade com as estipulações da Lei de Reforma Agrária. Crê-se que o Instituto recentemente criado gestionará a venda de certos lotes de café (de 15.000 a 20.000 quintais) que sobraram da colheita de 1952-53 e, também, administrará os despachos posteriores a 30 de junho e referentes ao café vendido em hasta pública no dia 10 do mesmo mês. Acredita-se também que o Instituto atuará como agente de vendas dos novos pequenos produtores e que seguirá vendendo as colheitas dêstes em hasta pública.

(G. G. Paton & Co. — julho 20, 1953)

O SALVADOR

Exportação: No período de nove meses compreendido entre outubro de 1952 e junho de 1953, êste país exportou 1.185.111 sacas de café, em comparação com as 906.013 sacas exportadas durante o período correspondente de 1951-52. Isto representa um aumento de 279.098 sacas, ou seja, de uns 30%, mais ou menos. As exportações de junho atingiram o total de 40.826 sacas; as de maio foram de 45.182. Os estoques nos portos, no dia 30 de junho, somavam 12.225 sacas, contra 28.283 no dia 31 de maio e 11.670 no dia 30 de junho do ano passado. Apesar das inofrmações que circularam esta semana de que a colheita de 1953-54 renderia uns 30% menos do que a colheita atual, a Companhia Salvadorenha de Café S. A. calculou a colheita, no dia 10 de julho, em 977.500 sacas de 60 quilos.

(G. G. Paton & Co. — 17 de julho de 1953)

ESTADOS UNIDOS

Café em sacos: Uma nova fábrica de café de Dallas, no Estado de Texas, a Rich Coffee Co., obedecendo a tendência observada em outras regiões do país, acaba de instalar maquinaria para a produção de café em sacos. Cada saco conterá o equivalente de uma xícara.

(Field Reporter — 13 de julho de 1953)

ÍNDIA

Propaganda do café nacional: Êste país, como é possível deprender de notícias publicadas anteriormente nesta mesma secção, tem em funcionamento várias unidades de propaganda, nas quais se fazem demonstrações dos diversos aspectos de preparo da bebida e aproveitam-se importantes funções sociais para oferecer café de excelente qualidade aos presentes.

A Casa do Café Índia de Guntur abriu suas portas ao público no dia 10 de maio próximo findo. Esteve presente a elite da sociedade local nas cerimônias de inauguração e foram servidas deliciosas xícaras de café, saboreadas com satisfação por todos os convivas.

A Casa do Café Índia de Jamshedpur serviu café e refrescos numa festa organizada por uma importante firma industrial da localidade.

A Casa de Café de India de Madras, atendendo a uma sugestão feita por uma associação feminina interessada em problemas alimentícios, serviu café num congresso celebrado durante o mês de abril. A qualidade do café que se serviu foi muito apreciada por todos os delegados presentes.

Atividades iguais foram anunciadas nas entiddes semealhantes de Calicut, Tiruchilapalli e outras mais.

(Indian Coffee — maio de 1953 — Junta Cafeeira da Índia)

HOLANDA

Importação: Êste país importou, no mês de maio próximo passado, 59,593 sacas de café verde, com o qual o total importado nos cinco primeiros meses do ano em curso alcançam a cifra de 224.441 sacas, ou seja, 87% mais do que o total importado no período correspondente de 1952.

O café importado em maio proveio principalmente dos seguintes países: Angola, Brasil, Colômbia, Indonésia, Nicarágua, Costa Rica, República Dominicana, União Alfandegária Bélgica-Luxemburgo, Congo Belga, Guatemala, Índia e outros países mais.

As 1.186 sacas importadas da Índia, no período de Janeiro a Maio, foram importadas nesse último mês.

(G. G. Paton & Co. — 17 de julho de 1953)

Nota: As opiniões expressas nos artigos que aparecem nesta seção, bem como as cifras e demais dados que neles figuram, não representam necessàriamente a opinião do Bureau Pan-Americano do Café.

N.º 839 CARTA SEMANAL DO MERCADO 31 de julho de 1953

SITUAÇAO GERAL: Alguns setores econômicos temiam uma pronunciada repercussão nos mercados com a suspensão das hostilidades na Coréia. Êsses temores eram infundados, portanto, pois resultou a predição acertada de que os mercados já haviam descontado os efeitos do Armistício Coreano. Se tomar-se como base o comportamento durante a semana dos índices da Bôlsa de Valores e da de produtos naturais básicos, poderia-se pensar que o movimento de correção em antecipação ao acôrdo da paz fôra excessivo, uma vez que ambos os índices mantiveram alta constante, desde segunda-feira. Demasiado prematuro é o afirmar-se que já passou o perigo de uma oscilação brusca, pois as indicações são de um otimismo cauteloso.

É possível que essa firmeza dos mercados seja devida à prosperidade que têm gozado as grandes entidades comerciais dêste país, durante o trimestre que se findou o mês passado. Cifras mais completas que aquelas mencionadas no número anterior desta Carta indicam que os lucros das corporações, durante êsse período, superaram a 25% aos realizados nos mesmos seis meses do ano passado.

MERCADO DO CAFÉ: No que se refere ao nosso produto, a nota da semana foi de grande firmeza, registrando-se altas diárias nos preços dos cafés disponíveis e nos cafés a têrmo. Ontem, ocorreu o que chamam aquí uma reação técnica, as cotações retrocederam 50 pontos. Isso foi atribuído simplesmente a um forte movimento de liquidação dos contratos na bolsa de Futuros, em preparação do fim de semana, para realizar benefícios logrados e, possivelmente com o objetivo de fazer compras nos mercados disponíveis. A verdade é que o que acontece hoje, o

terreno perdido ontem pelas cotações já foi recuperado, sendo êsse movimento de alta estimulado por um cabograma recebido esta manhã pela Bôlsa e transmitido do Rio de Janeiro pela agência de informações Contelburo, segundo a qual o Serviço Meteorológico do Ministério da Agricultura do Brasil previu uma nova geada para os Estados do Sul do país, dentro das próximas vinte e quatro horas. Essa geada poderá atingir o Estado de São Paulo. O cabograma também menciona que registrara-se temperatura abaixo de zero nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. É desnecessário dizer-se que se por infelicidade ocorrer a geada os danos serão incalculáveis. Até o presente ainda não foram estimados os prejuízos causados pela geada anterior. Entretanto, aqui se acredita que a colheita do Brasil para 1954-55 não atingirá senão a 13.000.000 (três milhões) de sacos. É óbvio, se realizar-se a predição desta geada e se a mesma fôr mais forte que a anterior, êsses cálculos cairão por terra.

Entrementes, os preços anunciados pelos torrefadores já estão refletindo-se nos mercados a retalho. Só faltava subir de preço o café embalado em bolsas de papel e informa-se que êste subirá amanhã ou segunda-feira. Até êste momento, essas altas flutuam entre 3 e 4c/ por libra.

MERCADO DE OPÇÕES: A atividade foi bem pronunciada durante a semana, tendo-se negociado 1.258 lotes no Contrato "S". As altas realizadas durante a semana foram de 140 a 206 pontos. Em troca, não ocorreu mudança significativa na posição aberta, ao que esta semana somara em 2.016 lotes, em confronto com os 2.028 que se registraram sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No que se refere aos cafés do Brasil, existe uma completa ausência de ofertas, tornando-se quase que impossível determinarem-se os preços. Informa-se que ontem o Santos 4 foi vendido a 60c/ FOB. Hoje, entretanto êsse preço baixou. As ofertas para cafés Colombianos são também mui raras, sendo que os para pronto embarque e a bordo foram negociados a 61-½c/, base ex-doca Nova Iorque.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	25-7-53	84	51	7	142
	18-7-53	108	121	28	257
	26-7-53	218	50	7	275
COLÔMBIA**	25-7-53	112.524	15.643	379	128.546
	18-7-53	105.500	20.881	10.263	136.644
	26-7-53	105.934	4.140	1.639	111.713

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

BRASIL*	Santos	1.959	1.897	1.720
	Rio	187	141	378
	Vitória	107	84	40
	Paranaguá	674	648	242
	Pernambuco	5	4	9
	Bahia	15	14	16
	Angra dos Reis	12	11	3
	TOTAL	**2.953**	**2.799**	**2.408**

COLÔMBIA**	Barranquilla	144.636	135.597	184.948
	Cartagena	64.071	56.886	98.966
	Buenaventura	119.892	132.484	121.052
	Cucuta	135.827	136.421	141.799
	TOTAL	464.426	461.388	546.765

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS AFIANÇADOS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pêsos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
25-7-53	46.700	174.901	70.350	291.951
18-7-53	49.204	172.473	82.792	304.469
26-7-53	98.789	119.833	138.572	357.194

(*) Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia.

N.º 31 **O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA** 31 de julho de 1953
(P.A.)

BRASIL

O café do Paraná: Quando em dezembro de 1953 o Primeiro Congresso Cafeeiro Mundial abrir suas portas ao público, na cidade de Curitiba, cuja celebração coincidirá com a comemoração da fundação do Estado do Paraná há cento e cincoenta anos, será uma ocasião propícia para se salientar o desenvolvimento da indústria cafeeira no referido Estado.

As terras fecundas dêsse Estado prometem convertê-lo na principal zona de café do mundo. Além disso, com a execução imediata do plano de extensão da linha de ferro Sorocabana, por meio da qual unir-se-á a fronteira paraguaia com o porto de Santos, será grandemente beneficiado. A extensão realizar-se-á na direção do oeste, desde Presidente Prudente (São Paulo) até as margens do Rio Paraná no ponto de confluência com o Paranapanema e daí via Dourados até Ponta Porã na fronteira paraguaia. O ramal do rio Paraná terá mais de 120 milhas e há de atravessar uma região que, segundo o precer do diretor ferroviário de Sorocbana, há de se converter num futuro não muito distante "no celeiro do mundo". O ponto terminal dêste ramal será situado no lugar de convergência de três Estados: São Paulo, Paraná e Mato Grosso.

A estrada de ferro em aprêço foi construida em 1875 pelo engenheiro Maylasky e a princípio unia sòmente as cidades de São Paulo e Sorocaba. Desde então tem se estendido até chegar a um total de 2.212 quilômetros.

(Condensado do "Brazulian Bulletin" — 15 de julho de 1953)

Estoque de café: Segundo informações publicadas pelo Instituto Brasileiro do Café, um total de 16.029.625 sacos da colheita de 1952-1953 foi registado para entrada nos portos de embarque a 30 de junho passado, em confronto com um registo de 15.020.243 sacos. Depois de terem sido feitos os necessários ajustes para os embarques de cabotagem e consumo dos portos, restaram da colheita de 1952-53 s seguintes para a exportação: 15.102.593 sacos, contra 14.418.838 o ano passado. O Instituto calcula a colheita exportável para 1953-1954 em 16.939.000 sacos, o que representa, depois dos necessários ajustes de movimento de cabotagem e con-

sumo portuário, uma disponibilidade de 16.000.000 de sacos para os mercados estrangeiros.

Os restantes da colheita de 1953-54 montarão a 3.149.044 sacos, ou seja, um aumento de 134.211 sacos com relação aos 3.014.833 sacos de junho de 1952.

Damos a seguir um quadro comparativo da situação cafeeira em 1952-1953 e 1951-1952:

DISPONÍVEIS BRASILEIROS — SACOS DE 60 KS.

	1952/53	1951/52
Excedentes, julho 1.º	3.014.833	4.928.960
Registados para entrada nos portos	16.029.625	15.020.382
Disponíveis:	19.044.458	19.949.342
Exportações: julho/junho	14.968.382	16.332.965
Consumo portuário — cabotagem	927.032	601.544
EXCEDENTES: 30 de junho	3.149.044	3.014.833

(G.G. Paton & Co. — 24 de julho de 1953)

ESTADOS UNIDOS

Consumo: Segundo um folheto de 16 páginas publicado pelo Bureau Pan-Americano do Café, em Nova York, a população dêste país está consumindo uma chícara de café a mais por semana que em 1951. A fim de se chegar a êsses resultados entrevistaram-se 8.000 pessoas. A média de consumo nos Estados Unidos, tendo-se como base os estudos feitos a princípio de 1951 e 1953, é de 2,48 chicaras diárias por pessoa, em 1953, em confronto com 2,36 chícaras, em 1951, ou seja, um oitavo de chícara a menos por dia neste último ano.

A Psychological Corporation, emprêsa encarregada da realização dêsses estudos, informou que 29.600.000 de pessoas empregadas fazem uma pausa diária para tomar café. Isso equivale a uma proporção de 54,2%, em confronto com 50,5%, em 1951.

O aumento observado no hábito do "Coffee Break", a pausa para o café, é atribuido principalmente aos empregados de escritório e de armazéns. Entre as donas de casa tem-se assinalado também um aumento de 1/5 mais que em 1951. Calcula-se que estão consumindo um total de 59.000.000 de chícaras diárias entre as horas de refeições e nas horas de refeições um total de 206.000.000 de chícaras de café.

(Food Field Reporter — 27 de julho de 1953)

ÁUSTRIA

Importações: Êste país importou em maio de 1953: 5.327 sacos de café em grão, com o qual o café importado durante os cinco primeiros meses do ano chegou a um total de 30.781 sacos.

As importações em questão originam-se principalmente do: Brasil, Guatemala, México, Costa Rica, Colômbia, Indonésia, Paraná e outros países.

(G. G. Paton & Co. — 24 de Junho de 1953)

Nota: As opiniões apresentadas nos artigos constantes desta seção, bem como as cifras e demais dados neles indicados, não representam necessàriamente a opinião do B. P. do C. —

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XIX — São Paulo, 14 pe setembro de 1953 — N.º 332

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1953/1954
CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	julho	1.ª dezena agôsto	2.ª dezena agôsto	3.ª dezena agôsto	Totais
Santos à Jundiaí ...	38 189	959	4 508	5 532	49 188
Soracabana	127 988	38 117	75 241	77 902	319 248
Paulista	513 858	165 008	212 933	253 351	1 145 150
Mogiana	95 924	29 221	32 457	66 444	224 046
Araraquara	101 007	45 668	73 706	100 957	321 338
Noroeste do Brasil ..	301 998	90 617	109 375	140 516	642 506
Central do Brasil ...	—	—	—	*	—
Estrada de Rodagem	280	—	245	140	665
Total	**1 179 244**	**369 590**	**508 465**	**644 842**	**2 702 141**

NOTA: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

(*) — Não foram recebidos os dados da E. F. Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		TOTAIS
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
Mês de julho	3 000	1 475	—	—	4 475
1.ª dez. agôsto	1 000	950	—	—	1 950
2.ª " "	—	1 328	—	—	1 328
3.ª " "	400	2 340	—	—	2 740
Total	**4 400**	**6 093**	—	—	**10 493**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Est. Produtores	julho	1.ª dezena agôsto	2.ª dezena agôsto	3.ª dezena agôsto	Totais
Paraná	47 433	17 825	41 889	(*) 8 431	115 578
Minas Gerais	13 723	15 119	23 915	(*) 13 988	66 745
Goiás	31 381	3 982	—	(*) —	35 363
Total	**92 537**	**36 926**	**65 804**	**22 419**	**217 686**

(*) — Incompletos

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1953 1954 (ATÉ 31 DE AGÔSTO DE 1953)

Paulista	Despachado	Liberado	A liberar
1.ª dez. julho	557 431	544 986	12 445
2.ª " "	234 010	217 223	16 787
3.ª " "	386 587	177 190	209 397
1.ª " agôsto	369 539	—	369 539
2.ª " "	507 770	—	507 770
3.ª " "	644 131	—	644 131
Total	**2 699 468**	**939 399**	**1 760 069**
Despolpado	2 008	1 437	571
Rodoviário	665	280	385
Total Geral	**2 702 141**	**941 116**	**1 761 025**
(Outros Estados até 31 de agôsto 53)			
Paranaense	115 578	47 513	68 065
Mineiro	66 745	19 027	47 718
Goiano	35 363	2 481	32 882
Total	**217 686**	**69 021**	**148 665**

SAFRA 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial 1 080
SAFRA 51/52 — Apreendido 1 000

ESTA PUBLICAÇÃO RETIFICA AS ANTERIORES.

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TITULOS — CAMBIO METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO COUROS — ETC.

Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar
Fone: 3-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278

(p) Agências nos principais Estados do Brasil

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1953/54

MÊSES	ENTRADAS							MOVIMENTO			
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Sta. Catarina	Total	Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Existência
JULHO ..	375 476	3 879	—	40 627	—	—	420 000	380 661	399 417	2 539	1 966 641

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JULHO DE 1953

VIAS	PROCEDÊNCIAS							TOTAL
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Paraná	Bahia	Goiás	
E. F. C. do Brasil	1.500	750	—	—	—	—	—	2.250
E. F. Leopoldina	—	10.638	5.404	5.403	—	—	—	21.445
Regulador	—	—	—	2.177	—	—	—	2.177
Rodoviário	300	124.889	14.944	34.829	5.261	2.420	—	182.643
TOTAIS:	**1.800**	**136.277**	**20.348**	**42.409**	**5.261**	**2.420**	—	**208.515**

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JULHO DE 1953

CONTINENTES:	PAISES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	1.460	
	Andorra	55	
	Áustria	2.438	
	Bélgica	750	
	Dinamarca	3.383	
	Finlândia	19.415	
	França	45.888	
	Grã-Bretanha	945	
	Itália	2.590	
	Iugoslávia	126	
	Suécia	1.000	
	Trieste	1.617	79.667
AMÉRICA DO NORTE:	Estados Unidos	47.150	
	Canadá	500	47.650
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	20.399	
	Paraguai	350	
	Uruguai	4.230	24.979
ÁFRICA:	Marrocos Francês	100	
	Sud. Africano	125	
	U. S. Africana	5.235	5.460
ÁSIA:	Chipre	250	
	Japão	150	
	Transjordânia	3.457	
	Turquia	2.353	6.210
	Total p/ o exterior:		**163.966**
CABOTAGEM:	Norte	795	
	Sul	430	1.225
	TOTAL GERAL:		**165.191**

Consumo de bordo — 95 scs.
90 scs. embarcadas s/v comercial.

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JULHO DE 1953

DIA	Europa	América Norte	América Sul	África	Ásia	Cabotagem	Total
2	—	—	—	—	—	55	55
3	—	3 250	2.011	—	—	—	5.261
6	—	1.000	200	—	—	—	1.200
7	225	500	577	—	—	—	1.302
8	19.915	—	—	—	—	—	19.915
9	1.125	3.700	1.538	—	—	—	6.363
10	197	—	7.145	—	1.180	180	8.702
11	2.174	—	—	—	—	—	2.174
13	6.690	—	—	—	—	750	7.440
14	70	1.000	—	—	—	—	1.070
15	16.065	7.000	—	—	4.555	—	27.620
16	—	—	3.880	100	—	—	3.980
18	688	—	—	—	—	—	688
20	—	2.250	—	—	—	—	2.250
21	1.440	2.450	1.500	—	—	—	5.390
22	400	7.750	—	—	—	—	8.150
23	—	1.250	—	—	—	—	1.250
24	—	3.250	4.934	—	—	—	8.184
25	—	—	925	—	—	240	1.165
26	—	—	—	—	—	—	—
27	3.143	—	—	—	125	—	3.268
28	12.207	—	—	5.360	350	—	17.917
29	14.418	3.900	1.400	—	—	—	19.718
31	1.000	10.350	869	—	—	—	12.219
TOTAL	79.757	47.650	24.979	5.460	6.210	1.225	165.281

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JULHO E SAFRA 1953/54

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1953		
julho	208.515	165.281

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

JULHO DE 1953

DIA	ENTRADAS								Despachos	Vendas	Café Retirado do estoque	Existência	Existência em poder do D.N.C.
	Paulista	Mineiro	Paranaense	Total	Liberado p/EFSJ	Liberado p/EFS.	Liberado p/Rodovia	Embarques					
1	15 770	—	25 640	41 410	—	41 410	—	17 480	5 774	39 460	—	1 953 771	438
2	3 016	—	148	3 164	—	3 164	—	7 336	8 361	17 814	—	1 949 599	438
3	1 001	—	—	1 001	—	1 001	—	9 031	20 982	19 642	—	1 941 569	438
4	—	100	—	100	—	—	100	15 841	5 825	13 315	1 922	1 923 906	438
6	—	90	—	90	—	—	90	7 227	17 775	23 796	—	1 916 769	438
7	901	—	218	1 119	—	1 119	—	6 987	4 510	27 717	—	1 910 901	438
8	2 318	—	—	2 318	2 318	—	—	5 356	10 762	—	—	1 907 863	438
10	6 928	328	—	7 256	5 486	1 630	140	32 352	12 507	29 424	—	1 882 767	438
11	16 800	115	—	16 915	16 660	—	255	12 937	9 841	32 689	—	1 886 745	438
13	2 019	—	—	2 019	1 619	400	—	10 303	10 901	21 355	—	1 878 461	438
14	17 458	500	1 190	19 148	18 073	575	500	5 846	13 751	14 017	—	1 891 763	438
15	7 740	—	—	7 740	6 080	1 660	—	9 602	15 993	11 450	—	1 889 901	438
16	17 131	620	2 200	19 951	11 326	8 625	—	17 004	21 614	17 751	—	1 892 848	438
17	28 110	231	1 690	30 031	17 609	12 422	—	28 047	10 255	30 072	—	1 894 832	438
18	30 183	—	—	30 183	24 183	6 000	—	13 368	13 909	5 595	—	1 911 647	438
20	14 866	—	2 615	17 481	10 481	7 000	—	1 035	17 783	24 796	—	1 928 093	438
21	22 065	187	1 700	23 952	9 028	14 804	120	20 475	9 124	23 260	—	1 931 570	438
22	17 383	115	600	18 098	8 739	9 244	115	14 635	9 773	21 016	—	1 935 033	438
23	15 223	150	2 192	17 565	11 082	6 018	465	4 471	42 329	33 001	—	1 948 127	438
24	18 024	1 101	—	19 125	14 021	4 404	700	12 340	27 953	21 948	—	1 954 912	438
25	20 023	—	—	20 023	17 473	2 550	—	35 439	9 791	23 262	—	1 939 496	438
27	17 069	60	—	17 129	15 369	1 700	60	13 007	21 978	11 549	—	1 943 618	438
28	16 295	300	139	16 734	10 077	6 657	—	19 152	40 204	46 509	—	1 941 200	438
29	25 931	—	1 195	27 096	17 645	9 451	—	27 956	14 515	37 644	—	1 940 340	438
30	29 797	—	500	30 297	23 566	6 731	—	18 658	12 557	41 983	—	1 951 979	438
31	29 455	—	600	30 055	18 056	11 999	—	14 776	10 650	43 031	617	1 966 641	438
TOTAL	**375 476**	**3 897**	**40 627**	**420 000**	**258 891**	**158 564**	**2 545**	**380 661**	**399 417**	**632 096**	**2 539**	**—**	**—**

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

JULHO DE 1953

DIA	ENTRADAS							EMBARQUES					
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Cons. Local	Existência
1	—	1 513	500	834	—	—	2 847	—	—	—	47	—	177 263
2	—	700	1 250	1 302	—	—	3 252	—	55	55	—	—	180 460
3	—	—	220	—	200	—	420	5 261	—	5 261	—	—	175 619
6	—	1 504	—	333	—	—	1 837	1 200	—	1 200	—	—	176 256
7	—	1 025	1 604	—	—	—	2 629	1 302	—	1 302	—	—	177 583
8	—	793	—	—	470	—	1 263	19 915	—	19 915	—	—	158 931
9	—	1 370	—	1 860	—	—	3 230	6 363	—	6 363	—	—	155 798
10	—	1 103	—	—	—	—	1 103	8 522	180	8 702	—	—	148 199
11	—	—	—	—	—	—	—	2 174	—	2 174	—	—	146 025
13	—	2 495	—	—	—	—	2 495	6 690	750	7 440	—	—	141 080
14	—	5 585	—	6 319	—	—	11 904	1 070	—	1 070	—	—	151 914
15	—	17 547	1 090	1 233	—	—	19 780	27 620	—	27 620	740	20 000	123 334
16	—	14 384	—	3 527	—	3 335	21 246	3 980	—	3 980	—	—	140 600
17	—	5 899	2 770	3 866	850	—	13 385	—	—	—	—	—	153 985
18	—	—	—	—	—	—	—	688	—	688	—	—	153 297
20	—	8 926	1 550	—	—	—	10 476	2 250	—	—	—	—	161 523
21	—	6 618	1 601	2 080	—	—	10 299	5 390	—	5 390	—	—	166 432
22	—	5 722	957	3 784	—	1 166	11 629	8 150	—	8 150	—	—	169 911
23	—	12 190	1 365	4 990	—	—	18 545	1 250	—	1 250	—	—	187 206
24	300	5 092	440	2 126	—	—	7 958	8 184	—	8 184	—	—	186 980
25	—	—	—	—	—	—	—	925	240	1 165	—	—	185 815
27	1 500	6 010	—	1 450	—	760	9 720	3 268	—	3 268	—	—	192 267
28	—	9 186	—	1 172	—	—	10 358	17 917	—	17 917	—	—	184 708
29	—	8 216	3 490	3 177	900	—	15 783	19 718	—	19 718	—	—	180 773
30	—	11 030	—	1 504	—	—	12 534	—	—	—	—	—	193 307
31	—	9 459	3 511	2 852	—	—	15 822	12 219	—	12 219	95	20 000	176 815
TOTAL	**1 800**	**136 277**	**20 348**	**42 409**	**2 420**	**5 261**	**208 515**	**164 056**	**1 225**	**165 281**	**882**	**40 000**	—

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

JULHO DE 1953

Portos de embarques	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Julho de 1953:				
Santos	380 958	477	296	381 731
Paranaguá	222 645	—	1 645	224 290
Rio de Janeiro	164 056	95	1 225	165 376
Vitória	108 037	—	30 500	138 537
Recife	—	11	—	11
Salvador	63	—	2 428	2 491
Total	875 759	583	36 094	912 436
Janeiro	1 203 946	—	24 323	1 228 269
Fevereiro	1 206 254	—	20 980	1 227 234
Março	1 358 791	305	18 897	1 377 993
Abril	991 020	341	26 360	1 017 721
Maio	792 405	416	40 822	833 643
Junho	997 565	539	24 158	1 022 262
Total de Janeiro a Julho	7 425 740	2 184	191 634	7 619 558

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

JULHO DE 1953

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
1	206 00	204 00	200 00	—	145 70
2	205 00	203 00	199 50	179 00	145 30
3	205 00	203 00	200 00	179 00	145 70
6	nominal	nominal	nominal	183 00	146 10
7	225 00	223 00	220 00	183 00	149 20
8	225 00	222 00	219 50	183 00	150 30
9	—	—	—	184 00	149 80
10	221 00	218 50	215 50	183 00	149 50
13	220 00	217 00	213 50	184 00	149 80
14	221 00	217 50	213 50	184 00	150 20
15	220 00	217 00	213 50	184 00	149 30
16	218 50	215 50	212 00	183 50	148 70
17	218 00	216 00	212 50	183 50	148 60
20	220 00	218 00	215 00	184 00	151 80
21	220 00	218 00	215 00	184 00	154 30
22	220 00	218 00	215 00	184 00	155 50
23	223 00	221 00	218 00	184 00	154 50
24	224 00	222 00	219 00	184 00	154 30
27	226 00	224 00	221 00	184 00	155 10
28	228 00	226 00	223 00	183 50	154 40
29	230 00	228 00	225 00	183 50	155 00
30	230 00	228 00	225 00	183 50	154 90
31	232 00	230 00	227 00	183 00	154 60
Média	**220 83**	**218 55**	**215 28**	**183 20**	**150 99**

COTAÇÕES DE CAFÉ BRASILEIRO NO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

JULHO DE 1953

(Em cents por libra de 453,60 gr.)

DIA	SANTOS				RIO
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 7
1	56 00	55 00	57 50	56 50	51 75
2	56 00	55 00	57 50	56 50	51 75
3	56 00	55 00	57 50	56 50	51 75
6	57 00	56 00	59 00	58 00	51 75
7	58 00	57 00	60 50	59 50	51 75
8	58 00	57 00	60 00	59 00	51 75
10	57 00	56 00	59 00	58 00	51 75
13	57 50	56 50	59 75	58 75	51 50
14	57 25	56 25	59 50	58 50	51 50
15	57 50	56 50	59 75	58 75	51 50
16	57 25	56 25	59 50	58 50	51 50
17	57 25	56 25	59 50	58 50	51 50
20	57 25	56 25	59 50	58 50	51 50
21	57 50	56 50	60 00	59 00	51 50
22	60 00	59 00	57 50	56 50	51 50
23	60 50	59 50	57 75	56 75	51 50
24	58 00	57 00	60 75	59 75	51 75
27	58 50	57 50	61 25	60 25	51 75
28	59 00	58 00	62 00	61 00	51 75
29	59 50	58 50	62 75	62 00	51 75
30	59 50	58 50	62 75	62 00	51 75
31	59 75	58 75	63 00	62 25	52 00
Média	**57 92**	**56 92**	**59 83**	**58 86**	**51 67**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Julho de 1953

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS					MÉDIA
	2	8	16	25	30	
COLÔMBIA:						
Medelin Excelso	(2) 57 00	59 3/4	58 3/4	58 3/4	60 3/4	59 00
Armenia	(2) 57 00	59 3/4	58 3/4	58 3/4	60 3/4	59 00
Manizales	(2) 57 00	59 3/4	58 3/4	58 3/4	60 3/4	59 00
Cucuta	(2) 56 3/4	59 1/2	58 1/2	58 1/2	60 1/2	58 3/4
Bogotá	(2) 56 3/4	59 1/2	58 1/2	58 1/2	60 1/2	58 3/4
Tolima	(2) 56 3/4	59 1/2	58 1/2	58 1/2	60 1/2	58 3/4
Ocana	(2) 56 3/4	59 1/2	58 1/2	58 1/2	60 1/2	58 3/4
COSTA RICA:						
Duro	(6) 57 1/4	59 1/4	59 1/2	60 00	60 00	59 13/64
Atlântico Fino	(6) 56 1/4	58 1/4	58 1/4	58 3/4	58 3/4	58 13/64
EQUADOR:						
Lavado	(6) 54 1/2	n/cot	Nominal	57 00	57 1/4	56 1/4
Extra não lavado	(6) 50 00	"	"	52 00	52 00	51 21/64
GUATEMALA:						
Antigua	(6) 57 1/2	59 1/2	59 1/2	60 00	60 1/2	59 13/32
Extra primeira	(6) 56 1/2	58 1/2	58 1/2	59 00	59 00	58 19/64
Lavado bom	(6) 55 1/4	57 1/4	57 1/4	57 1/2	57 1/2	56 61/64
Bourbon	(6) 54 3/4	56 3/4	56 3/4	57 00	57 00	56 29/64
HAITÍ:						
Lavado bom mole	(6) 54 1/2	n/cot	Nominal	59 00	59 00	57 1/2
Catado à mão	(6) 53 00	"	"	57 00	57 00	55 43/64
HONDURAS:						
Lavado bom	(6) 55 1/2	"	"	57 1/2	57 1/2	56 53/64
Tipo 5 — Comum duro	(6) 49 1/2	"	"	52 1/2	52 1/2	51 1/2
MÉXICO:						
Caetepec	(6) 56 1/4	58 1/4	57 3/4	58 00	59 00	57 27/32
Tapachula primeira	(6) 55 1/2	57 1/2	57 00	57 1/4	58 00	57 3/64
Maragogipe						

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Julho de 1953

PROCEDÊNCIA	DIAS					MÉDIA
	2	8	16	25	30	
NICARÁGUA:						
Matagalpa	(6) 55 1/2	57 1/2	Nominal	n/cot	n/cot	56 1/2
Lavado primeira	(6) 55 1/4	57 1/4	"	"	"	56 1/4
EL SALVADOR:						
Lavado	(6) 57 00	n/cot	"	59 00	"	58 00
Não lavado						
SÃO DOMINGOS:						
Lavado bom mole	(6) 54 3/4	56 3/4	56 00	56 1/2	56 1/2	56 3/32
Fino	(6) 55 1/2	57 1/2	Nominal	n/cot	n/cot	56 1/2
VENEZUELA:						
Maracaibo	(6) 55 3/4	58 1/2	57 1/2	57 1/2	58 1/2	57 35/64
Trujillo						
CONGO BELGA:						
Lavado robusta	55 00	n/cot	57 1/2	57 1/4	58 1/2	57 1/16
Natural robusta	46 1/2	"	Nominal	49 1/2	50 00	48 43/64
MOCA:						
Moca (Arábia)	57 1/2	"	58 1/2	58 3/4	60 00	58 11/16
N.E.I.:						
Genuino Java Lavado	68 00	"	Nominal	68 00	70 00	68 43/64
Lavado robusta						
Natural Java robusta						
UGANDA:						
Lavado	47 1/2	48 1/2	49 1/2	49 1/2	50 00	48 7/8

INDICAÇÕES: 1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2) Desembarcado à vista líquido
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de procedência
6) Nominal

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "S"

JULHO DE 1953

DIA	JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO		MAIO		JULHO 1954	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	56 80	56 40	54 70	54 55	53 15	52 95	52 15	51 88	51 50	51 25	—	50 50
2	56 25	56 45	54 60	54 70	52 80	53 05	51 90	52 10	51 06	51 50	50 25	50 95
3	56 25	56 40	54 74	54 85	53 14	53 39	52 18	52 40	51 70	51 70	51 00	51 10
6	58 35	59 20	56 85	56 85	55 35	55 35	54 35	54 35	53 70	53 70	53 10	53 10
7	59 95	59 00	58 85	57 75	57 35	56 60	56 35	56 25	55 70	55 70	55 10	55 10
8	59 00	58 90	57 10	57 60	56 25	56 71	56 00	56 20	55 60	55 80	55 00	55 50
9	58 75	58 25	57 35	56 77	56 55	55 75	56 20	55 14	55 75	54 70	55 45	54 30
10	58 10	58 25	57 10	57 45	56 70	56 70	56 15	55 20	55 70	56 00	55 21	55 33
13	58 60	58 81	59 05	58 09	58 00	57 30	57 75	56 85	57 30	56 50	57 20	56 10
14	58 50	58 86	57 75	58 04	56 90	57 23	56 52	56 75	56 00	56 34	55 76	55 94
15	58 75	58 80	58 00	57 76	57 35	57 00	56 80	56 40	56 37	56 00	56 05	55 60
16	58 50	58 80	57 58	57 55	56 80	56 66	56 19	55 98	55 75	55 55	55 35	55 25
17	58 00	58 70	57 40	57 92	56 66	56 90	55 96	56 25	55 55	55 76	55 25	55 35
20	58 75	59 00	58 30	58 33	57 20	57 26	56 60	56 65	56 10	56 28	55 85	55 90
21	58 50	58 95	58 50	58 40	57 12	57 35	56 45	56 74	56 00	56 30	55 75	55 95
22	58 60	59 51	58 40	59 25	57 40	57 85	56 75	57 35	56 25	56 80	55 95	56 53
23	59 00	59 90	59 20	58 95	57 88	57 80	57 38	57 21	56 95	56 80	56 80	56 45
24	59 00	—	58 80	59 30	57 75	58 10	57 15	57 46	56 72	57 00	56 32	56 68
27	—	—	59 40	59 61	58 25	58 61	57 65	58 00	57 20	57 51	56 80	57 10
28			59 51	60 55	58 75	59 33	58 25	58 65	57 76	58 16	57 61	57 75
29				61 40	—	59 95	—	59 33	—	58 70	—	58 35
30			61 54	61 01	60 00	59 55	59 35	58 85	58 71	58 20	58 41	57 85
31			61 70	61 40	60 30	59 95	59 51	59 20	59 00	58 70	58 60	58 30
Média	**58 31**	**58 48**	**58 02**	**58 18**	**56 89**	**57 01**	**56 25**	**56 31**	**55 74**	**55 91**	**55 51**	**55 48**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

JULHO DE 1953

DIA	Londres libra	Nova York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
2	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,26 00	3,62 09
3	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,23 48	3,62 09
4	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,22 96	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,22 96	3,62 09
7	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,21 93	3,62 09
8	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,20 90	3,62 09
9	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,18 84	3,62 09
10	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,18 84	3,62 09
11	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,19 87	3,62 09
13	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,19 87	3,62 09
14	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,17 82	3,62 09
15	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,18 84	3,26 09
16	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,20 38	3,62 09
17	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,21 41	3,62 09
18	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,25 04	3,62 09
20	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,25 04	3,62 09
21	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,22 96	3,62 09
22	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,21 41	3,62 09
23	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,20 38	3,62 09
24	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,20 90	3,62 09
25	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,18 84	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,18 84	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,18 84	3,62 09
29	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,18 33	3,62 09
30	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,20 90	3,62 09
31	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,22 96	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,40 34**	**0,65 72**	**1,34 48**	**6,21 09**	**3,62 09**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

JULHO DE 1953

DIA	Londres libra	Nova York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
2	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,05 60	3,55 51
3	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,03 12	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,02 62	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,02 62	3,55 51
7	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,01 64	3,55 51
8	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,00 65	3,55 51
9	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,98 70	3,55 51
10	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,98 70	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,99 67	3,55 51
13	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,99 67	3,55 51
14	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,97 72	3,55 51
15	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,98 70	3,55 51
16	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,00 16	3,55 51
17	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,01 14	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,04 61	3,55 51
20	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,04 61	3,55 51
21	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,02 62	3,55 51
22	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,01 14	3,55 51
23	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,00 16	3,55 51
24	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,00 65	3,55 51
25	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,98 70	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,98 70	3,55 51
28	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,98 70	3,55 51
29	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	5,98 21	3,55 51
30	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,02 62	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,28 81**	**0,63 64**	**1,31 76**	**6,00 00**	**3,55 51**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de Câmbio Livre, afixado pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de Julho de 1953

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Urugual	Suiça	Suécia	Dinamarca	Argentina	Portugal	Espanha	Bélgica	França	Italia
2	123,0333	44,6085	—	15,5000	10,3800	7,9175	5,0000	—	1,5735	—	0,8500	0,1300	—
3	123,0040	44,0866	—	—	10,6000	8,5000	—	—	1,5714	—	0,9000	0,1283	—
4	123,0000	43,7551	—	14,7000	10,2500	—	—	—	1,5477	—	0,7909	—	—
6	123,0000	43,8271	—	—	10,2700	7,9000	—	—	1,5438	—	—	—	—
7	121,4316	43,3604	—	14,7500	10,4945	—	—	—	1,5302	—	0,8318	0,1225	—
8	120,5722	43,2571	—	—	10,1601	7,6000	—	1,9000	1,5170	—	0,8500	0,1157	—
10	120,8200	43,4758	—	14,9307	10,1356	—	—	—	1,5212	—	—	0,1220	—
11	122,0057	43,4592	—	14,7900	10,1811	8,2000	4,8000	—	1,5229	—	0,8580	0,1200	—
13	120,7808	43,4140	43,8000	14,7900	10,1895	—	—	—	1,5548	—	—	0,1200	—
14	120,2623	43,3578	—	—	10,2013	—	6,5000	—	1,5383	—	0,8000	0,1200	—
15	121,5727	43,1957	—	—	—	8,1600	5,7876	—	1,5249	—	0,8400	0,1195	—
16	119,0938	43,1212	—	—	10,1131	8,0000	—	—	1,5199	—	0,8400	0,1190	—
17	120,2371	43,1884	—	—	10,1500	7,5534	5,0038	—	1,5153	—	0,8500	0,1190	—
18	120,6014	43,4347	43,8000	14,7800	10,1750	—	—	—	1,5208	—	0,8214	—	—
20	120,1714	43,4783	—	—	10,1800	8,0800	—	1,8000	1,5176	—	—	0,1190	0,0700
21	120,2102	43,0815	—	—	11,5000	—	—	—	1,5237	1,0500	—	0,1190	—
22	120,6502	42,9328	—	—	10,2700	—	—	—	1,5280	—	0,8400	0,1190	—
23	121,0298	43,4216	43,8000	—	10,2200	—	5,1151	—	1,5304	—	0,8055	0,1180	—
24	120,6751	43,2037	—	—	10,5000	8,0396	6,0090	1,9714	1,5186	—	—	0,1180	—
25	120,6490	43,5321	—	14,9600	10,3644	7,4494	—	—	1,5263	—	0,8252	—	—
27	120,4958	42,8748	—	—	10,1750	8,0000	—	—	1,5046	—	—	—	—
28	120,8400	42,5436	43,0000	—	10,1130	7,5000	5,9000	—	1,5220	—	0,8350	0,1172	—
29	120,3502	42,2506	43,0000	14,6000	9,9505	7,5000	—	—	1,5097	—	0,8272	0,1170	—
30	120,0044	42,4585	—	—	10,2000	7,2509	—	—	1,4992	—	0,7689	0,1168	—
31	120,0220	43,5119	—	—	10,0500	—	—	—	1,5124	—	—	0,1170	—
Média	**120,9805**	**43,3132**	**43,4800**	**14,8667**	**10,2842**	**7,8433**	**5,5144**	**1,8904**	**1,5277**	**1,0500**	**0,8314**	**0,1198**	**0,0700**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de Câmbio Oficial, afixadas pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de Julho de 1953

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
2	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
3	—	18,72	—	—	—	—	—	—	0,6572	—	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	—	—	—	—	0,0535
6	—	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,4034	—	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
11	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	—	—	—	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	0,6572	—	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	—	—	—	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	—	—	0,0535
17	52,4160	18,72	6,2039	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
20	—	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	0,0535
21	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
23	52,4160	18,72	—	4,9271	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
25	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
27	—	18,72	—	—	4,4043	—	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	2,7353	—	—	—	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	4,4043	—	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	6,1884	4,9271	4,4043	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
31	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**6,1961**	**4,9271**	**4,4037**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 3	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 763 649	227 782	25 211	4 690	648 730	4 889	12 050	2 687 001
Fevereiro	1 761 752	277 372	31 003	13 870	564 861	11 897	13 454	2 764 209
Março	1 713 441	165 797	10 019	4 880	654 834	211	14 516	2 563 698
Abril	1 847 122	99 635	29 094	6 280	99 635	—	8 728	2 090 494
Maio	1 962 411	56 041	12 454	6 045	790 122	—	5 488	2 832 561
Junho	1 929 868	174 463	53 056	7 027	707 067	—	4 149	2 875 630
Julho	1 966 641	176 815	60 035	7 425	653 269	—	7 788	2 871 973
JULHO								
" 1952	1 747 763	359 006	29 866	8 323	320 100	250	11 348	2 476 656
" 1951	1 477 517	467 167	37 544	10 354	267 332	10 361	128 122	2 283 087
" 1950	1 618 892	658 060	48 438	25 242	102 615	120	15 640	2 469 007
" 1949	2 146 203	513 627	29 114	56 086	104 190	2 000	20 485	2 871 705

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Um problema difícil: os preços do café — J. Testa 5
Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans 12
Deficiência de microelementos em cafeeiro — Coaracy M. Franco e Heli Camargo Mendes 19
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho 23

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Efeito dos inseticidas orgânicos sôbre as larvas do bicho mineiro do café no interior das galerias — H. F. G. Sauer 45
Importância capital exerce o processo de secagem na formação da qualidade do café 47
A plantação do cafeeiro em renques de nível — José Ferreira Velloso ... 60
A produção de um cafèzal em terra recuperada — Edgar Fernandes Teixeira 63
Durante os últimos cinco anos apenas a safra comercial de 1950/51 revelou saldo positivo — M. Mazzei Guimarães 65
Tipos de terras onde são cultivados os cafèzais — J. E. Paiva Neto 71
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) 72

ESTATISTICA:

Suplemento Estatístico n.º 332 90
Movimento de café em Santos — Safra 1953/54 92
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, julho 92
Movimento de café na praça de Santos — julho ..... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — julho ..... Apenso
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro — julho 93
Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, julho 94
Entradas e embarques de café, no Rio de Janeiro, julho e safra 53/54 94
Exportação Brasileira de Café — julho 95
Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — julho 96
Cotações de café brasileiro no disponível em Nova York — julho 97
Cotação do disponível em Nova York — julho — cafés estrangeiros 98
Cotações de café a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — julho 100
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — I — Mercado Livre — Vendas à Vista — julho 101
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — II — Mercado Livre — Compras à Vista — julho 102
Câmbio em São Paulo — Médias diárias — julho — Câmbio Livre 103
Câmbio em São Paulo — Médias diárias — julho — Câmbio Oficial ... 104
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — Jan. a julho 105

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua da Consolação, 65 - 4.º andar - conj. 41
Fones, 32-8357 e 32-9579
R. PASTORE

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª de capa)	1 página,	Cr$ 3.000,00
Página de capa interna (3.ª de capa)	1 "	Cr$ 2.500,00
Página de texto	1 "	Cr$ 2.000,00
" " "	½ "	Cr$ 1.200,00
" " "	¼ "	Cr$ 800,00

Os agentes autorizados são portadores de apresentação

AVISOS

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

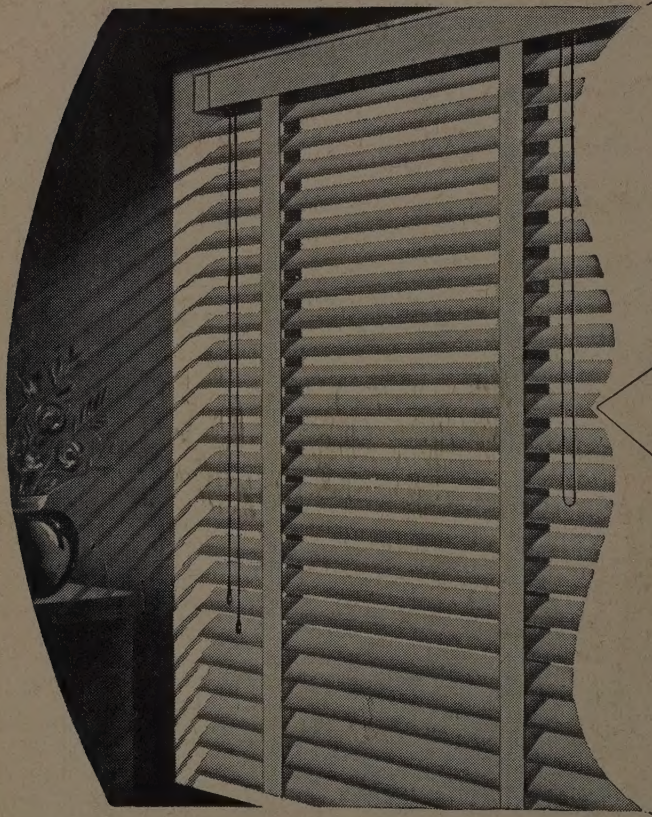
* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

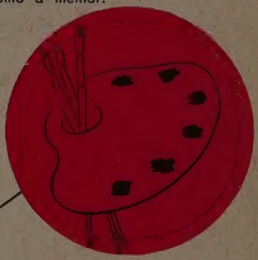
Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

EXPOENTE DE QUALIDADE

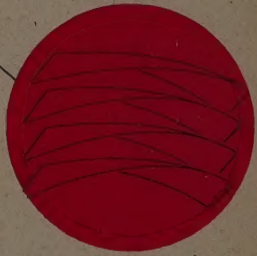
Ao adquirir persianas, observe em primeiro lugar a sua qualidade! SUNLIGHT emprega em seu fabrico materiais rigorosamente selecionados.



As persianas SUNLIGHT possuem um novo processo, pois a feitura de seu estôjo INTEIRAMENTE DE METAL, qualificam-na como a melhor.



As côres maravilhosas das persianas SUNLIGHT embelezam o ambiente.



As persianas SUNLIGHT primam pela alta qualidade de suas lâminas de alumínio flexível e esmaltadas a fogo.

Controlando a luz solar e graduando o ar, as persianas SUNLIGHT tornam o ambiente mais agradavel.

PERSIANAS Sunlight ltda.

ESCRITÓRIO:
R. XAVIER DE TOLEDO, 266 - 9.º s/95 e 96 - TEL. 32-9579
SÃO PAULO